5561 • NOVEMBRO 1991 • ANO 07 • N° 11 • EDIÇÃO 76 • Cr$ 2.500,00

BIZZ

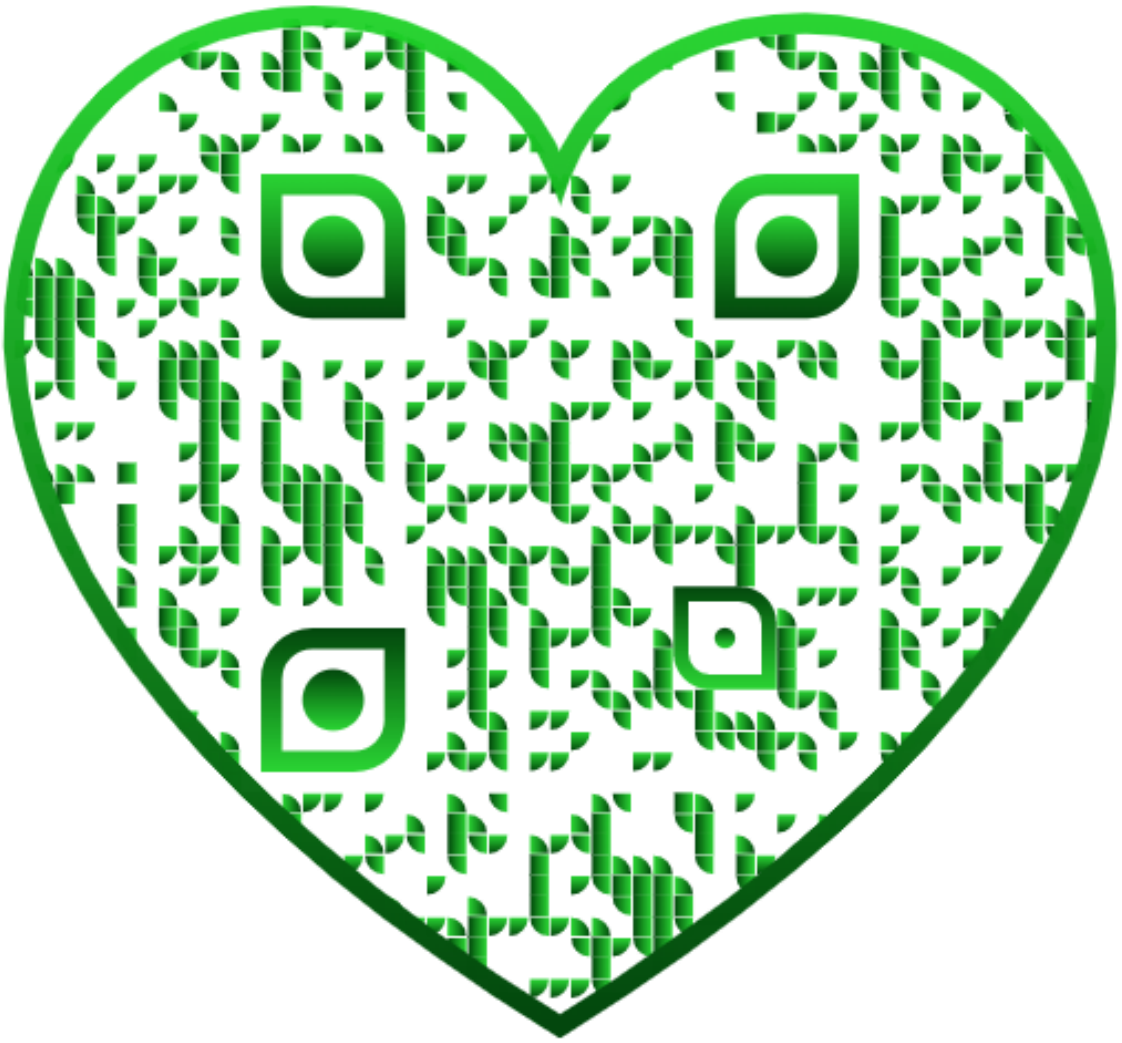
MARINA
SONIC YOUTH
DINOSAUR JR
LOBÃO
SHAMEN
SOUNDGARDEN
BARÃO PARTE 2

TITÃS
"A CRITICA E ESTUPIDA!"

THE CULT
ENFIM NO BRASIL

MIKE PATTON & MAX CAVALERA
JOGAM CONVERSA FORA

U2
DE VOLTA ÀS RAÍZES



U2

Achtung Baby

(Ahk-toong Bay-bi)

the new album

ISLAND

PolyGram

Cem anos de Rock'n'Roll

Um fantástico luau com histórias de surfistas apaixonados, topetes de brilhantina, monstros, vampiros e muito Rock'n'Roll.

Um disco para todas as gerações!

Grabado en ELDORADO

Por que o U2 na capa? Porque é o U2, pô. A maior banda de rock do mundo.

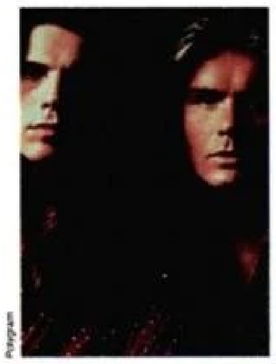
Mas o U2 ainda está com essa bola toda?

Não sabemos, ninguém sabe. Nem o próprio U2 faz idéia se a incontestável maior banda de rock dos anos 80 ainda tem algo relevante a dizer ao mundo nos anos 90. Após a fama, a descoberta da América, a fortuna e o exílio voluntário, é justamente essa procura da banda por sua própria identidade o tema central do disco *Achtung Baby!* — o primeiro do U2 em três anos. A jornada de Bono e Cia. começa na página 32.

Os Titãs também entram na nova década enfrentando chuvas e trovoadas. *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* é mesmo juvenil e primário como a crítica disse? Ou rock honesto e maduro, como defende a banda? Os oito tomam a palavra numa entrevista memorável, que está na página 38.

Finalmente, não podíamos ignorar a presença no Brasil do Cult. Depois de anos de shows programados e desmarcados na última hora, a banda anglo-californiana desembarca em terra tupi na primeira semana de dezembro. Fará uma turnê de ginásios em São Paulo, Rio, BH e Porto Alegre. E também em boa hora: o novo disco, *Ceremony*, combina à perfeição o melhor de *Love* e *Electric*. Confira na página 48.

Rock'n'roll total, como se vê... mês que vem: Engenheiros do Hawaii e uma mega-retrospectiva do ano. *See ya in thirty.*


Polygram

John Barrett Azul

Warner

6 **SHOWBIZZ** Como é Axl Rose na cama?

14 **FAST FORWARD** Dinosaur Jr, Fishbone

44 **FAITH NO MORE** Mike visita Max Cavalera

52 **BARÃO VERMELHO** A história, parte 2

58 **AO VIVO** FNM, Lobão

64 **JUKEBOX** Del Shannon

66 **CONEXÃO BRASIL** Sowhat, Racionais, rádios

68 **DANCE MUSIC** Por que dance é uma maravilha

71 **DISCOS** PDS, Titãs, Sonic Youth, Marina

80 **VÍDEOS** Elvis era assim

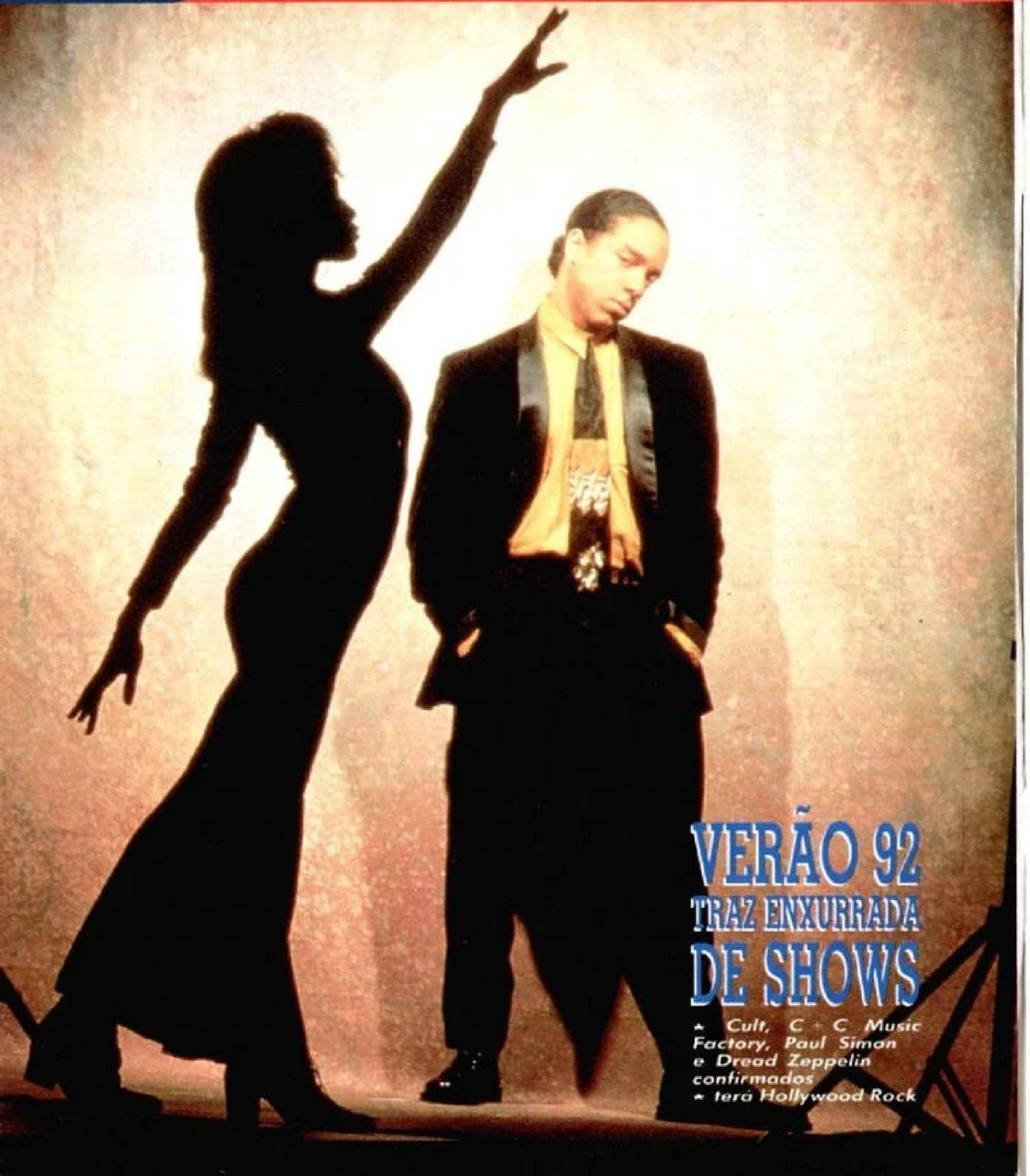
82 **LETRA** "Gett Off", Prince

84 **PARADA** Marisa Monte versus GN'R

86 **CARTAS** O tiroteio continua

90 **DISCOTECA BÁSICA** *Anthology*, Temptations (74)

SHOWBIZZ



É isso mesmo! Recessão ou não, o fato é que *popstars* de todas as cores, tendências e qualidades estarão se apresentando no Brasil até janeiro de 92.

Este mês estarão entre nós os *grooves* schwarzenegerianos do C + C Music Factory e o Dread Zeppelin, que vai mostrar com quantos dreadlocks se toca uma "Stairway To Heaven". Até o fechamento desta edição, datas e lugares ainda não estavam confirmados.

Paul Simon também vem agora em novembro e já tem tudo marcado: São Paulo (22/23, Ginásio do Ibirapuera), Rio de Janeiro (24 e 26, lugar não definido), Belo Horizonte (27, Mineirinho) e Porto Alegre (1.º de dezembro, Gigantinho).

Para os shows de Simon, no Rio, o local está entre o Praça da Apoteose e um palco flutuante na Enseada do Botafogo. O palco flutuante (mais um acesso de megalomania quarto-mundista?) seria inaugurado por Simon para depois ser usado durante a Rio Eco 92, em que viriam vários popstars internacionais. Principais rumores: Madonna e Pink Floyd.

Depois de quatro anos de shows programados e cancelados na última hora, aterrissa aqui em dezembro o Cult. A *South American Tour* inclui shows em São Paulo (dia 4 no Olympia, 5 no Ibirapuera), Rio (8 no Maracanãzinho), Belo Horizonte (10 no Mineirinho) e Porto Alegre (12 no Gigantinho).

Para janeiro está quase certa a vinda do Voice In Fashion. Quem? Trata-se de um grupo americano entre o *latin hip hop* e o tecnopop, que teve dois ou três hits de pista no Brasil.

Mas o que realmente vai estar atraindo todas as atenções em janeiro é o novo capítulo do Hollywood Rock. A Mills & Niemeyer — que está organizando o evento junto com a Souza Cruz — já marcou as datas para os shows no Rio de Janeiro (24, 25 e 26, na Apoteose) e São Paulo (17, 18 e 19 no Estádio do Pacaembu). Quanto às atrações, existem várias possibilidades. Com 99% de chance vêm Pet Shop Boys, Sinéad O'Connor, Firehouse e EMF.

É muito show para um período de pouca grana. Portanto, vá segurando a carteira para a hora H.

EMI-Odeon

CLASH VOLTA?

Joe Strummer, Mick Jones, Topper Headon e Paul Simonon tocando juntos de novo? Bem possível: parece que promotores americanos contataram Jones oferecendo dez milhões de dólares por uma turnê do Clash pelos EUA. Para reforçar os rumores, Jones, em entrevista à *Rolling Stone*, considerou viável a volta do grupo, afirmando estar em ótimas relações com Strummer.

Paul Slattery/RETNA

OUÇA ESSA

"O homem vai trabalhar, dá duro; a mulher cuida da porra da casa. O homem faz o principal para mantê-la viva. Os homens querem que as mulheres dependam deles."
James Hetfield, do Metallica

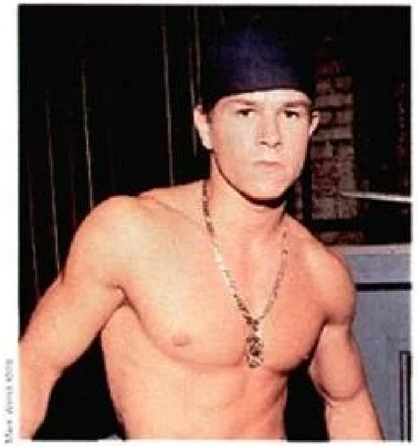
"Não nos seduz o sucesso nacional... Não precisamos nos mudar para o Rio ou São Paulo, como os conjuntos de Brasília."
Os modestos Engenheiros Do Hawaii, numa entrevista publicada em dezembro de 86 na revista *Reflexo*

"Não quero que meus filhos idolatrem alguém que sai por aí matando as pessoas."
Arnold Schwarzenegger

"Paula Toller está mais para Greta Garbo do que para Madonna."
Fernanda Abreu mostra que entende *muito* de divas

mondo mídia

DISCOS *Life 'N Perspectives Of A Genuine Crossover* **Urban Dance Squad** Respire fundo e mergulhe • *Martin* Produçoes de **Martin Hanett** com Joy Division, U2, Buzzcocks, New Order e Happy Mondays • *Screamadelica* **Primal Scream** Elogiadissimo psicodelismo versão pistas de dança • *The Nature Of A Sista* **Queen Latifah** A rainha das rapisas está de volta • *Music Of Quality And Distinction Vol. 2* **BEF** Lembra da matéria no nosso *Fast* de outubro? Enfim, aí está o produto • *Street* **Nina Hagen.** Lembra dessa insana? Agora faz dance com o auxílio de — segura essa — Adamski e Red Hot Chili Peppers • *Trompe Le Monde* **Pixies** Provavelmente vai sair aqui, mas com a tradicional demorinha — falando nisso, que fim levaram os prometidos *Ex.El* do **808 State** e *Blue Lines* do **Massive Attack**? • **TV/VÍDEO** *The Jackson Five* é uma minissérie da rede americana ABC que conta a vida da família **Jackson** • Nossa querida tia **Bowie** provavelmente estará na frente das câmeras em *Twin Peaks — The Movie* • **Michael Jackson**, seguindo Madonna, irá emprestar sua voz para um dos capítulos dos *Simpsons* • Quem são os responsáveis pelas atrocidades musicais dos chamados "comerciais para jovens"? Tema de *Veja* (método Plebe Rude de fazer uma letra), tema de Ruffles, as versões da Skol para "Forever Young"... argh! • **COISAS** *Rave* é um novo jogo de tabuleiro que simula todas as desventuras e prazeres daquelas famosas festas ilegais inglesas • **PARADAS** Ribeirão Preto vibra! O álbum do artista country **Garth Brooks** ocupou o primeiro lugar da parada americana. Isso não acontecia desde 78, com Linda Ronstadt • **LOOK** Nova tendência entre bandas pesadas: cabelo curto e visual de menino certinho. É o caso do elogiado **Mudhoney** e do hardcore inglês **Fudge Tunnel** • **CINEMA** Logo num cinema perto de você *A Família Addams*, com Anjelica Huston e Raul Julia. Morticia e Gomez respectivamente; **MC Hammer** comporá a música-tema. Enquanto isso, a trilha do novo (e, dizem, último) *Jornada Nas Estrelas* terá uma música do psigroovístico **Deee-Lite.**



CARAS NOVAS

IRMÃO DE PEIXE • O mais novo caso de nepotismo pop é Marky Mark & The Funky Bunch. Marky era dos New Kids mas saiu porque não gostava do som do grupo. Ele é irmão de Donnie Wahlberg — e se existe alguem cool nos New Kids é Donnie. O bonitão Marky, com seu grupo Funky Bunch, está fazendo o que gosta: rap e house com um lado pop acentuado. Seu primeiro álbum, *Music For The People*, é produzido por Donnie. O single "Good Vibrations" chegou em primeiro na América. Uma atração da música é a participação da fabulosa vocalista da disco Loleatta Holloway cantando de nova um de seus refrãos clássicos dos 70 — originalmente, da música "Love Sensation".

O BURACO É MAIS EMBAIXO • O Hole é um quarteto de Los Angeles composta de três mulheres — Courtney Love (vocal), Jill Emery (baixo), Caroline Rue (bateria) — e um homem, Eric Erlandson (guitarra). Indo contra o estereotipo "gastosonas metaleiras de LA", o Hole parece ter bastante a dizer sobre amor e glamour enquanto arrebenta os timpanos com barulho de primeira categoria — incluindo muitas covers do Black Sabbath. Foi com a cara? Então procure o disco *Pretty On The Inside*.

IZZY DEIXA GUNS

▲ Duff McKagan e Matt Sorum podem ser os próximos ▲ Guitarrista do Jane's Addiction pode ser o substituto

O guitarrista Izzy Stradlin não pertence mais aos Guns N'Raises. Parece que Izzy não estaria com a menor saco de passar os proximos dois anos entre hotéis, aviões e palcos promovendo *Use Your Illusion*.

Mesmo que ficasse, Izzy trabalharia só no estudio e não subiria mais no palco com o GN'R. Neste caso a banda colocaria David Navarro (ex-Jane's Addiction) para tocar ao vivo, mas só como "acompanhante convidado", ganhando cachês por show.

O pessoal ligado ao GN'R não confirma nem desmente. Mas existem outros indícios. Desde o início da excursão *Get In The Ring Motherfucker*, Izzy viaja e se hospeda separado da banda. Depois não compareceu as filmagens do trecho final do clip de "You Could Be Mine". Na hora de filmar "Don't Cry", ele nem sequer apareceu. Aguarde desdobramentos.

O pior é que tanto o baixista Duff McKagan — no momento gravando um disco solo — quanto o baterista Matt Sorum estariam bastante insatisfeitos na banda.

Esses problemas acontecem no momento de maior sucesso da banda. *Use Your Illusion I* e *II* chutaram a cara dos recordes. Desde o lançamento do último Michael Jackson, *Bad*, não se via nas EUA tanta histeria e ansiedade com um lançamento. Mais de mil lojas abriram as portas à meia-noite e um para começar a vender o disco. Às duas da manhã, o número de cópias vendidas já passava dos quinhentos mil. A prensagem inicial foi de 4,2 milhões e acabou em menos de um mês.

Use Your Illusion II e o *I* entraram, respectivamente, direto na primeira e segunda lugares da parada americana. Nenhuma banda jamais conseguiu isso.

LONDRES

O verão inglês já vai virando lembrança, mas o clima para o Carnaval de Notting Hill continuou quente: o Olodum — junto com a London School of Samba e outros — fez muito inglês dançar • Falando nisso, a palavra "lambada" foi oficialmente aceita pela língua inglesa na nova edição do *Collins English Dictionary*. Definição: dança erótica vinda do Brasil • Alguns fãs dos Stranglers estão tão infelizes com a entrada do vocalista Paul Roberts na banda — depois que Hugh Cornell saiu — que ele foi obrigado a contratar guarda-costas caso as ameaças de morte sejam para valer • Para comemorar a passagem da turnê dos Simple Minds por Londres, a gravadora Virgin deu uma festa e tanto: tendas com vários jogos, comidas de várias partes do mundo e até um trem fantasma. Julian Lennon e Wendy James estavam lá. Só faltou mesmo a banda • Troféu Mau Gosto do Ano vai para a produção japonesa do musical *Jesus Christ Superstar* num teatro londrino. O estilo kabuki não combina muito bem com a música do cafonérrimo Andrew Lloyd Webber • Durante as três noites do *Yamaha Band Explosion* no Marquee — com Atom Seed, Chapterhouse, Manic Street Preachers e outras caras novas —, um público famoso lotou o teatro: membros do Wolfsbane, Wonder Stuff, Primal Scream, Nirvana, Babes In Toyland • Para 92: Michael Jackson promete tocar sete noites no Wembley Stadium no verão. E parece que a Def Leppard encabeçará a lista do festival de Castle Donnington.

ANAMARIA G. DE LEMOS

Performance Sexual:

BILLY IDOL 9
AXL ROSE 1

Estrela pornô conta como eles são na cama

Quem deu o veredicto foi alguém com muita experiência no ramo: Savannah. Ela é uma das *groupies* mais famosas do rock'n'roll — além de uma bem-sucedida no cinema pornô. Para quem não está familiarizado com o lado mais selvagem do rock, a *groupie* é a fã que cola nas bandas com o propósito de dar para todos eles. O tesão da *groupie* por excelência está justamente em transar com uma celebridade.

"Eu adoro sexo e eu adoro sexo com roqueiros mais do que qualquer coisa", diz Savannah. Estas e outras declarações foram publicadas pela revista *Porn Star Annual*. O melhor foi quando ela deu nota para o desempenho sexual de alguns conhecidos nossos.

A maior surpresa foi Gregg Allman, fóssil heroinômano dos Allman Brothers, que recebeu um 10 com louvor. Billy Idol veio logo abaixo com 9. Savannah descreve o evento: "Agitei três ou quatro meninas para ir à sua casa e enchemos a cara. Billy fez seu costumeiro strip-tease. Tirou toda a roupa e ficou andando nu de um lado para o outro."

"Depois começamos meu passatempo favorito — sexo grupal. Billy ficava assistindo duas de nós juntas, enquanto brincava com a terceira. A gente se revezava, mas Billy sempre terminava comigo. Ele não curtia esquisitices, só gostava que eu ficasse de salto alto. Era insaciável, chegava a dar seis numa noite e nunca dava menos que três."

Já o pobre Axl não deu para o começo. "Descobri que apesar de sua arrogância, ele é um dos piores amantes do mundo. De 0 a 10, dou um magro 1 para ele!", arremata Savannah.

TITÃS ESCANDALIZAM TROUXAS

Finalmente os titãs acharam alguém que considere, em 91, letras com palavrões e nojeira como transgressão e coisa perigosa. São os donos e programadores de algumas rádios por aí que vetaram a execução das ditas "podreiras".

Mais bem-humoradas, algumas rádios cariocas têm colocado um apropriado som de descarga antes de tocar alguma das faixas novas.

LEGIÃO NAS LOJAS

Se tudo der certo, você terá em suas mãos até o fim deste mês a obra, a jóia, a lenda, o disco: *Legião Urbana V*. São dez faixas novinhas produzidas pelo mesmo Mairton Bahia dos últimos quatro discos.

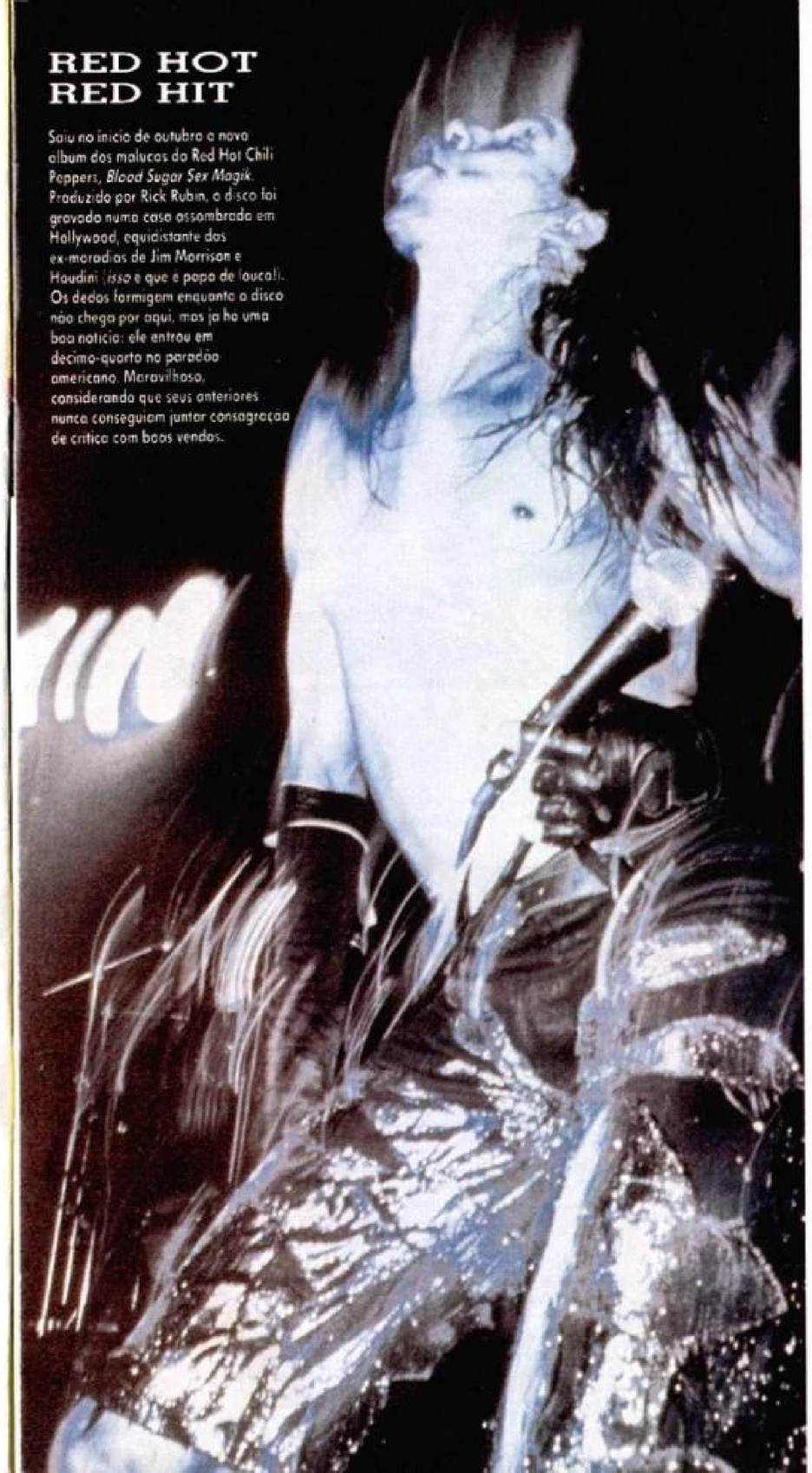
MICHAEL FINALMENTE

Depois de alguma indecisão, o novo álbum de Michael Jackson, *Dangerous*, sai mesmo no fim deste mês. O disco é duplo e fecha com 77 minutos de música.

A primeira faixa de trabalho, "Black And White" terá o clip dirigido por John Landis (*Um Lobisomem Americano Em Londres, Irmãos Cara-De-Pau*) e participação de MacCaulay Caulkin, o astro-mirim de *Esqueceram De Mim*.

RED HOT RED HIT

Saiu no início de outubro o novo álbum dos malucos do Red Hot Chili Peppers, *Blood Sugar Sex Magik*. Produzido por Rick Rubin, o disco foi gravado numa casa assombrada em Hollywood, equidistante dos ex-moradias de Jim Morrison e Houdini (*isso* é que é papo de louco!). Os dedos formigam enquanto o disco não chega por aqui, mas já há uma boa notícia: ele entrou em décimo-quarto no paradão americano. Maravilhoso, considerando que seus anteriores nunca conseguiram juntar consagração de crítica com bons vendas.



LOS ANGELES

Buddy Guy estava se apresentando no Roxy — a rigor para toda a realeza rock de passagem por Los Angeles — quando convidou para o palco Eric Clapton. Nem bem Slowhand atendeu ao convite para a *jam session*, outro guitarreiro surgiu da multidão e ofereceu seus serviços antes mesmo que alguém solicitasse. Enquanto tocavam, Buddy virou-se para Clapton e perguntou: "Quem é esse cara, você conhece?" Eric caiu na gargalhada: "esse cara" era Richie Sambora, guitarrista do Bon Jovi.

• Axl Rose não se emenda mesmo e xinga meio mundo numa das faixas de *Use Your Illusion I*, "Get In The Ring, Motherfucker" (nome, aliás, da atual turnê do GN'Roses): de um jornalista free-lancer que trabalha para a revista *Kerrang!* ao editor da quase fanzine *Circus*, ninguém parece escapar à fúria do Diabo Louro. Mas somente um dos acusados, entretanto, resolveu revidar: Bob Guccione Jr., dono e editor da revista *Spin* (acusado por Rose, na música, de invejoso, "porque seu pai descola mais xota do que você", uma referência ao "emprego" do Bob Pai, o de editor da *Penthouse*), contratou os serviços de Don King — o empresário de Mike Tyson — para programar uma série de rounds à vera com Axl. "Esse cara vai se ferrar", desafiou Bob Filho. "Sou mais alto que ele e estou aprendendo caratê." Ainda não foi marcada a data para a luta. Nem foi anunciado que Axl teria aceito o desafio. *JOSÉ EMILIO RONDEAU*

MILES DEWEY DAVIS III
(1926-1991)

Sony

"Ouça. A maior sensação da minha vida — vestido — foi quando ouvi pela primeira vez Diz e Bird juntos em St. Louis, no Missouri, em 1944... Cara, aquela coisa era tão sensacional que metia medo. Do caralho. Era tudo que eu queria ouvir. E eu lá em cima tocando com eles."

As primeiras linhas de *Miles Davis**, a autobiografia, já dão idéia da atitude do verdadeiro camaleão da música popular, recém-saído do ginásio. O maior músico do século — salvo quem? Hendrix? Stravinski? Brown? Cage? — bateu as botas no dia 28 de setembro passado, aos 65, de complicações de saúde diversas.

Mas, como no caso de outro eminente detonador falecido em fevereiro, aos 62, fica a impressão de que passar dos 60 já é lucro. Falo do francês Serge Gainsbourg, movido a tabaco, álcool, sexo e drogas — que diferiu de Miles só por (se) aplicar esses fatores na ordem inversa...

Outro indicador certo do *punch* de Miles é a trilha sonora da cinebiografia de 1970, do boxeador *Jack Johnson* (1878-1946). O primeiro negro a conquistar o título mundial dos pesos-pesados. Segundo Miles, "a questão era: Jack dançaria com isso? Porque Jack gostava de festas, de se divertir e de dançar". Na capa, um negão ao volante de um conversível, cercado de coquetes. No vinil, a levada mais rock da história do jazz. O trumpete de Miles, de tão lacônico, só aparece depois de uns dois minutos de música.

O disco foi sabotado pela gravadora e sistematicamente ignorado nas discografias — inclusive na série de necrológios deslumbrados que se seguiram à sua morte. Claro, o homem radicalizou no bebop para depois congelá-lo no *cool jazz* — o suficiente para ser convidado a musicar o primeiro longa de Louis Malle em 57, em plena *nouvelle vague*. Tingiu o jazz de blues; fundiu-o ao erudito e ao étnico e refundiu-o ao orquestral; e não pode ter produzido menos do que uma boa dúzia de obras-primas ao longo de quarenta e tantos anos.

A única polêmica possível é se ele reinventou o gênero *três* ou *quatro* vezes. O único movimento importante do jazz de que ele não participou em sua era foi o do free jazz, excessivamente engajado para o seu individualismo radical.

Mas não deixa de ser sintomático que, na hora do balanço, sejam sempre deixadas de lado suas fases mais rock, mais funk e a mais pop, já nos anos 80. Parece que a carreira de Miles acabou ainda em 70, em *Bitches Brew*. No momento preciso em que (além de condensar o jazz-fusion) ele se transformou em um *popstar*.

Como na capa de *Jack Johnson*, o que se vê então é um criolo peso-pesado. Liberto de vez da síndrome de pai Tomás, ao volante de suas Ferraris e Lamborghinis, gravata italiana (ou, oportunamente, bata psicodélica) ao vento, com alguma gata a tiracolo. A única polêmica possível é não se a música, mas se a própria história do século seria a mesma sem esse cara. Ouça.

ALEX ANTUNES

* *Miles Davis*, de Miles Davis e Quincy Troupe, 1991, Ed. Campus

NUM CITIZEN VOCÊ MARCA A ALTITUDE, A PRESSÃO ATMOSFÉRICA,

A VELOCIDADE MÉDIA, O TEMPO DA VOLTA MAIS RÁPIDA,

O TEMPO DA LARGADA, A POSIÇÃO NO VENTO E ATÉ AS HORAS.

Um Citizen autêntico tem este selo tridimensional

No ar, na terra ou no mar, a linha Citizen Promaster tem um relógio para cada tipo de esporte. São diversos modelos, equipados com a tecnologia Citizen para vencer qualquer desafio.

É TEMPO DE AVENTURA, VÁ COM CITIZEN.

PROMASTER
CITIZEN

FAST FORWARD

O fora da lei

Ele teve o primeiro selo de rap multimilionário. Estourou Run-DMC e Public Enemy. Virou headbanger: estourou Cult e Slayer. Hoje chefão de gravadora, o produtor RICK RUBIN é o último dos independentes

Rick Rubin é provavelmente o produtor que mais influenciou a cena do rock atual. O estouro do rap, a revalorização do hard rock, o crescimento do thrash metal, o surgimento de crossovers entre heavy, funk e rap — em tudo isso há o dedo deste nova-iorquino barrigudo com pose de Hell's Angel.

Quando ainda estava na faculdade, Rick montou com Russell Simmons o selo mais importante do rap, Def Jam. Lá, lançou nomes como Run-DMC, Beastie Boys e Public Enemy.

Foi dele a idéia de juntar Run-DMC e Aerosmith numa cover de "Walk This Way". O resultado mudou a face do rap e ressuscitou uma das grandes bandas de hard rock dos anos 70. Mais que isso, Rubin acabou reestruturando a indústria fonográfica: "Walk This Way" foi o primeiro clip de rap que a MTV exibiu. Graças ao sucesso desse crossover, o rap passou a chegar ao público branco.

Em 88, cansado de discutir com Simmons, Rick Rubin deixou o Def Jam e fundou o seu próprio selo, Def American. No começo só tinha um grupo contratado, o Slayer — que Rubin produziu e ajudou a tornar a maior banda de thrash metal do planeta.

Hoje, o selo tem um dos casts mais interessantes do heavy metal. Vai do sombrio Danzig ao heavy cristão do Trouble, passando por Masters Of Reality e Wolfsbane. Inclui uma das bandas que mais venderam discos este ano, os Black Crowes (hard rock tradicional e bem-feito), que foram descobertos, produzidos e promovidos por Rubin. Resultado: dois milhões e meio de cópias vendidas só nos EUA.

O selo chega até a velha paixão de Rick, o rap. Os Geto Boys, o mais provocativo grupo de rap do momento (são mais racistas e machistas que NWA, Ice Cube e 2 Live Crew), gravam pelo Def American.

O que os Geto Boys têm a ver com o Slayer? São grupos radicais no que fazem. Como Rubin, que já peitou brigas com distribuidores importantes como CBS (que não quis distribuir o último do Slayer) e Geffen (mesma coisa com os Geto Boys).

A última de Rubin foi tentar contratar os Red Hot Chili Peppers. A banda acabou assinando com a Warner, mas Rubin resolveu produzir assim mesmo o novo disco da banda, *BloodSugarSexMagik*. O álbum, que deve sair este mês nos EUA, foi gravado numa casa assombrada em Hollywood — sugestão de Rubin, claro. A seguir, algumas palavras de sabedoria do mestre. *A.F.*

Def Jam

"Comecei a Def Jam quando tinha vinte e poucos anos. Na época, a música mais interessante era o rap. Dei sorte — trabalhei bastante também — e consegui, em quatro anos, transformar a Def Jam numa grande empresa."

"Foi muito difícil sair de lá. Eu era muito amigo de Russell, ainda sou. Mas nós tínhamos conceitos bem diferentes do que a firma deveria ser, e eu tinha medo de que se continuássemos sócios deixaríamos de ser amigos. Então saí."

A virada para o rock

"Eu tinha tido enorme sucesso como produtor de rap, então passar a contratar e produzir discos de rock foi visto como uma mudança questionável."

"Mas se eu fosse ouvir conselhos, estaria fazendo discos de rap até hoje e me entediando para cacete. O rap está morto, não me excita mais. Vibro com alguns artistas, como Ice Cube e Digital Underground. Mas são poucos."

"Hoje, a Def American vende mais que a Def Jam, e eu faço o que gosto. Então, acho que acertei."

A indústria

"Na minha carreira, sempre fui muito questionado pela comunidade musical em geral: sócios, distribuidores, gravadoras. Sempre alguém achando que algo é radical demais, pornográfico, racista etc."

"Mas sempre contratei bandas de que gostava, e a história provou que eu estava certo. Quando assinei o Public Enemy, meu sócio, que gostava de rap, desceu o pau dizendo que era uma banda black punk, não rap. Quando juntei Aerosmith e Run-DMC em "Walk This Way", falaram que eu estava maluco. Depois que o disco vendeu quatro milhões de cópias, todos mudaram de opinião."

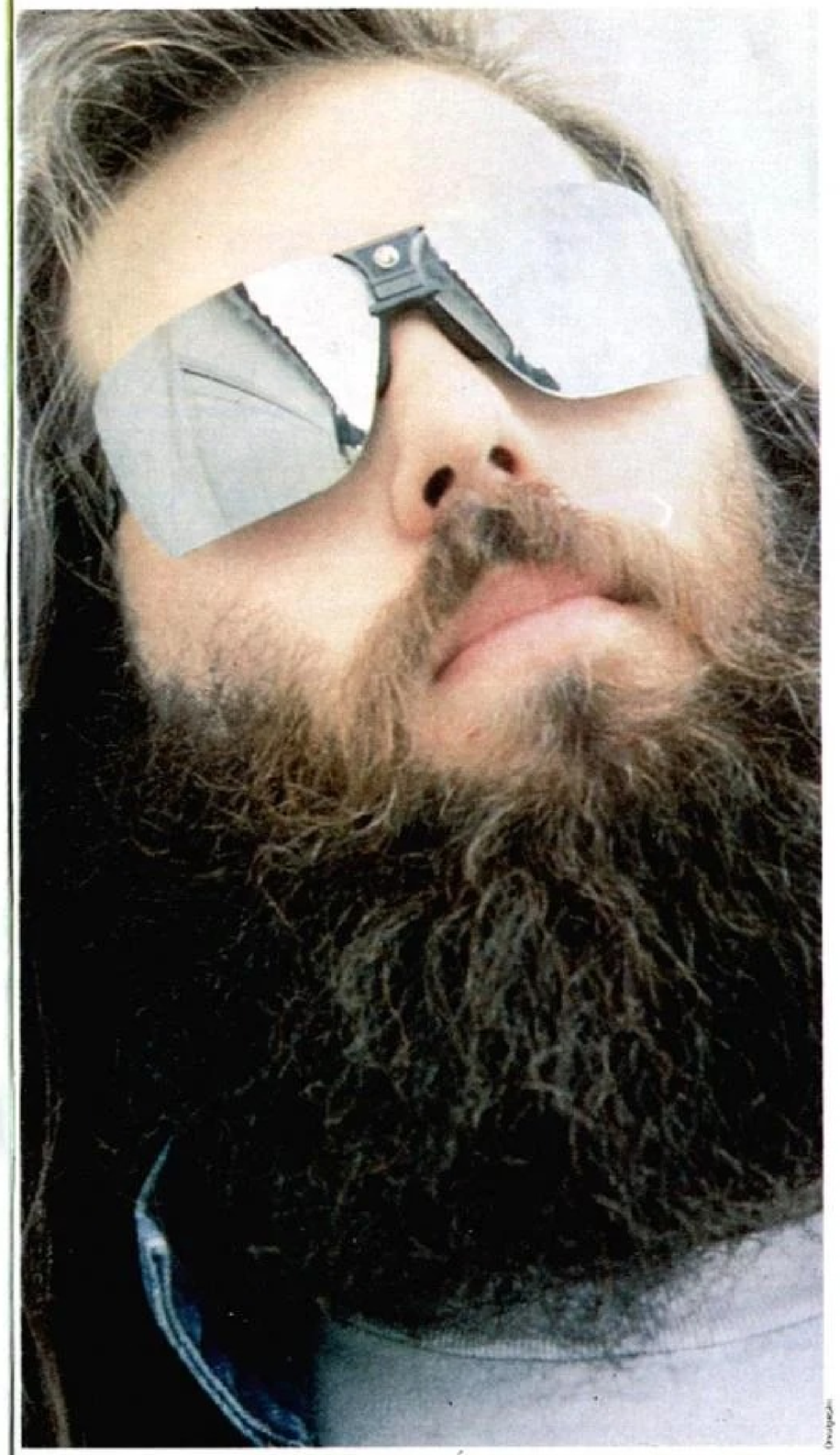
"É preciso entender que o que hoje é chocante, daqui a dois anos já foi absorvido. Elvis, os Beatles, os Doors — todos eram chocantes na sua época."

Fora-da-lei

"Historicamente, o rock é um veículo fora-da-lei, radical. É disso que eu gosto, mesmo que às vezes os grupos que eu contrato falem coisas consideradas 'pornográficas' ou 'ofensivas'. E se forem, grande coisa. O mundo não é um mar de rosas."

"O problema com o rock de hoje é justamente o contrário: cada vez aparecem menos bandas radicais de verdade."

(Entrevista cedida pela PolyGram)



ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

Certeiras porradas e boas doses de suíngue estão na receita do **EP BISCUITS**, do **Living Colour**. Nas seis faixas, duas sobras das sessões de *Time's Up* e uma demolidora releitura de "Burning Of The Midnight Lamp", do mestre Hendrix. *A.C.M.*

NO MORE TEARS, **Ozzy Osbourne**. Canções de verdade, com guitarras de trincar os dentes (cortesia Zakk Wylde) e teclados dando o clima sombrio (como no início do Sabbath), recuperam o status da velha tia. *A.F.*

Mesmo quem não atura o primarismo agressivo do velho Camisa De Vênus ou o primeiro LP solo de **Marcelo Nova** com a Envergadura Moral vai ter que dar o braço a torcer. Em **BLACKOUT** o enfoque acústico não só não mascara a sardônica ironia de Nova como a faz deslanchar. *A.A.*

O bom blues em alta: não bastasse a segunda fornada da série *Roots N'Blues* — com discos de **Bessie Smith, Blind Boy Fuller, Memphis Minnie** e mais três coletâneas —, foi editado por aqui o CD duplo **THE ALLIGATOR 20th ANNIVERSARY COLLECTION**. Duas décadas com as feras do *blues label*. *C.P.*

Garoto.
A pastilha que fala
a nossa língua.

W/Brasil

Jack Daniel's à beira-mar

O grupo carioca Blues Etílicos chega ao quarto disco, unindo a tradição do blues a boas novidades

A capacidade do blues de tocar o inconsciente das pessoas é impressionante. Diante de um riff de T. Bone Walker ou de uma *slide guitar* de Duanne Allman, preconceitos culturais erguidos por fronteiras entre países caem por terra.

No Brasil, alguns artistas também continuam a provar que o blues é uma linguagem sem barreiras. É o caso do quinteto Blues Etílicos, formado pelos guitarristas Greg Wilson (um americano nascido em Tupelo, cidade natal de Elvis) e Otávio Rocha, junto ao baixista Cláudio Bedran, o baterista Gil Eduardo e o vocalista/gaitista Flávio Guimarães.

IV, o quarto álbum do grupo, apresenta algumas novidades. Uma delas é a produção de Gregório Nogueira (que fez a coletânea *Rock Voador*, que lançou o Kid Abelha entre outros). Otávio define a experiência: "Foi nosso primeiro trabalho com um produtor mesmo. O disco ficou com uma seqüência mais lógica do que os anteriores. No estúdio, somos cinco caras com idéias diferentes e o Gregório filtrou o melhor delas".

A segunda boa nova é a parceria do quinteto com outros letristas: Bernardo Vilhena, Guto Goffi, Cachimbo (um poeta da noite paulistana) e Márcia de Carvalho. Flávio explica o processo: "No álbum anterior fizemos tudo nós mesmos, em inglês, ou usamos blues clássicos. Agora resolvemos voltar ao português e abrir novas parcerias".

Uma ótima decisão, como comprova o clima blues de "3.º Whisky" (de Cachimbo, Guto e Frejat). Mas *IV* também comporta covers de Jimmy Reed ("Shame, Shame, Shame"), Otis Spann ("Country Girl") e as participações de Ed Motta em "Hard Times" e de Sérgio Della Mônica em "Pelicano". Esta, por sinal, uma *avis rara*: um reggae instrumental num grupo de blues. A faixa foi sugerida por uma linha de baixo criada em 87 por Cláudio: "O pessoal achava um pouco estranho, mas tem tudo a ver. A função dos dois estilos é parecida. Ambos têm o mesmo clima meio mântrico". *LUIZ VESPUCCIO*

Gil Eduardo, Otávio Rocha, Flávio Guimarães, Greg Wilson e Cláudio Bedran

Ricardo Siqueira Xavi

No ninho dos cobras

Um álbum totalmente gravado na capital do blues é a nova cartada do guitarrista André Christovam

O baterista Porter, André, o baixista Williams e o cantor Odom

Talvez o maior sonho de todo aspirante a *bluesman* seja gravar um álbum em Chicago, de preferência no lendário estúdio da Chess, onde grande parte das carreiras de Muddy Waters, Howlin' Wolfe e Chuck Berry foi registrada. Que o digam os Stones, os Animals, os Yardbirds e tantos outros que já gravaram naquele recinto.

Pois, para o brasileiro André Christovam, a oportunidade surgiu quase por acaso. "Tinha decidido fazer este novo disco no exterior e haviam propostas para gravar no Tennessee e em Vancouver, no Canadá. Foi quando recebi uma carta da Chess e sondei a possibilidade de usar o estúdio deles, no número 2120, da South Michigan Avenue. Apesar de toda a fama que o cerca, era o que apresentava o orçamento relativamente mais baixo e oferecia as melhores condições".

O ambiente foi realmente propício, segundo André: "Eles ainda possuem os mesmos equipamentos das décadas de 40 e 50 disponíveis para a sala de gravação, enquanto na parte técnica os aparelhos são supermodernos. Isso nos levou a um *blend* absurdo de timbres de guitarra, sem falar na emoção. Imagine cantar no mesmo velho microfone RCA que Muddy Waters usava".

A própria idéia do álbum foi se modificando à medida que o processo de gravação avançava. "Quando saí daqui, só sabia que ia incluir neste terceiro disco a versão de 'Hard Times Killing Floor', do Skip James, além de três músicas instrumentais que fugiam da esfera do blues, mas que eu queria registrar mesmo assim. Foi a partir do trabalho com a banda (*ver box*) que o álbum se delineou."

Assim, André define *The 2120 Sessions* como um disco de blues explícito: "Apesar das exceções, foi o que chegou mais próximo disso. Os anteriores tinham apenas um enfoque *bluesy*, a partir das experiências pessoais dos músicos que então tocavam comigo". E arremata: "Meu objetivo agora é trazer os caras de Chicago para promover o disco. Ele corre o risco de ficar perdido em meu trabalho se não pudermos apresentá-lo ao vivo". *CELSO PUCCI*

André apresenta a banda

Andrew Odom: "Uma voz incrível. Durante onze anos, ele foi o cantor de Earl Hooker (*primo de John Lee Hooker e mestre na slide guitar*). No ano passado, estávamos tocando no bar de Buddy Guy em Chicago quando ele subiu para dar uma canja e acabou cantando com a gente por mais de quarenta minutos. Quando voltei para lá agora, bastou outra *jam* para que aceitasse participar do disco".

J.W. Williams: "Foi Andrew quem o trouxe, pois era o baixista de sua banda. Também toca com Buddy Guy e gravou com ele no álbum *Stone Crazy*. Compôs uma música para o meu disco ("Don't Ever Leave Me"), na qual fez a letra no ato e gravou o vocal num só *take*. Ficou simplesmente fantástica".

Jerry Porter: "Já o conhecia há uns sete ou oito anos, desde que foi o baterista de Buddy Guy, na primeira vez em que veio ao Brasil. Também esteve por aqui acompanhando Magic Slim e, como já havíamos tocado juntos, logo aderiu ao projeto".

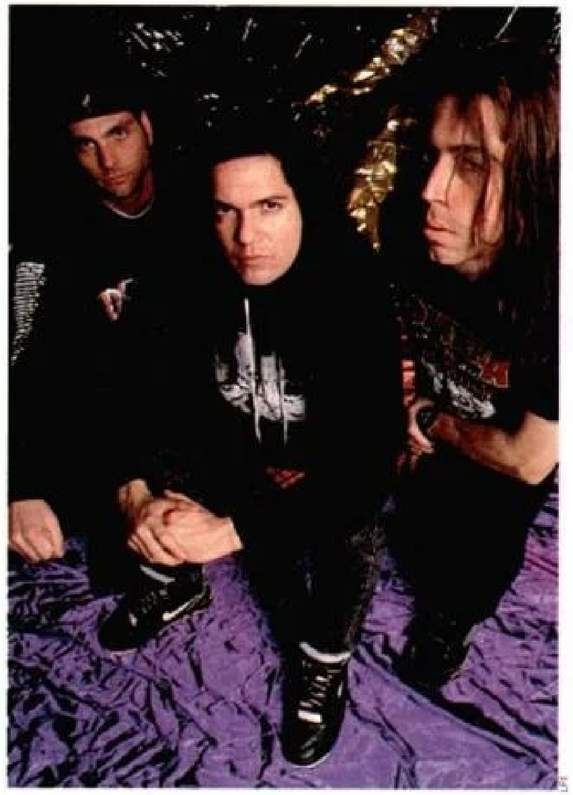
RAIZ

COUNTRY
FOLK
BLUES

Dose dupla de Albert Collins no Brasil, via EMI-Odeon. Além do seu mais recente álbum (*The Ice Man*, do selo Pointblank), também foi lançada a compilação dupla *The Complete Imperial Recordings*, com 36 faixas abrangendo o fecundo período em que o ás da Telecaster esteve ligado à gravadora. Que o exemplo seja seguido pela BMG-Ariola, em relação ao novo petardo de John Lee Hooker: *Mr. Lucky* (Silvertone). • Boas (e más) novas no folk irlandês: pouco depois do lançamento do *The Best Of The Pogues* (Pogue Mahone), o cantor Shane MacGowan abandonou a banda por "motivos de saúde" (hic!). Em seu lugar, está temporariamente o ex-The Clash Joe Strummer • E o velho bardo Van Morrison ressurge com um novo álbum (duplo): *Hymns To The Silence* (Polydor). • O baterista Robert Williams tem um perfil pouco comum: foram várias as figuras esquisitas com quem gravou (de Captain Beefheart ao ex-guitarrista dos Stranglers, Hugh Cornwell) ou tocou (do ex-The Doors, Robbie Krieger a membros do Devo). Pois em *Chrome, Smoke & Water: A Compilation Of Hot Rod Music By Robert Williams* (Blast First) ele não toca, mas seleciona suas canções "estradeiras" favoritas. Elas vão de Bill Haley em 51 ("Rocket 88") ao Big Stick em 87 ("Drag Racing"), passando por raridades como "A-Bone" (o *B side* de "Surfin' Bird") dos Trashmen. *CELSO PUCCI*

hardcore cerebral

Em seu novo disco, o PRONG destrói tímpanos mas não neurônios



Quem acha que o hardcore morreu nos 80 tem de ouvir o Prong. O trio nova-iorquino, formado em 86 por dois funcionários do clube-meca punk CBGB, já tinha um vinil no currículo — *Beg To Differ*, do ano passado. Mas o disco não correspondia ao ataque da banda ao vivo. Agora, com um baixista novo (Troy Gregory, ex-Flotsam & Jetsam), o guitarrista-cantor-fundador Tommy Victor e o baterista Ted Parsons (ex-Swans) lançam o LP *Prove You Wrong*, uma porrada descrita pela crítica americana como "uma combinação de Metallica e Ministry, ou Killing Joke com Aerosmith". *A.F.*

mestres do barulho

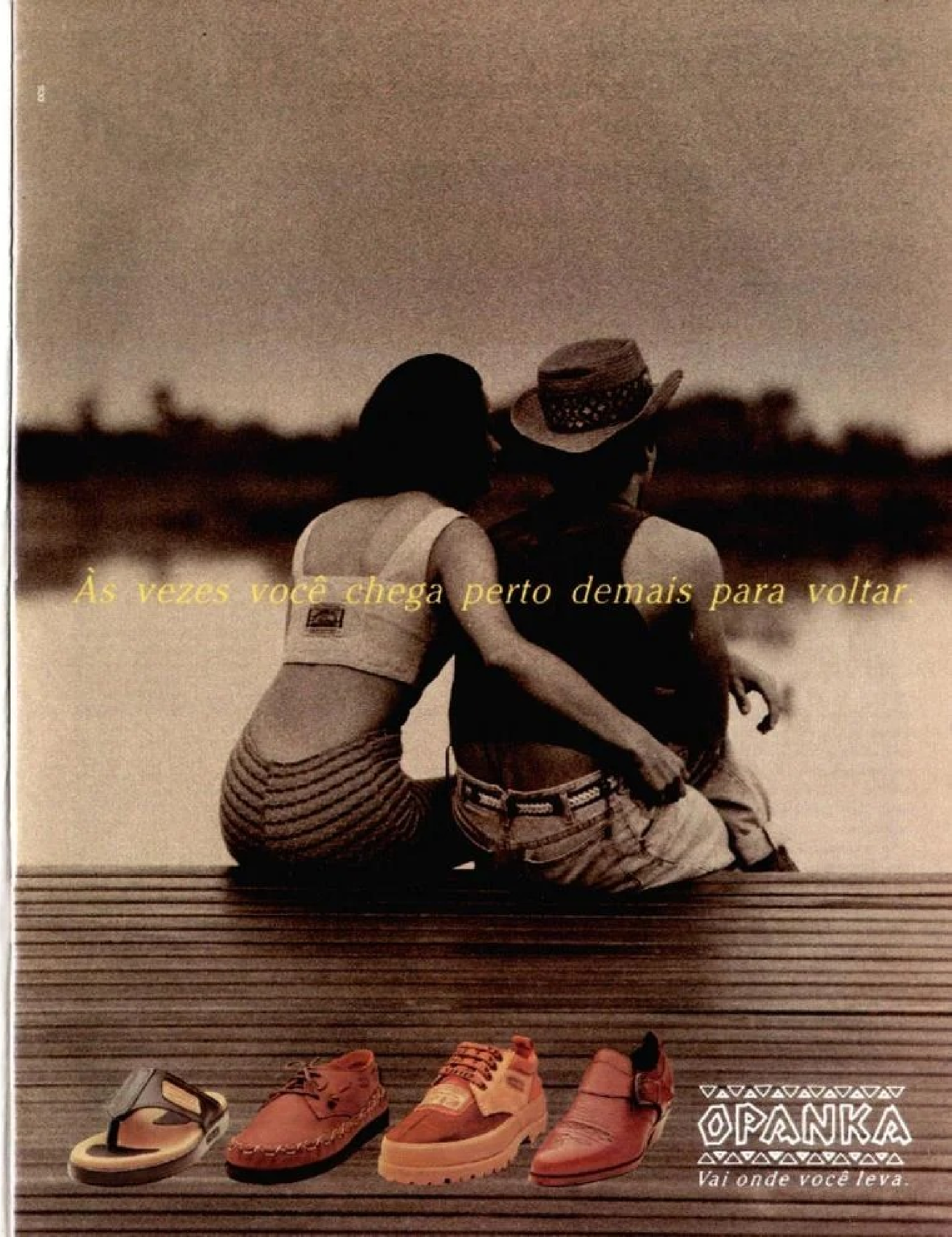
Badmotorfinger marca a volta do SOUNDGARDEN

Dos grupos ligados à gravadora Sub Pop — que transformou Seattle na nova meca do metal — o mais cultuado é o Soundgarden. O último disco deles, *Louder Than Love*, era puro Black Sabbath para os anos 90. Agora, o álbum *Badmotorfinger* redescobre outros monstros do rock 70 — Grand Funk, Rainbow e até Jethro Tull entram no mix. Os temas são mais sérios — opressão política em "Slaves & Bulldozers", religiosa em "Jesus Christ Pose". Mas a distorção continua no pico. *A.F.*

METAL

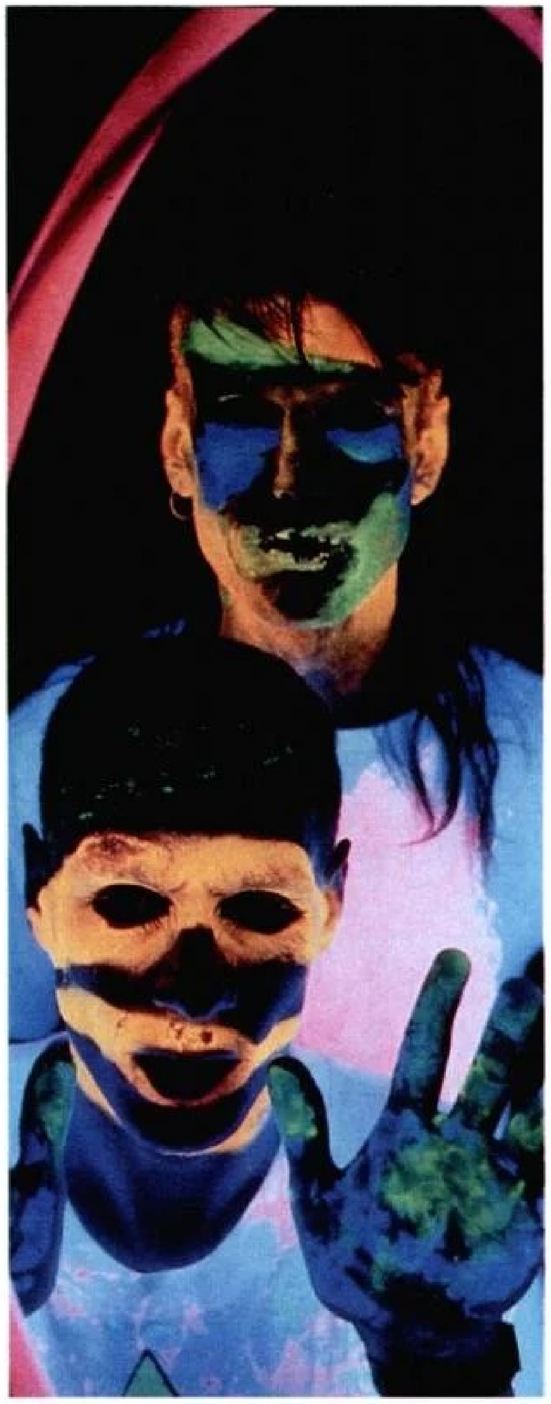
HARD
HEAVY
THRASH

O Mötley Crüe quase botou o Marquee abaixo. Disfarçados sob a alcunha de The Fourskins, atiçaram a fúria dos fãs do 4-Skins, lendária banda de carecas. Os skinheads londrinos ameaçaram detonar o show, que serviria para aquecer as turbinas do Mötley para a nova turnê mundial. Mas os carecas não aprontaram o prometido e o público fanático do Mötley hiperlotou a casa para assistir ao show • A megalomaníaca turnê *Operation Rock'N'Roll* — que reuniu medalhões como Judas Priest, Alice Cooper, Metal Church, Motörhead e Dangerous Toys — foi um legítimo fracasso na Europa. Programada para lugares que comportam de dez a trinta mil pessoas, o superespetáculo não deu nem para o cheiro • Enquanto isso o festival *Lollapalooza*, encabeçado pelo Jane's Addiction, arrebentou na Inglaterra • Podem ir batendo palminhas. O Slayer está lançando um álbum duplo com seus melhores momentos, ao vivo • O Van Halen está sendo processado por uma senhora americana. O assunto em questão é um número de telefone estampado na capa do último disco da rapaziada, ficticiamente da casa do baterista Alex. O problema: a real dona do número em Montrose, Pensilvânia, recebe uma média de setenta ligações por dia • Billy Gould, baixista do Faith No More, está encarando um trampo novo. O cara dirigiu o clip da música "Surprise! You're Dead", do FNM • O Nuclear Assault está de disco novo na praça — *Out Of Order*. *EVIL OTTO*



tecno freaks

Mesmo após a morte de um integrante, o SHAMEN ainda une psicodelia e tecnologia



The Shamen era um grupo único. Começou como mais uma daquelas duplas inglesas tipicamente independentes e "artísticas" — só que escocesa e usando muito mais instrumentos eletrônicos que a média.

Em 88 — e portanto muito antes dos Happy Mondays e que tais — descobriram e passaram a incorporar ritmos house, como no álbum rap-acid *In Gorbachev We Trust*. Logo vieram singles mais e mais viajantes — "Jesus Loves America", "Omega Amigo", "Progen".

Will Sin e Colin montaram uma espécie de *nightclub* móvel, o Synergy, que combinava efeitos especiais de ponta (laser etc.), DJs convidados e outras bandas. Tudo em favor de um conceito especialíssimo — uma combinação de situacionismo, psicodelia, socialismo, new age e technofreakagem. Timothy Leary e *Neuromancer* em partes iguais.

No início deste ano saiu *En-Tact*, novo álbum do grupo. Finalmente, os xamãs estouraram (merecidamente) com o single "Move Any Mountain". E aí, Will Sin morreu num acidente de carro estúpido.

Se agora The Shamen vai desaparecer, ninguém sabe. Provavelmente não: saiu em outubro na Inglaterra *Progeny*, um álbum *tripío* com dezenove versões diferentes de "Move Any Mountain". Um lado do disco é tipicamente shameniano: traz todas as batidas, loops e linhas de "Move Any Mountain" separadas. Assim, cada um pode realizar seu próprio mix. É bacana ou não é?

ANDRÉ FORASTIERI

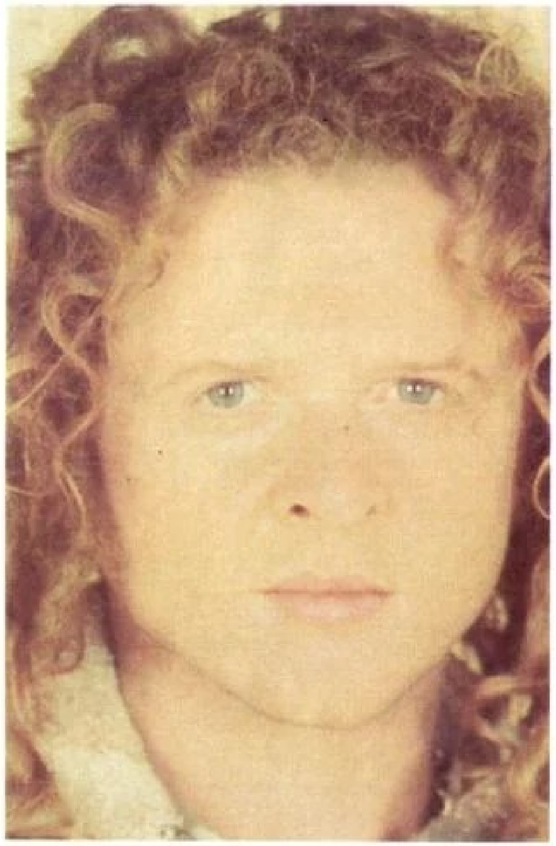
ELECTRO

TECNO POP
E B M

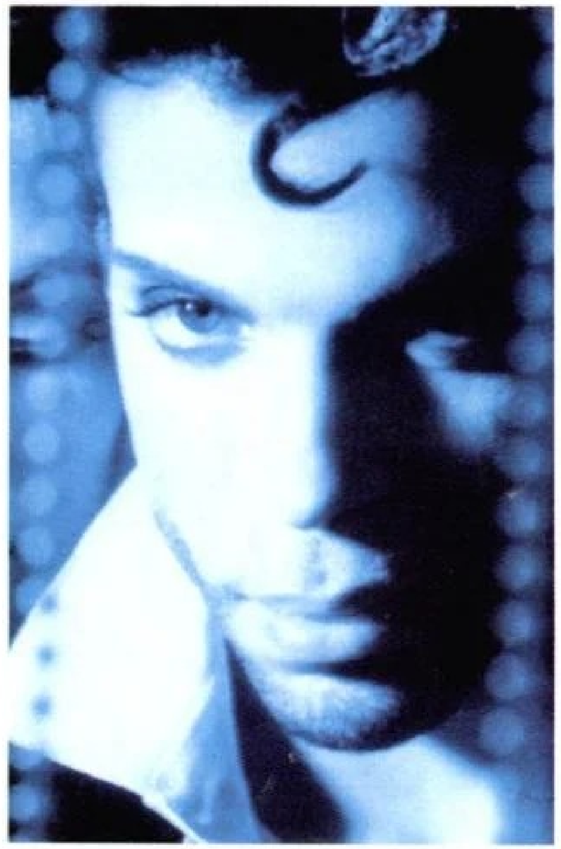
Provando que também sou humano, gostaria de pedir desculpas a Genesis P-Orridge (Psychic TV) por associá-lo totalmente ao Psychick Warriors Ov Gaia, um grupo holandês do qual Genesis apenas produziu o primeiro single. Sorry... • O Stereo Taxic Device, novamente lutando contra o uso de animais em testes de laboratório, aparece em "Lostland" (KK) • Pelo mesmo selo belga sai o Kode IV, com remixagem para "Possessed", e o duo Insekt em "Perfect Crime" • Definitivamente 91 foi um ótimo ano para o grupo italiano Pankow. Estão assinando com uma *major* nos EUA, iniciaram sua maior turnê mundial e a vendagem de seus discos disparou. Como um brinde a isso tudo a Contempo — responsável pela banda na Itália — lança uma coletânea, *Svobody!*, com seus maiores sucessos remixados • RRR é um selo *no-music* americano especializado em noise gerado em teclados e computadores. Seu primeiro registro em CD é a coletânea *Due Process* • A banda belga Shift assinou com o selo alemão Zoth Ommog (Leatherstrip, Aircrash Bureau) e *Electrofix* é o primeiro lançamento • Compound é o novo projeto de Andrew Szava-Kovats (Data-Bank-A). Anote o nome do álbum: *Cinema Verité* (Dossier) • *Chased By Sunset* é o mais novo registro dos suecos do Scapaflow via Energy Records • Lançamentos da Parade Amoureuse: Chris & Cosey em *Allontropy*, Lassigue Bendthaus em "Hertz" e os ingleses do Federal State com *N:Euro*.

ENEAS NETO

SIMPLY RED E PRINCE
PRA QUEM ANDAVA SONHANDO
COM JÓIAS E ESTRELAS.

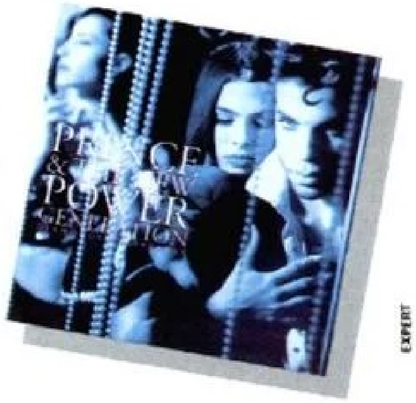


SIMPLY RED Stars



PRINCE Diamonds And Pearls

DE UM LADO, O POP DANÇANTE E AS BALADAS ROMÂNTICAS DO SIMPLY RED. DO OUTRO, O FUNK ENDIABRADO E O RAP AGITADO DE SUA MAJESTADE PÚRPURA, PRINCE. DOIS TALENTOS WARNER QUE BRILHAM A CADA LANÇAMENTO.



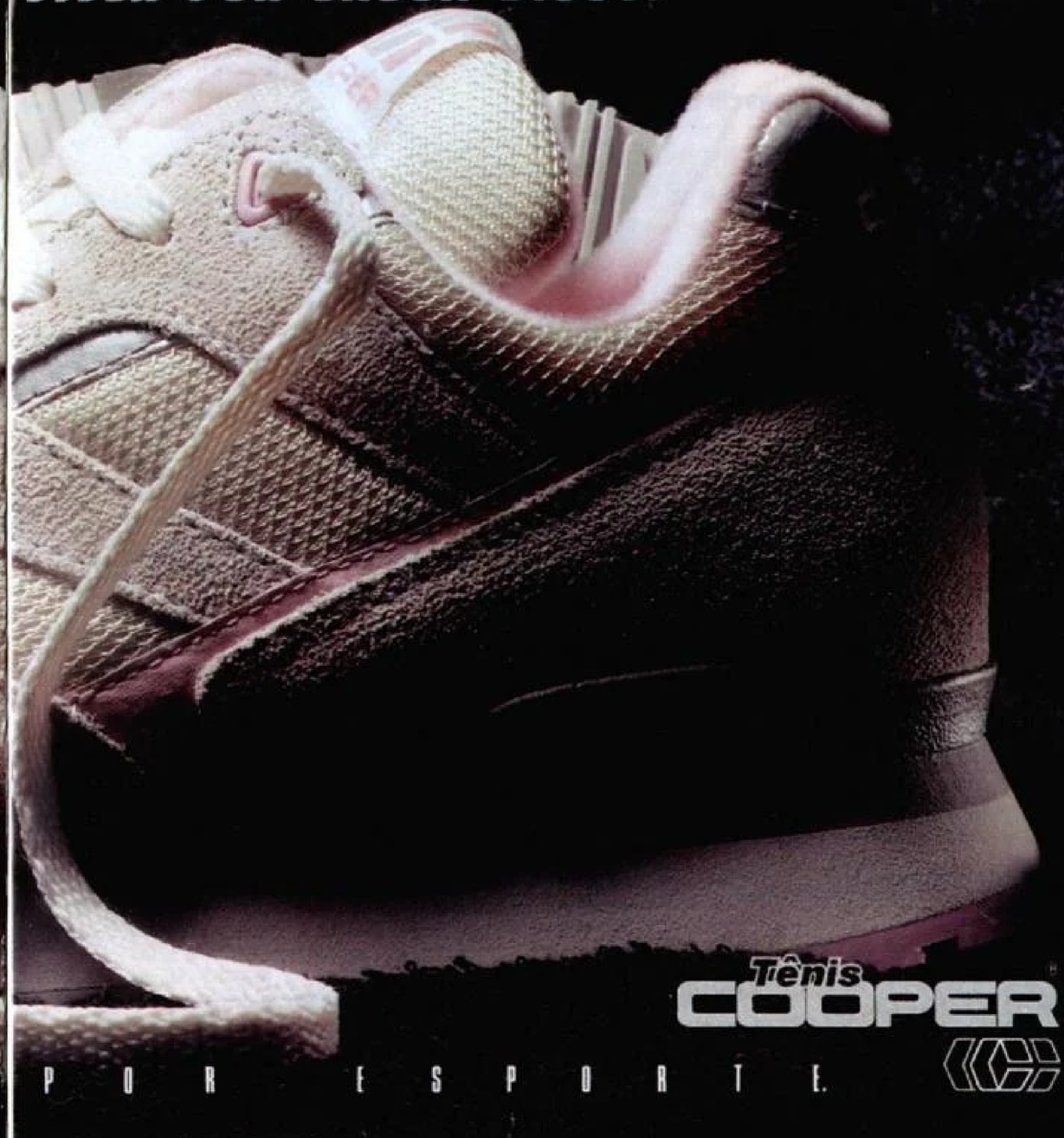
Em CD - LP - K7

WARNER MUSIC

EXPERT

A MELHOR COISA QUE VOCÊ PODE FAZER É PASSAR A VIDA PRATICANDO ESPORTE.

A PIOR É ESQUECER DE VIVER POR CAUSA DISSO.



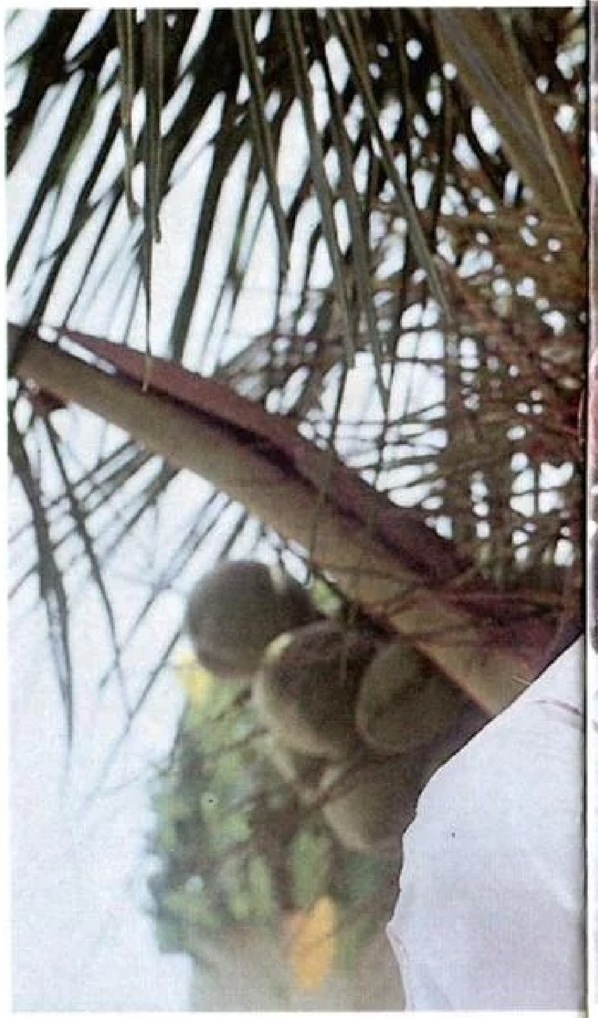
PRA QUEM VIVE.

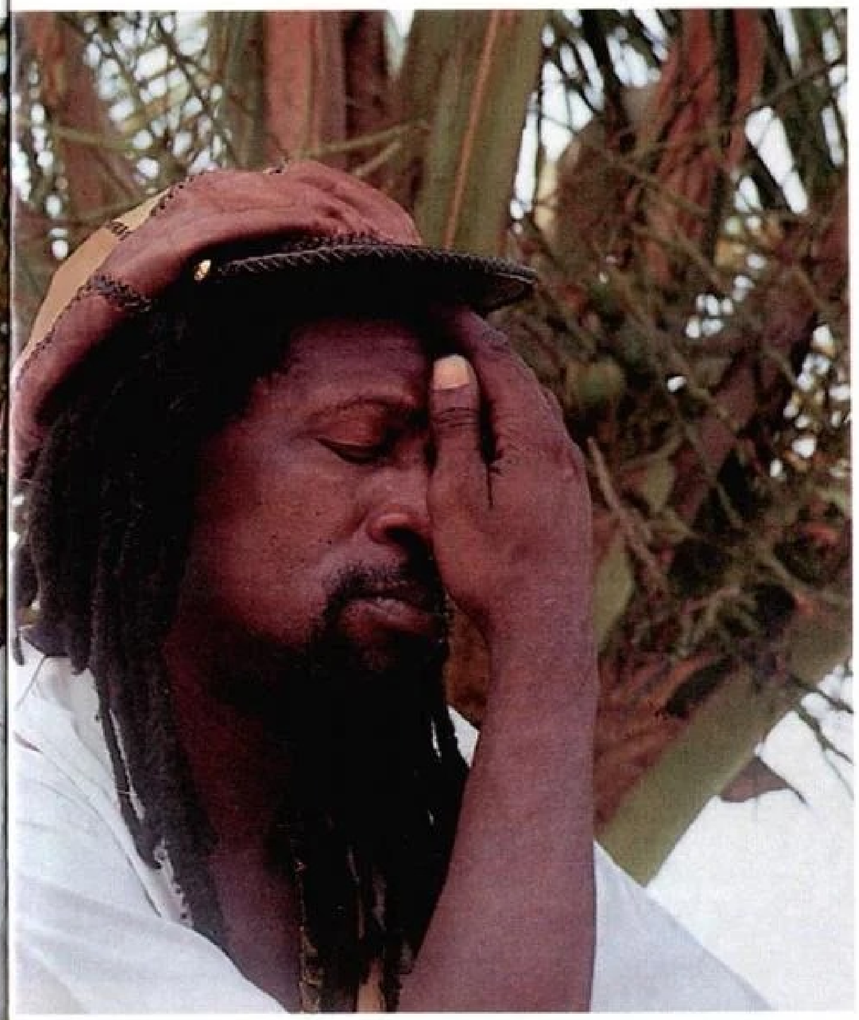
POR ESPORTE.

Tênis COOPER

O Roberto Carlos do reggae

Como o rei GREGORY ISAACS foi contrabandeado da Jamaica para uma minitour no Maranhão





Fotos Otávio Rodrigues Azul

Gregory Isaacs é sucesso em todas as quebradas do Maranhão há mais de dez anos, mesmo sem discos lançados no Brasil. Com as novidades que recentemente a Eldorado garimpou no catálogo da Heartbeat (*My Number One, Dancing Floor, Love Is Overdue*), o negão passou a ser arranhado pelas agulhas locais com empolgação ainda maior.

Para trazer o homem e a The Riddim King Band ao Maranhão, a empresa promotora foi formada às pressas por um dono de bar, um radioleiro e um gerente de hotel. Na véspera do show, o inesperado: Gregory Isaacs barrado em Miami.

Na madrugada de sexta para sábado, uma força-tarefa varou a noite maranhense produzindo o impossível: tirar Gregory Isaacs da Jamaica, onde estava timmaiamente acomodado, e colocá-lo no palco do Estádio Municipal Nhozinho Santos, sem passar por Miami. Tudo isso em 24 horas.

Vem ou não vem? A dúvida modificou os números: dos trinta mil espectadores esperados, só compareceram quatro mil.

E o cara veio. Os promotores e patrocinadores peitaram a própria inexperiência bancando um jatinho para buscar Gregory Isaacs na Jamaica. Todo destrambelhado, camisa com um lado para fora da calça, panamá branco no teto, lá vem Gregory, só ele e a mulher, na pista do aeroporto. Início de tumulto, mais de quinhentas pessoas querendo encostar no santo ao mesmo tempo. Mas... cadê a banda?

A banda não embarcou. "Gregório" se recompôs como pôde, sacudiu a poeira e entrou no palco para delírio da geral. Com o auxílio nada luxuoso de um playback, mandou uns dez sucessos na ponta da língua: "Story's Book Children", "Soon Forward", "Gi Me", "Night Nurse", "Love Is Overdue"... estava ali a voz anasalada, curtida em muita fumaça, que universalizou o estilo romântico do reggae.

Muita gente duvidou que ele tinha cantado mesmo. A saída era fazer outros shows e, na segunda-feira, Gregory já estava ensaiando com a tribo de Jah, banda de reggae maranhense formada quase que inteiramente por rapazes cegos. Os shows-curativo rolaram dia 10 de agosto no Espaço Cultural e dia 25 de agosto na praia, de dia, a céu aberto e de graça.

Ao longo dessa jornada nas esteiras, Gregory Isaacs virou cidadão maranhense. Frequentou salões de reggae, andou sozinho pelas praias, rabiscou o nome em milhares de guardanapos, assistiu ao Information Society, assobiou e chupou cana. E outras coisas que ele nem se lembra mais.

OTAVIO RODRIGUES

PULSO

REGGAE
WORLD BEAT

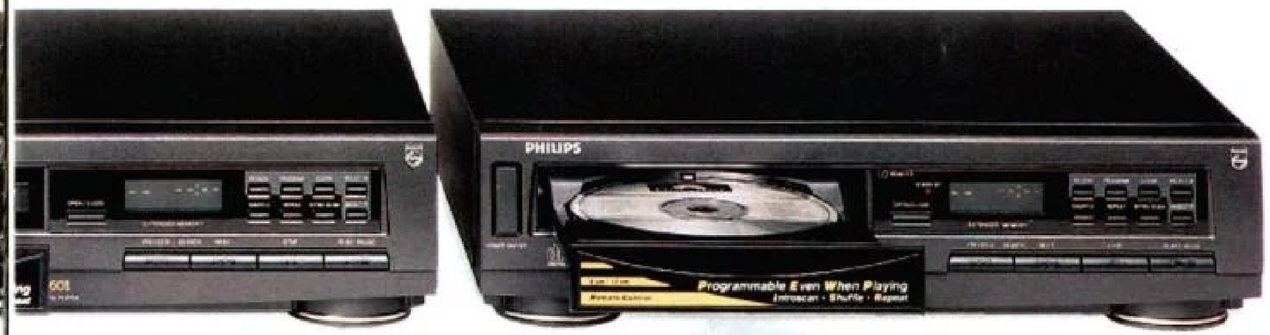
A cantora Joyce lança seu segundo álbum pelo selo Verve/PolyGram, *Línguas & Amores*, ou *Love & Languages* no resto do mundo. Na faixa "Taxi Driver" ela faz dueto com Jon Hendricks — mestre, entre outros, de Al Jarreau e Bobby McFerrin. Rap doce gravado em Nova York com Rodrigo Campello no cavaquinho elétrico. MPB tipo exportação • Enquanto Junior Reid, o cantor jamaicano que substituiu Michael Rose no Black Uhuru, acontece lá fora com seu segundo álbum solo, *Progress* (Big Life), a Stiletto lança aqui o primeiro, *One Blood*, de 88. Parcialmente produzido nos estúdios Music-Works de Kingston, o disco mostra a tecnologia de ponta atual. E também inclui músicos de ponta: China Smith, Sly & Robbie, Danny Brownie, Tyrone Downie, Dean Frazer, Tony Ascher, Cleevie Brownie... A falecida Puma Jones, ex-Black Uhuru, faz backing vocals numa versão ragga de "Eleanor Rigby". Raízes digitalizadas • Funki Dred, a gravadora de Jazzie B nos States, está lançando *The Legend Of Lady Levi*. Lady Levi é a mais bela de todas as DJs jamaicanas. Ela mora na Califórnia e acha que os afro-americanos não deveriam ter raiva dos brancos de hoje por causa da escravidão do passado. Inteligente, reggae e dançante.

JOÃO MONTANHA

PHILIPS

PHILIPS

TRÊS OPÇÕES DE CD PLAYER PARA DEIXAR VOCÊ COM APENAS UMA OPÇÃO DE MARCA.



PRODUTO IMPORTADO

CD CHANGER AK 701
Uma das maiores conquistas da Philips foi ter criado o CD que revolucionou o mundo do som. Daí, somente o seu inventor poderia oferecer um CD Player com carrossel para 5 discos com tantos recursos. O AK 701 foi desenvolvido para você ouvir a fidelidade do mais puro som durante muito mais tempo. Ele reproduz até 6 horas de música daquele jeito que você sempre sonhou: sem nenhuma interrupção. Para facilitar ainda mais, o AK 701 permite a troca de até 4 discos do carrossel sem precisar parar a música que está tocando. Se você já tem o System Powerplay AS 9400 (Skyhawk), pode usar o seu controle remoto para operar também o AK 701. E, se o seu repertório é extenso, ele tem programação para até 50 faixas, na ordem que você quiser ou até sem ordem nenhuma, através de uma programação aleatória.

COMPACT DISC PLAYER AK 601
É só ouvir o AK 601 para entender por que a Philips se destaca tanto no mercado de CD Players. Como todos os outros modelos da linha, o AK 601 impressiona pela qualidade de som, sempre impecável. E basta que você tenha o System Powerplay AS 9400 (Skyhawk) em casa para utilizar o mesmo controle remoto e operar também o CD. Ou seja, quem já estava feliz com a qualidade e performance do Powerplay vai ficar ainda mais satisfeito com a pureza de som deste CD Player e as vantagens de usar um único controle remoto. O AK 601 também tem memória privilegiada, com capacidade para até 32 faixas.

CD PLAYER AK 603 COM CONTROLE REMOTO
Você tem um som mas não tem um CD Player? Agora tem. AK 603. Ele pode ser conectado ao equipamento de som que você tem em casa, mesmo que ele não seja um Philips. O AK 603 possui controle remoto próprio, para você operar

as funções do CD Player sem ter que sair daquela poltrona macia. Com memória para 32 faixas e os mesmos recursos do AK 601, o AK 603 se encaixa perfeitamente às suas exigências de qualidade.
Todos os modelos da linha Philips de CD Players são compatíveis com os CDs de 8 cm (3") e possuem um design tão arrojado quanto o estilo de vida que você gosta de ter. Além de todas estas atrações, existem muitos outros recursos comuns a todos os CD Players da linha. Um deles é o **Shuffle**, que possibilita a reprodução das músicas do disco em ordem aleatória. Com o **Introscan**, você pode ouvir os segundos iniciais de cada faixa do disco. Para garantir a precisão da leitura e reprodução, **Sobreamostragem Quádrupla** e conversor analógico digital de 16 bits. Quer ouvir tudo de novo? Use o **Repeat**. Mas a gente não precisa repetir mais a opção de marca que você deve ter, preciso?

CD PLAYER PHILIPS. SÓ QUEM INVENTOU O CD PODERIA TER ESTA LINHA.

noise total

Herdeiro de monstros do rock-barulho como Sonic Youth e Butthole Surfers, o DINOSAUR JR amplia seu público com o álbum *Green Mind*

Dave Roper/LFI/DR

Peça ao Dinosaur Jr para descrever sua própria música e eles logo agarram suas latas de Budweiser e... pensam! "Lixo", diz Murph. "Country arrebenta-ouvidos", insiste J Mascis. "Quando os pais de meus amigos me perguntam, eu digo que é punk folk", conta Murph.

Sentados à minha frente estão os três membros da banda mais preguiçosa do mundo. J Mascis — dizem que ele só assiste TV o dia inteiro — se esconde atrás do chapéu e óculos escuros e raramente abre a boca. O baterista Murph está ocupado devorando uma pizza fria e o novo baixista, Mick Johnson, me informa que é de Seattle, onde "não há nada para se fazer".

Foi essa falta do que fazer que levou J e Murph, ambos de Boston, a formar o Dinosaur Jr assim que terminaram o colegial. As guitarras barulhentas e bagunçadas e o vocal estilo bicho-preguiça de J logo conquistaram estudantes, rádios universitárias e até "celebridades" como o pessoal da Sonic Youth.

Thurston Moore, guitarrista do Sonic, chegou a montar uma banda-projeto com J, os Velvet Monkeys. "Tudo que eu queria era tocar música country bem alto. Queria arrebentar os tímpanos da garotada", explica J Mascis.

Os dois primeiros LPs, *Dinosaur Jr* e *You're Living All Over Me*, firmaram a reputação do grupo, mas foi só mesmo com *Bug* e sua celebração de apatia que o Dinosaur estourou, especialmente com a juventude inglesa.

O sucesso foi ajudado pela cover de "Just Like Heaven" do Cure (J e Robert Smith posaram juntos para a capa da *Melody Maker*) e a participação da banda no álbum de covers *The Bridge*. Nessa homenagem a Neil Young, a banda gravou uma versão surpreendentemente energética de "Lotta Love".

O Dinosaur Jr continua inédito no Brasil, embora já comecem a aparecer na Inglaterra filhotes do grupo — caso dos Boo Radleys e do Teenage Fan Club. O novo LP, *Green Mind*, é o primeiro por uma gravadora grande, a east/west — e sim, é mais acessível que os anteriores, e portanto está fazendo mais sucesso.

Mas J continua cantando como alguém que acabou de acordar, as guitarras arranham e arrebentam e Murph destrói a bateria. Punk folk, thrash country, tanto faz. Ouça o single "Whatever's Cool With Me" e embarque neste marasmo.

ANAMARIA G. DE LEMOS

Fotos Divulgação

tudo normal

Ou: como o MILLTOWN BROTHERS conseguiu ser eleito "revelação de 91" fazendo canções tradicionais à maneira dos Beatles

"Queríamos ser uma guitar band com melodias fortes... como o R E M, ou até o U2. Aquela coisa de amigos de infância tocando juntos, chamando atenção da imprensa e do público sem se vestir de maneira ridícula, nem apelar."

Palavras de Simon Nelson, guitarrista dos Milltown Brothers, quinteto que já foi eleito pela imprensa inglesa como uma das revelações de 91. Fãs de rock, folk e rhythm'n'blues, Simon e seu irmão, o vocalista Matt Nelson, são de Colne, cidade vizinha de Manchester. Mas o som dos MB — guitarras estridentes, a psicodelia do órgão Hamond e a batida meio folk, com ênfase nas melodias — nada tem a ver com Happy Mondays.

A prova disto está em canções como "Which Way Should I Jump" e "Applegreen", presentes no LP *Stinky*. Para Simon, o álbum "não é a melhor coisa do mundo, mas é bom. O problema é que ficamos tempo demais gravando. No próximo, vamos achar o clima certo e gravar imediatamente".

A.G.L.

TAPAS & BEIJOS

Pouca gente faz idéia do trampo que dá fazer uma revista — não só o lado braçal, mas a bolação.

Há que se falar do que está estourando no momento, recuperar nomes do passado, adiantar novas tendências e contextualizar a coisa toda. Vide a BIZZ de setembro.

O problema é se manter sintonizado com os interesses do(s) nosso(s) público(s) — e, às vezes, esse é um processo confuso.

Exemplo: hoje, com o relançamento de catálogo de vários monstros dos 70 em CD, o rock progressivo — quem diria — está voltando à evidência. Muitos de vocês de treze ou catorze anos, que nem tinham nascido quando saiu *Dark Side Of The Moon*, só agora estão descobrindo Pink Floyd, Genesis, ELP, Kansas, Yes, Rush (bom, eu também não era nascido quando saiu *Revolver*).

Anyway: alguns anos atrás, no ápice do rock inglês Cure-Joy-Jesus, seríamos crucificados pelos leitores por dedicar uma matéria a grupos como esses. Hoje, é dever da revista refletir tudo isso.

O que a equipe da BIZZ é obrigada a fazer para correr atrás do prejuízo? Atirar para cima, para baixo, para todos os lados. E mesmo assim, sempre descontentando um pouco todo mundo.

Como disse o outro sobre a tragédia de ser professor: nós vamos ficando cada vez mais velhos e eles — o público alvo da BIZZ, os jovens, vocês — continuam sempre com a mesma idade. É foda. Mas também é divertido.

ANDRÉ FORASTIERI

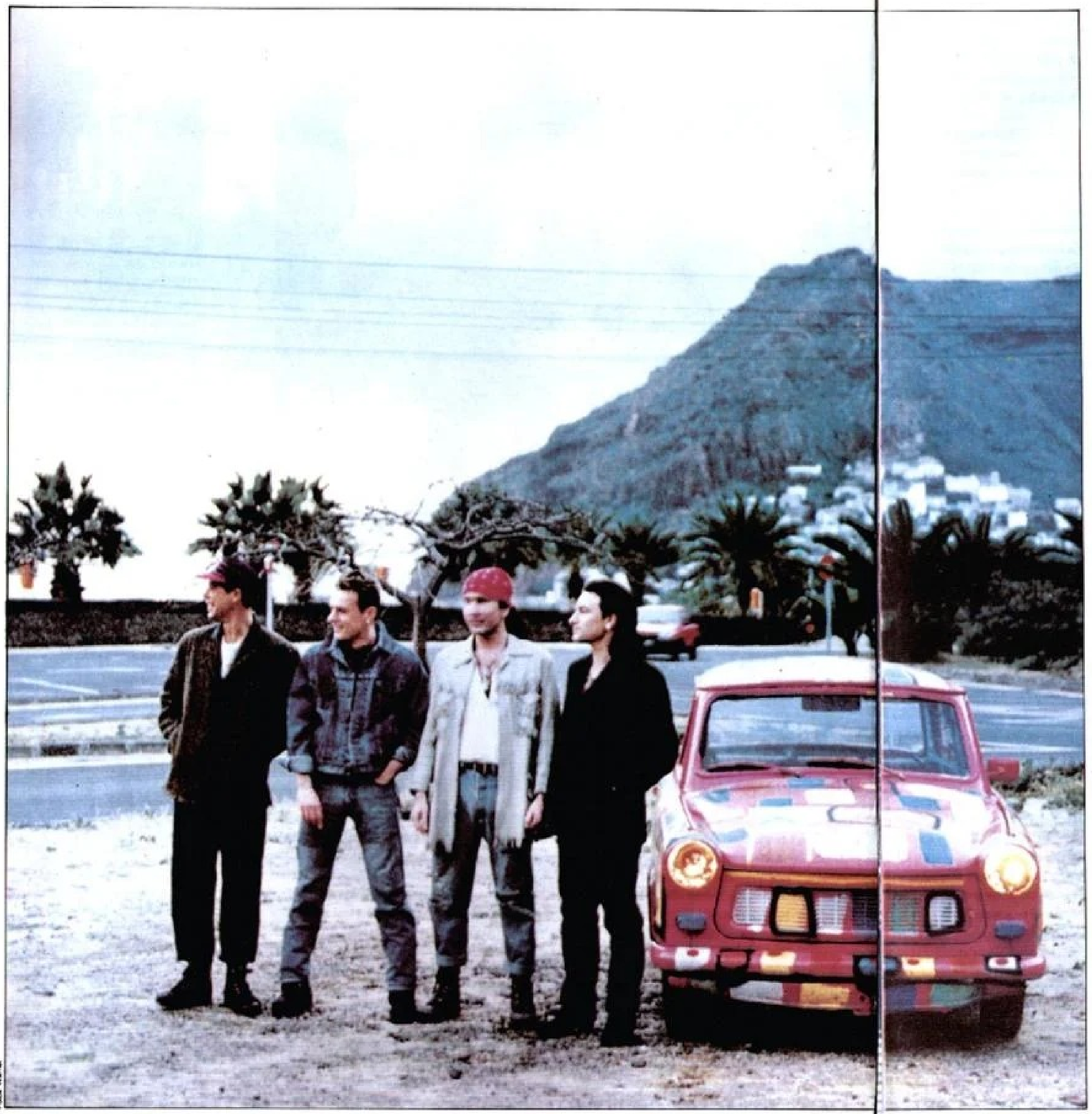


Foto Warner

ADEUS À AMÉRICA

TCHAUZINHO AO SOUL, GOSPEL, B.B. KING, CHAPÉUS DE COWBOY, CLIPS EM LAS VEGAS. A MAIOR BANDA DE ROCK DA DÉCADA PASSADA ENTRA NOS 90 REDESCOBRINDO SUAS RAÍZES CELTAS — E, PRINCIPALMENTE, SEU AMOR PELO BOM E VELHO ROCKNROLL

Na noite de 31 de dezembro de 1989, na avenida Point Depot, em Dublin, o DJ irlandês Dave Fanning convidou a Europa para a festa de Ano-Novo do U2, que aconteceu em Dublin, a cidade natal da banda. Uma rádio européia com audiência de quinhentos milhões de pessoas — o maior desde o Live Aid — transmitiu o último show da turnê Lovetown, uma reapresentação ao vivo de *Rattle And Hum* aberta pelo blues legendário de B.B. King. Desde essa noite, o U2 se manteve distante das rádios.

Quase dois anos depois, quando uma onda de golpes e insurreições detonava a Europa com armas automáticas e tanques ruidosos, o U2 emergiu de seu abrigo hermético. Desde aquela noite em Dublin, o mapa da Europa mudou radicalmente. O Muro de Berlim caiu. A Cortina de Ferro derreteu-se.

"Esta noite é a União Soviética", Bono cantou naquela noite há dois anos, mudando improvisadamente as palavras da letra antibélica "Bullet The Blue Sky". "Logo serão a Alemanha Oriental e Ocidental, Itália, Iugoslávia, Romênia e sabe Deus onde mais as pessoas estão com seus gravadores sintonizados. Um feliz Natal do U2 para você... está é a cidade de Dublin, de onde vem toda a banda... direto para os braços da América."

Quem imaginaria que esses quatro irlandeses aprontariam uma proeza como esta?

Foi Bono quem começou com a brincadeira. Uma noite enquanto apresentava "New Year's Day", ele revelou (brincando) para a platéia que a revolução na Polônia, Alemanha Oriental, Romênia e em outros pontos a leste de Dublin, estava a comando de um homem: Dave "The Edge" Evans, o guitarrista do U2.

A música "New Year's Day", uma das principais do terceiro álbum *War*, era uma canção em que o amor opõe-se a um passado de opressão. Segundo Bono, ele estava inconscientemente pensando no líder polonês Lech Walesa (na época, separado da mulher) quando escreveu essa letra. Quando a banda gravou a música, disse Bono, as autoridades polonesas anunciaram que iriam suspender a lei marcial na Polônia — adivinhe quando: no dia de Ano-Novo.

Não surpreende, portanto, que o incendiário The Edge já tivesse rompido o silêncio dois anos antes, quando falou com o jornalista russo Artemy Troitsky, do *Komsomolskya Pravda*, o jornal estatal dos jovens, que atinge 21,3 milhões de leitores. Foi um golpe comercial e subversivo de proporções continentais. The Edge alimentou rumores de que a banda partia para longas férias e talvez até para uma separação. Na verdade eles estavam plantando as sementes de um ataque de proporções globais. Só dois anos mais tarde eles iriam lançar seu próximo álbum de estúdio, o primeiro dos anos 90. Neste dia 19 de

novembro, ele estará chegando às lojas de todo planeta.

O U2 sempre caminhou no ritmo da batida marcial de seu Larry Mullen Jr. E o peso sombrio de tudo que eles fizeram, das reflexões de sua juventude e adolescência no álbum de estréia *Boy*, em outubro de 80, até a épica turnê cultural *Rattle And Hum*, em outubro de 88, tem sido analisado e reutilizado, muitas vezes com significados não intencionais. Alguém até escreveu uma tese de pós-graduação sobre suas polêmicas.

Para uma banda superstar do nível do U2 a reinvenção é uma necessidade numa era em que a tendência do pop cair em desuso é medida em BPMs. Apesar de a reinvenção não chegar a ser o objetivo de uma banda como o U2, *Achtung, Baby!*, o sexto álbum da banda, é um longo percurso que começou em *Boy*. Em vez de renascimento, eles buscam a reencarnação.

Naquela noite em Dublin, há dois anos, Bono falou em "ir embora" e depois, ainda, que isto era "o fim de alguma coisa para o U2". Depois, acrescentou: "Nós temos apenas que cair fora, e sonhar tudo isso novamente".

The Edge disse a Troitsky: "Nós não vamos entregar os pontos. Ainda existe muito de nós nesse grupo e não vamos permitir que isso termine sem uma briga para valer". Mas ele acrescentou, significativamente: "Nesse momento nós estamos muito esperançosos. Será muito excitante entrar nos anos 90 com uma nova Europa". Ele esperava que o novo álbum fosse "um disco profético... eu acho que o rock and roll é profético em sua essência. Eu penso em pessoas como Bob Dylan nos anos 60, e até mesmo em Elvis, com seu jeito próprio. Eles falavam sobre os ventos da mudança, eles falavam de alguma coisa que ainda não tinha acontecido, mas que estava para acontecer".

Com *Rattle And Hum* e o anterior *Joshua Tree*, o U2 despontou na América, explorando a influência dos Estados do Sul e passeando pelas sombras do blues, country e soul dos reis de Nashville, Memphis e Austin. Eles emergiram do fundo para renascer, sob novas influências. Parte cowboys empoeirados, parte ciganos chiques do século XX, lutando para assegurar seu espaço no hall da fama da cultura e da história americana, na companhia de B.B. King, Bob Dylan, Roy Orbison e do fantasma de Elvis. Sua homenagem completou-se, a década acabou e teve início uma nova determinação.

"Nós sentimos que estamos na encruzilhada da nossa carreira", The Edge disse a Troitsky. "Nós realmente achamos que deveríamos partir e reorientar nosso caminho, repensar o que é a banda para que na nova década nós não estejamos sobrevivendo de velhas idéias."

"Este período pode ser de seis meses ou dois anos, é impossível dizer. Existe um consenso no grupo de que precisamos partir e nos reafirmar enquanto banda, refletir sobre a idéia da banda e sobre a nossa direção para os próximos dez anos."

Exatamente quando o novo "Plano de Dez Anos" começou a tomar forma, não se sabe. Talvez eles tenham deixado a anarquia e o caos das insurreições político-sociais seguirem seu curso no Leste europeu, enquanto eles davam um tempo. Está claro desde o terceiro álbum, o antibélico *War*, que o U2 iria acabar voltando à raiz cultural desse disco — a Europa. O próprio vídeo de "New Year's Day", com imagens surpreendentes dos integrantes da banda andando a cavalo na neve da Escandinávia, bandeiras brancas montadas nas celas e brigando contra o vento — como samurais nos filmes épicos de Kurosawa — tem uma identidade européia que tem estado ausente no trabalho do grupo. Pelo menos até agora, até *Achtung, Baby!*

"Eu acho que o rock é profético em sua essência"

"Onde estão os Marxs e os Lenins do século 20?"

E que imagens este nome conjura? Confrontando a influência americana com Brecht, o U2 sintetiza difusão cultural da geração do rock em uma simples frase. E que outras referências vão surgir para aqueles que ainda sentem o gelo da Guerra Fria ou os ecos das sufocantes salas de gás? *Achtung* ("cuidado", em alemão) era o que os soldados nazi gritavam nos gibis ingleses e americanos, quando o Capitão América quebrava a cara dos bandidos e libertava o mundo para a democracia e para o estilo de vida americano.

Não é à toa que o U2 escolheu o alemão Wim Wenders, diretor de *Um Amigo Americano* e *Asas Do Desejo*, para dirigir a versão anos 90 de "Night And Day", de Cole Porter, para *Red Hot And Blue*, um projeto de prevenção contra a Aids. A finalização do vídeo do clássico de Porter foi filmado em condições de temperatura abaixo de zero, na varanda da casa de Wim Wenders, em Berlim.

Logo depois de terminar o vídeo, a banda foi trabalhar em seu último álbum no estúdio Hansa. É um edifício indescritível, nas sombras dos escombros do muro de Berlim.

A banda estava em Berlim nas últimas horas de existência da velha Alemanha Ocidental e celebrou o dia 3 de outubro, dia da Reunificação, junto com centenas de milhares de berlinenses eufóricos. Eles alugaram uma casa em Berlim Oriental, que havia sido propriedade do governo e que chegou a hospedar o líder soviético Leonid Brejnev numa visita oficial.

O estúdio Hansa foi um lugar por onde passaram alguns astros de rock ocidentais atraídos pela cultura inusitada de Berlim. Desde que Bowie gravou lá clássicos dos anos 70 como *Low* e *Heroes* (em 77), gente como Iggy Pop, Nick Cave, Birthday Party e David Byrne estiveram de passagem por lá. Todos artistas cuja obra tratava, de certa forma, dos caminhos da alienação. Uma nova faixa do álbum é a música "Until The End Of The World". Curiosamente, é o título do último filme de Wenders.

Achtung, Baby! foi criado e concebido em Berlim, mas seu coração descansa na cidade natal da banda, Dublin, numa mansão reformada chamada Elsinore. Fica na costa sul de Dublin, próxima à vila de Dalkey.

Elsinore — nome do porto dinamarquês de onde Hamlet partiu para navegar, no drama de Shakespeare — foi completamente reformada por David Andrews Browne, ricaço que usa rabo-de-cavalo e dirige uma coleção de Mercedes. Tentativas anteriores de vender Elsinore por mais de um milhão de libras irlandesas não tiveram sucesso. Browne concordou em alugar a casa para o U2 pela enorme quantia de quatro mil libras por semana. A casa ainda está à venda. Foi lá que o U2 passou os melhores seis meses deste ano.

"Essa é uma das melhores casas que poderíamos ter", diz Bono, que a descreve como sendo "muito *Twin Peaks*... e tem a atmosfera de algumas das nossas músicas do momento. Nós temos candelabros de plásticos, papel de parede floca-do, lareira artificial... perfeito para este disco."

A banda distribuiu as gravações por várias partes da casa: o salão redondo é uma sala ampla com uma vista enorme do mar e cheia de equipamentos de gravação. Num canto tem uma câmera de vídeo pendente do teto, para gravar e transmitir o que rola no salão maior para um estúdio de gravação menor e mais formal, que fica no andar de baixo. Houve momentos em que ambas as salas foram usadas para gravação, simultaneamente, com a câmera, os monitores e os microfones produzindo o elo de comunicação necessário.

Apesar de a casa ter causado algumas dores de cabeça, o veterano técnico de som da banda Joe O'Herlihy destaca outros aspectos da intimidade de Elsinore: "É quase como estar no palco. Nós estamos trabalhando e monitorando num estágio de perfeição, e a maioria do material é feita como se fosse ao vivo. Não tem aquele jeito frio e clínico dos estúdios".

"Estamos numa encruzilhada na nossa carreira..."

"Atualmente, penso que somos o Grateful Dead dos anos 90"

Um dos maiores problemas de dar seqüência a um disco de grande vendagem é resistir à tentação de simplesmente repetir a fórmula do sucesso. O produtor Daniel Lanois, que começou a trabalhar com o U2 no quarto disco, *The Unforgettable Fire* (no qual ele fez a engenharia de som), está ciente das expectativas para *Achtung, Baby!* Sabe também da importância do processo de gravação para o U2, no qual uma gravação pode assumir vida e direção próprias.

"Eu só espero fazer um disco tão especial quanto possível", diz Lanois. "Você não pode tentar demais. Quando começamos a fazer este

disco, podíamos fazer um disco grandioso ou fazer um disco de rock simples ou um disco mais melódico ou com muito ritmo — todas esses componentes que as pessoas querem num disco, porque são essas qualidades que o público adora. Mas no final a coisa acontece de um certo jeito e pronto."

"Muito desse trabalho tem a ver com um disco dançável — talvez esses candelabros de plástico dependurados nos consoles produziram um certo efeito sobre nós."

Talvez esses candelabros de plásticos também sejam responsáveis por esse tom maligno de *Achtung, Baby!*. No momento, existem rumores em Dublin de que no álbum predominam os barulhentos e pesados solos de guitarra. A primeira faixa "The Fly" é puro thrash entupido de feedback. Em algumas faixas, como em "Wild Horses", o baixo de Adam Clayton parece um trovão. Em números mais lentos, o som da banda relembra Bowie, Ultravoux e até Procol Harum, com guitarra acústica, cordas e órgão de igreja, respectivamente.

Existem ainda resoluções com funk, harmonias soul e o estilo de rock dos Stones. E até o mantra em "Until The End Of The World" traz evidências de que o U2 pode ganhar do Simple Minds no próprio jogo deles.

Existe outro forte rumor em Dublin de que a banda queria chamar o novo álbum de *Sexty Eight And I'll Owe You*, a versão irlandesa do sessenta-e-nove. Verdade ou não, o fato é que o principal tema das letras é o amor profundo entre as pessoas.

A insinuação de que *Achtung, Baby!* seria um disco de dance music começou a circular quando o produtor britânico Youth voltou de uma remixagem de "Night And Day" para *Red Hot And Blue*. Mais tarde, eles foram reabastecidos quando Bono e The Edge foram convidados para colaborar no musical de teatro *Laranja Mecânica*.

O sinuoso caminho musical do U2 tem sido misterioso e imprevisível. Enquanto o som épico de *Boy* explorava as mais secretas inquietações adolescentes com toda ingenuidade, ainda o disco seguinte, *October*, trazia um leve sarcasmo. Era um álbum cristão que pretendia explorar temas como fé e espiritualidade. O álbum levantou as mesmas questões polêmicas que os membros da banda enfrentavam. Por um curto período de tempo, o futuro do U2 parecia duvidoso até para eles mesmos.

O terceiro álbum, *War*, "foi uma reação ao movimento new romantic que despontava", disse Bono. "Aquela mentalidade frívola... nós despojamos nosso som ao máximo, metemos três letras maiúsculas na capa e boa. Desde esse tempo nós fomos acusados por este álbum. Você poderia dizer que o mesmo aconteceu com John Lennon. Ele passou por um período parecido, como também Bob Dylan na fase Masters Of War".

War ajudou a elevar o prestígio do U2 ainda mais. Mas foi a produção de Brian Eno, *The Unforgettable Fire*, que colocou a banda pela primeira vez no alto das paradas americanas.

Ironicamente, apesar de Bono ter se referido a *War* e ao mini-LP ao vivo *Under A Blood Red Sky* como o fim de uma era para o U2, foram as necessidades mais mundanas e comerciais que serviram de estímulo. A banda voltou da turnê americana de *October* quase sem condições de pagar a

viagem do grupo. Quando *War* não explodiu, o futuro da banda começou a ficar abalado.

The Unforgettable Fire foi um reflexo da aspiração e da obsessão do U2 pela América.

Quando lançaram *The Joshua Tree*, a consciência política do grupo já estava estabelecida. O desejo de a banda abraçar a experiência americana dos anos 80 conduziu-se para uma exploração de suas próprias raízes culturais. Um encontro com Mick Jagger e Keith Richards num estúdio de Nova York resultou num blues para o disco *Sun City*, "Silver And Gold". Foi a primeira tentativa de Bono no blues, apenas para provar que podia escrever música sozinho.

Isso foi fundamental para lapidar o caminho do blues e do gospel em *The Joshua Tree*. O álbum também revela uma tensão dinâmica e criativa entre a tendência mais européia de The Edge e a crescente obsessão de Bono com o conceito de letras narrativas e com o formato das canções.

Mas mesmo assim *The Joshua Tree* ainda é um álbum bem americano. Seu grande sucesso — catorze milhões de cópias vendidas — ultrapassou as ambições da banda. Em 87, o U2 atingiu grande parte do território americano, ganhando a capa das revistas semanais *Time* e *Newsweek*. Também foram capa da *Rolling Stone* por duas vezes, naquele ano.

"Eu me assustei com essa enorme repercussão do disco. Tive medo que nós acabássemos atraindo um público que só curte grandes bandas como os Stones e Queen, e não um público participante", revelou Bono.

Tornou-se imprescindível então que eles devessem manter o mesmo prestígio no álbum duplo de trilha sonora do filme *Rattle And Hum*.

Neste disco eles evocam os fantasmas de Billy Holliday, Elvis Presley, John Lennon e Jimi Hendrix, além de empregarem os serviços de Bob Dylan e B.B. King. O disco foi recebido com confusão e revolta e acarretou a inevitável resposta farpada do U2. A banda mostrou arrogância ao pedir carona no trem da história do rock, e foram ridicularizados e hostilizados por isso.

Na busca por suas raízes, o U2 fez uma descoberta importante. Esse caminho levou-os diretamente para suas origens celtas. Ser bem acolhido na América, a "Terra Prometida", deu um novo sentido para a jovem banda irlandesa. Por séculos os irlandeses emigraram para escapar das perseguições políticas e religiosas. A partir dos escoceses, que emigraram para as montanhas dos Estados Unidos, no final do século XVIII, muitas hordas de camponeses ocuparam as cidades americanas em meados do século XIX. Eles trouxeram sua música e cultura intactas, que acabaram se espalhando na cultura popular americana. "Os irlandeses construíram a América", declarou convictamente Bono, certa vez. Foram oito anos de intensas escavações na cultura americana até que ele e seus companheiros descobrissem como suas próprias raízes foram transplantadas para o rock and roll, folk e música country.

Mas essa arrogância do U2 de se colocar na primeira posição do rock irlandês nos últimos dez anos e sua pretensão de megastars politizados acabou deixando muita gente descontente.

"A mensagem do U2 é um catálogo de vulgaridades e vagos protestos embrulhados num manto sagrado de justiça e rock'n'roll", escreveu Paul Morley, na revista inglesa *Time Out*. "O grupo se coloca acima do mundo, que antigamente observava tão bem. Hoje, ele é um pequeno mundo e eles são o Grande mundo... sua 'paixão' é a paixão por eles mesmos. Sua 'descoberta' é descobrir a possibilidade de descobrir. Eles acreditam na própria crença. Eles são obcecados por eles mesmos."

Como conseqüência de *Rattle And Hum*, *The Joshua Tree* e das aparições na revista *Time*, o status de megastar da banda subiu-lhes à cabeça. A banda tem mansões — Bono alugou até um helicóptero para procurar a casa que ele queria e chegou a oferecer um cheque em branco para o proprietário. Como este não aceitou, Bono acabou comprando a mansão vizinha. Adam comprou uma mansão vitoriana nas montanhas de Dublin, ao lado de sua antiga escola St. Columba. Adam sempre foi considerado o roqueiro mais tradicional da banda e amparou sua imagem de *bad boy* com o envolvimento com drogas em 89 e uma série de barbaridades no volante, ano passado.

As férias e as experiências culturais/criativas últimos dois anos parecem ter revitalizado as ambições do U2. The Edge persiste na sua escavação musical. Saqueia freqüentemente as prateleiras da Claddagh Records, uma pequena loja especializada de discos em Dublin, onde tem de tudo: de música tradicional irlandesa ao blues, cajun, zydeco, gospel, jazz e até som dos violões de Kenya. A América não foi exorcizada.

"Nós todos vivemos na América, no sentido de que você liga a TV e é só América", disse Bono, "grande parte da música que ouvimos... A América é maior que os setecentos milhões de habitantes que moram lá. Como disse Wim Wenders, 'a América colonizou nosso inconciente' — está em todos os lugares. Então como posso escapar disso?"

"Se as pessoas não gostaram de *Rattle And Hum*, elas também não vão gostar do que vem por aí. Eu não digo isso apenas em termos musicais. Quero dizer que vamos continuar a lançar nossos discos assim. Agora começamos a fazer discos para nós mesmos e para o nosso próprio público, que ouve atentamente todos os nossos trabalhos e repara em todas as sutilezas. Nós somos o Grateful Dead dos anos 90."

"Em vez de liderarmos o público, sentimos que eles nos acompanham passo a passo no caminho. Pensávamos que, se nós mudássemos completamente o som do U2 e entrássemos de cabeça na música gospel, country ou soul, nós perderíamos pelo menos 50% dos nossos fãs. Mas isso não aconteceu."

Enquanto faziam *Achtung, Baby!*, a banda contratou o fotógrafo Anton Corbijn para fazer fotos em Dublin, Marrocos e em Santa Cruz, durante o Carnaval nas Ilhas Canárias. As fotos — com Bono de olhos pintados, Larry Mullen parecendo um personagem do filme de Jim Jarmusch, Adam e The Edge brilhando como estrelas de rock — revelam um novo entusiasmo que beira a histeria.

Organizar uma nova agenda para o contexto de uma nova Europa e do desmoronamento da estrutura de poder do Leste, é uma possibilidade excitante para o vasto público que está contaminado pela necessidade de receber essa nova música.

Com notável presciência — ou será que teve algum informante secreto? — a análise política de Bono no Natal de 88 antecipou a chegada de um levante internacional.

"Todo o cenário político do momento está completamente ultrapassado. A Direita e a Esquerda são ridículas — elas não significam mais nada. São ideologias velhas. Você pode aprender tanto com Marx como com Lenin, mas minha preocupação é: por que não surgiram novos Marxs e Lenins? Por que existe tanto vazio no pensamento político de hoje? É porque nós estamos usando soluções para problemas da Revolução Industrial, quando estamos atravessando a nossa própria revolução — tecnológica, ideológica, ecológica. Agora é diferente, e problemas diferentes exigem soluções diferentes... ninguém mais tem visão. Eu pertenço ao Partido Do Mundo."

DERMOTT HAYES

bichos escrotos

ERRARAM ELES OU ERRAMOS NÓS? NO ETERNO CABO-DE-GUERRA ENTRE IMPRENSA E *STARS*, TITÃS VERSUS CRÍTICA É O PRÓXIMO CAPÍTULO

Era para rolar clima. Nem bem *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* chegou às lojas e uma saraivada de matérias negativas reduziu os Titãs a seu novo papel. De *darlings* da mídia a "rock porcaria", e daí para baixo, em uma ou duas penadas. Eu, candidato ao título de Pior Repórter Do Mundo, já tinha pisado na bola na véspera, deixando *oito* caras à espera durante *três* horas, para uma entrevista que acabou adiada. E ainda por cima um passarinho cantou-lhes que "a redação da BIZZ achou o disco uma merda" — o que nem era verdade, no meu caso. Mas, ligado o gravador, não é uma banda nem magoada nem insegura que emerge. É um time seguro, sincero, articulado como não se via havia tempos. Bons ou maus, os Titãs são os Titãs são os Titãs.

Direto ao ponto: *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*, à exceção de uma ou duas matérias, tem sido bombardeado pela chamada crítica. Para uma banda que era uma espécie de unanimidade...

ARNALDO A mesma leviandade que tinham no elogio tem agora, ao falar mal. É infundado. Falavam bem de um jeito que às vezes também desagradava a gente. A crítica sempre foi meio estúpida.

MARCELO Estão dizendo que a gente teca mal. Pô, a gente teca cada vez melhor, estuda, está sempre se exercitando. Esse negócio de optarmos por não ter produtor no disco virou um gancho fácil para as matérias.

BRITO Eu acho que os comentários quase se restringem ao vocabulário. O cara vai comentar uma música como "Isso Para Mim É Perfume", que diz "Amor, quero te ver cagar", e acabou, para por aí mesmo. É quem não fica chocado diz que nós tentamos ser iconoclastas, mas que as letras não passam de brincadeira juvenil. O que em alguns casos até é — e eu não vejo mal nenhum nisso! Na verdade os caras ficam indignados por nos darmos a licença de fazer isso. Tem alguém que escreveu que "desta vez os Titãs abusaram do direito de ser Titãs"!

PAULO Se alguém tem esse direito somos nós (*risos*)...

BRITO A opção de usar certas palavras, tipo "pus" e "catarro" no "Saia De Mim" tem a ver com o assunto, é a melhor forma de dizer aquilo. "Isso Para Mim É Perfume" tem esse lado bizarro, grotesco, e ao mesmo tempo é uma canção de amor. São nuances de leitura, mas os caras param na palavra "cagar".

ARNALDO Na maior parte dos comentários, eu acho que o que pesou foi a coisa moralista mesmo. São só quatro faixas do disco que têm "palavrões" ou "temas escatológicos". E as outras onze? Ainda por cima eu acho absurdo uma pessoa que elogiou ardorosamente "Bichos Escrotos" vir agora falar mal de "Isso Para Mim É Perfume", que no fundo é uma reafirmação da mesma idéia. Ele conseguiu transformar "Bichos Escrotos" em "uncinha pintada, zebrinha listrada, coelhinho peludo" e não consegue assumir os *verdadeiros* "Bichos Escrotos"...

BRANCO É a prova de como era errada a visão que eles tinham dos Titãs.

PAULO É que na crítica não tem ninguém do ramo...

BRITO Ela presta é um desserviço. Quem escreveu que "Nau É Por Não Falar" é um funk é um ignorante! É um cara de Vênus falando sobre música de Plutão! Ou então dizer que a introdução dessa música é igual a "Jumpin' Jack Flash"?! É que chegou a hora em que isso tinha que acontecer. Essa coisa de a gente virar unanimidade de público, de crítica, de fulano namorar não sei quem, de os poetas concretistas considerarem a banda... isso gera um incômodo, um "vão pra puta que os pariu"...

E todo o antigo oba-oba em torno dos Titãs, o inverso desse processo de malhação? As fofocas do tipo namoro com as atrizes da Globo, como e que afetavam a banda?

TONI Eu, até como um dos caras dessa área (*risos*), acho que chegou uma hora em que começou a ficar realmente ridículo. Todo dia você abria o jornal e lá estavam os Titãs, dando palpite sobre qualquer assunto. A gente era os inteligentes do rock, os que tinham acesso aos mestres da MPB... A gente é amigo do Caetano, sim, eu namoro a Malu (*Mader*), amo ela e não tem nada a ver com o fato de ela ser atriz da Globo. O problema é o jeito que a coisa aparece na mídia. Começa a encher o saco. Uma vez a gente foi tocar na Bahia, eu estava no hotel e tinha pedido alguma coisa para o serviço de bar. Aí chega o garçom, um garoto, e fala na minha cara: "Êêê, os Titãs não são mais legais como antes, tão meio bundões"... Naquela hora eu mandei o cara...

CHARLES Chama o gerente!

NANDO Traz a cabeça do moleque numa bandeja (*risos*)!

TONI ...Mas na hora em que um cara que é teu público vem dizer isso não deixa de ser um toque...

MARCELO Desde o começo, mas com mais vigor a partir do *Cabeça*, a nossa orientação foi artística. O que vinga é o que os Titãs querem fazer. Se o público achar bosta e a gente não, foda-se o cara da bandeja. E foda-se o cara do jornal. No bom sentido, claro.

Vocês estão satisfeitos com este disco?

BRITO Eu tenho feito comparações neuróticas com tudo que a gente já gravou, e acho que não fica nada a dever. Até é algo de que estou gostando mais atualmente.

TONI Cada crítica negativa que eu li, cheguei de noite em casa e ouvi mais uma vez para ter certeza.

MARCELO A gente sabia que era um risco, mas pelo resultado estou achando que valeu a pena.

ARNALDO A gente partiu deliberadamente para uma sonoridade mais suja, com uma colocação mais alta das guitarras...

TONI No Brasil o que falta é cultura rock. O que é um disco bem gravado ou mal gravado?

MARCELO O espírito era fazer um som sujo, mas a gente se cercou das melhores condições técnicas possíveis. O Vitor Farias, que mixou, é o mesmo que gravou todos os nossos últimos discos. O problema é que quando um cara não sabe que foi uma opção estética nossa, ele confunde com barulho.

CHARLES As pessoas estão acostumadas com um "formato" de mixagem, um padrão pop. As bandas *underground* americanas, tipo Mudhoney, Tad, foram o parâmetro que nós usamos para resolver nossas divergências de mixagem. É sujo sim, mas soa superbem.

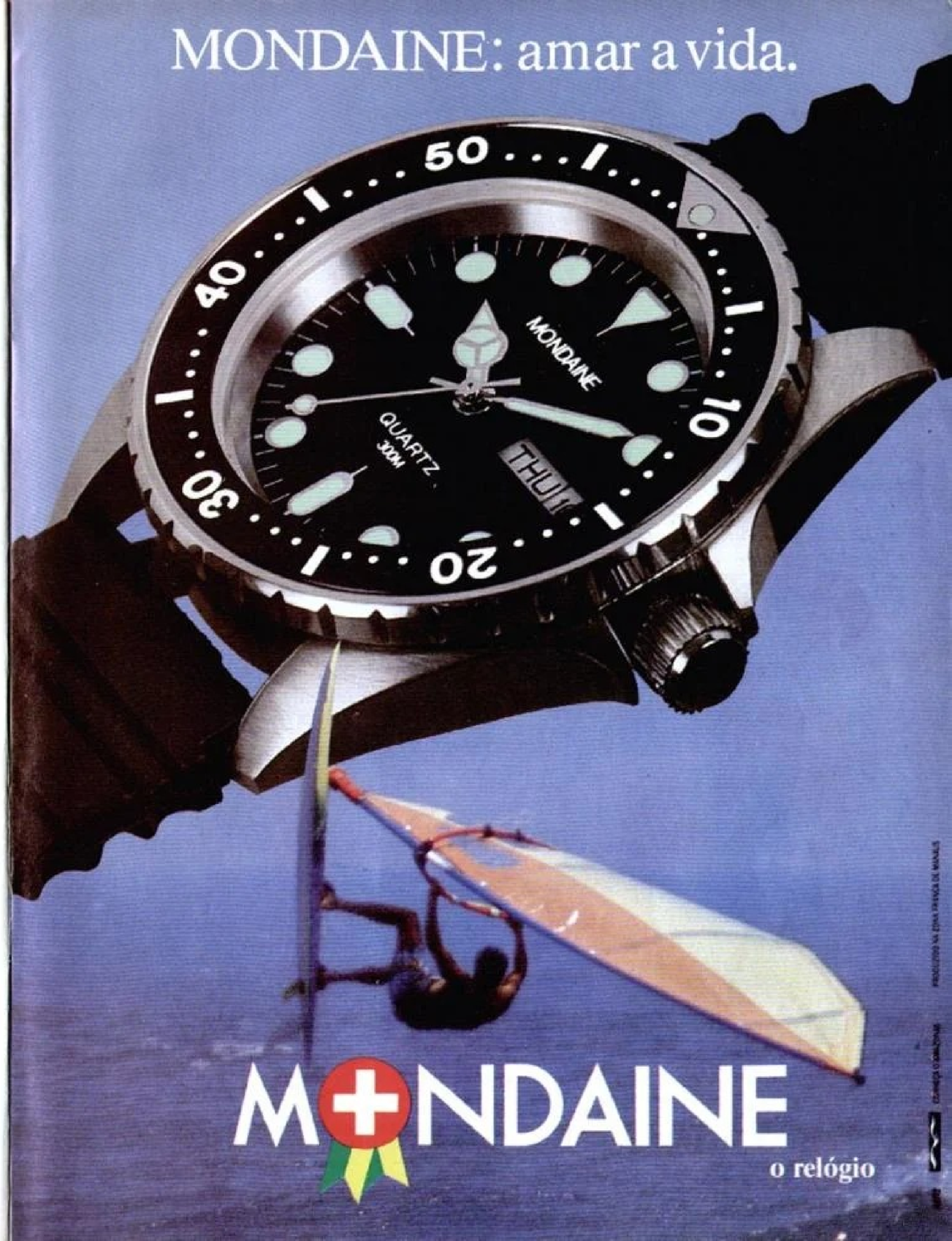
BRITO O fato de esse disco ser assim é produto de coisas bem objetivas. Do que a gente estava com tesão de fazer. Tocar juntos, um som mais cru, com menos eletrônica, sem tanta máquina.

Até que ponto o Liminha, o ex-"nono Titã", ajudou a construir o som da banda? E a partir de que ponto ele passou a entravar?

MARCELO O projeto do disco era fazer com o Liminha. Acabou não sendo por problemas de agenda.

BRITO Fazendo o disco sozinhos, tem coisas que não ficaram tão boas, mas tem coisas que fi-

"O problema não é ser amigo do Caetano, namorado da Malu Mader. O jeito com que isso aparece na mídia é que enche o saco"



caram melhores. Só depois é que a gente foi perceber a importância dessa mudança de registro.

CHARLES A turnê do *Go Back* foi longa, mais de um ano e meio. A gente tinha algumas músicas compostas em hotel, deu um formato inicial, pós letras, fez uma demo supercorrida... Gravar *O Blesq Blom* foi extremamente cansativo, com muitas partes gravadas em separado. Só depois tocando ao vivo, é que a gente foi descobrir que não gostava de algumas músicas.

MIKLOS É uma questão de adequação. *O Blesq* foi um puta esforço que a gente fez para atingir um objetivo, a mescla da eletrônica com a banda.

MARCELO É um preço que você paga para ter um disco desse tipo. É passar três meses no Rio, agonizando num hotel de cortinas cor-de-laranja, que te fez pensar na necessidade de também ter prazer na feitura da coisa, de arejar.

MIKLOS O trabalho de sampler que eu estou fazendo agora, junto com o Brito, é explorar a possibilidade de colocar sons estranhos, sim, mas executados ali, na hora, ao vivo.

Voltando ao assunto das letras. Tem um verso de "Corações E Mentes", do *Jesus*, que é igualzinho a um de "Damaged Goods", da Gang Of Four...

BRITO Trata-se de um plágio. Eu me entrego (*risos*)... Eu tinha pensado em cantar em inglês, é uma coisa que se fala só depois que a música acaba... Mas depois saiu daquele jeito mesmo...

Como é que vocês vêem a combinação de som e letras, agora que o som está mais pesado?

ARNALDO Nesse disco eu canto o "Tudo Ao Mesmo Tempo", que é uma coisa mais limpida, e o "Sana De Mim", que é berrado. Essa diversidade, a gente cantar cantando, a gente cantar berrando, a gente cantar limpo, a gente cantar sujo, isso a gente sempre fez, os cinco vocalistas.

MIKLOS É como afinar um instrumento, é uma coisa básica. A gente não quer fazer nenhuma caricatura vocal, interpretativa.

Mas um tempo atrás vocês tinham personagens, o mais funky, o mais reggae, o mais espasmódico, o mais sensível...

MARCELO A gente puxou um pouco isso, mas só numa certa época. E era mesmo o perfil de cada um.

O que vocês acham das bandas que escrevem — e escrevem mal — letras em inglês?

BRITO Acho que para eles nem tem tanta importância o que eles estão falando. É mais a coisa do cara estar urrando, fazendo um som gutural. Tanto é que vinga assim mesmo, e é legal.

MIKLOS ...E se não dá para entender as bobagens, nem pega mal (*risos*)...

TONI Quando você tem um Sepultura, uma banda brasileira cantando em inglês que consegue destaque no mercado internacional, isso é louvável. Mas a gente ainda faz parte da...

NANDO ...Velha-guarda...

TONI É, do Camões, do Fernando Pessoa (*risos*). A gente fala português, e quer ser entendido.

Os Titãs têm ciúmes do sucesso internacional do Sepultura?

TONI Eu não. Quando a gente vê os caras fechando um show em Londres tocando "Polícia" a gente têm é orgulho.

CHARLES Admiração!

BRANCO Acho legais esses caras. Tão na deles.

BRITO Tem uma coisa parecida com o Camisa De Vênus, guardadas as devidas proporções. Uma banda de rock da Bahia?' E o Camisa abriu um caminho, os caras começam a tocar em Santo André, quando o único jeito era entrar pela Rádio Jovem Pan, senão não dava em nada, podia desencanar... E de repente os caras vêm por fora.'

MARCELO Agora é capaz de o Sepultura abrir espaço para a gente até aqui no Brasil (*risos*)!

BRITO É legal para mostrar que a música que se faz por aqui tem várias vertentes. Há um tempo era praxe dizer que para você ser reconhecido lá fora tinha que ter uma certa brasilidade, que os Paralamas eram os únicos que podiam acontecer... E então vem o Sepultura, que é o oposto. Ou o Olodum, que é um outro extremo.

TONI Outro dia li numa revista estrangeira que o interessante no Sepultura era a brasilidade deles. Não no sentido rítmico, mas no sentido *thrash*, de um país socialmente caótico.

Como é que oito caras se suportam por dez anos?

MARCELO Tem discussões que a gente evita, porque já sabe que não vai dar em nada...

NANDO É um fenômeno sociológico (*risos*)...

CHARLES É a diversão, a gente gosta de falar besteira... Gravar é uma penitência, a gente só desfruta na estrada. A amizade...

MARCELO É porque todo mundo aqui é viado (*risos*).

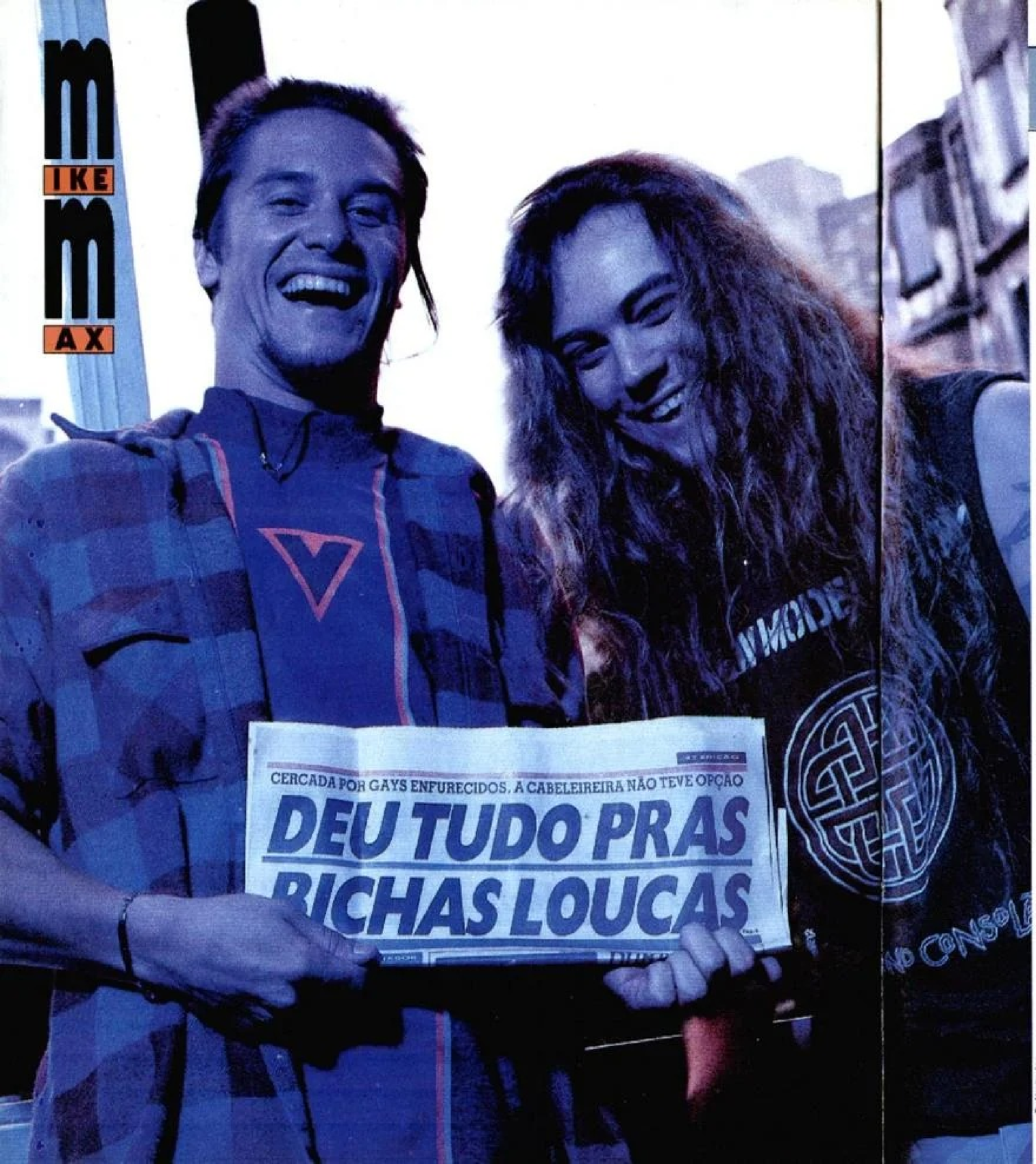
É, já começou com aquela foto do trenzinho (*risos*)... Mas no fundo deve ser mais fácil aturar oito do que aturar três, né?

TONI Depende dos oito. Imagina aguentar o Herbert ou o Renato Russo (*gargalhadas*)...

MARCELO E imagina se você fosse o Dado (*a sala vem abaixo*)... *ALEX ANTUNES*

"As bandas que cantam em inglês não se importam com o que estão dizendo. Os Titãs falam português, e querem ser entendidos"

PolyGram
Em CD, LP e MC



Rui Mendes Azul

A tarde em que Mike Patton trocou figurinhas com Max Cavalera,

gente fina

conheceu o rock brasileiro, escapou de dar uma entrevista — e se revelou um cara absolutamente normal

O quarto é uma puta zona: meias e moletons se espalham pelo chão, a cama desarrumada está atulhada de discos e CDs, as paredes são cobertas de dezenas de fotos e posters de tudo que é banda de metal, de Black Sabbath a — principalmente — Sepultura.

Natural. O dono do quarto é Max Cavalera, cantor e guitarrista do quarteto mineiro que inverteu a lógica paul-simoniana do mercado fonográfico mundial ao exportar thrash metal para o primeiro mundo. Há menos de uma semana em São Paulo, depois de uma vitoriosa turnê européia, Max tem hoje em seus bagunçados aposentos um convidado especialíssimo: Mike Patton, do Faith No More.

No dia do último show do FNM no Brasil, Mike passou a tarde no quartel-general dos Cavalera, no bairro de Santa Cecília, ouvindo as novidades que Max acabara de trazer de viagem (Pearl Jam, Primus etc.) e descobrindo as maravilhas do passado punk paulistano. "This is cool", diz Mike de uma antiguidade do Olho Seco. Max mostra a capa do LP *Screw You*, do DeFalla. Mike gargalha: "This is waaaay cool!"

E nós — nós sendo eu, Carlos Eduardo Miranda e o fotógrafo Rui Mendes —, que cazzo estamos fazendo em meio a este amigável encontro de titãs?

Nada, porque já desisti há horas de entrevistar Mike. Pô, é a última tarde livre do cara no Brasil. A última coisa que ele quer é dar entrevista.

E, pensando bem, não tenho muito o que perguntar, apesar de ter sido um dos primeiros a encher a bola do Faith No More neste país. Afinal, entre MTV, jornais e revistas, todo mundo já perguntou tudo para Patton. Se ele gosta da mulher brasileira, o que ele acha de macumba, da Rosane Collor, seus filmes/grupos/tênis/políticos prediletos etc. etc. Foi uma over total.

Melhor relaxar e entrar no clima carnaval da banda. O soundcheck até que rendeu umas abobrinhas — já na viagem, no ônibus da banda, engatei um papo com Roddy sobre o Kraftwerk. Mostrei o *Entrevista* de setembro e tal.

No Olympia vi os caras escaparem das minas que cercavam a entrada; almoçarem o rango da peãozada da MTV, que ia gravar o show (frango, arroz, feijão, salada e Coca-Cola; Big Jim Martin arrotava sem parar); e fazerem uma passagem de som bacaninha, com "Zombie Eaters", "We Care A Lot" e uma música nova.

Era um punk-progressivo (existe?) que eles tocaram nos shows e ainda estavam meio que compondo ("e se a gente fizer um break aqui?" etc. Deu para sacar que o Roddy manda mais do que parece).

Num intervalo da passagem do som apareceu uma vozinha, sussurrando "Varig flight 510 to São Paulo and Recife, now boarding... gate 8". Opa, os caras samplearam um aeroporto? Não, Mike Patton é que é um imitador bom para cacete.

O cara é bem legal também. Molecão, boa praça, nem um pouco impressionado com seu status sexual entre as ninfetinhas brazucas. Só quer se divertir, só quer *good clean fun*.

MIKE MAX

E é porque o cara é legal que eu desisto definitivamente de tentar estragar o último dia livre dele. Melhor deixar o papo rolar sem gravadores nem blocos. Só peço duas coisas: que ele tire uma foto com o Max, e que diga como está a produção do novo disco do FNM — provavelmente a única coisa que ninguém perguntou ao vocalista.

"Você sabe tanto quanto eu, cara. Já compusemos umas dez canções, e cada uma aponta para um lado. O que vai entrar no disco não sei."

Você disse numa entrevista para a BIZZ que estava mais para Commoderes que Black Sabbath.

"Gosto dos dois. Todo mundo na banda gosta de umas coisas meio estranhas, a não ser o Jim Martin, que só ouve som pesado. Nas músicas novas, estamos radicalizando pelos dois lados: é ao mesmo tempo muito mais thrash e muito mais macio, *easy listening*, que *The Real Thing*. Mas ainda é cedo para dizer que cara o álbum vai ter."

O disco já tem nome?

"Ainda não."

Ontem, no soundcheck , vocês tocaram uma música nova. Tinha um riff metal bem tradicional e um tecladão meio Rush, sobre uma batida punk forte.

"É, ainda não tem nome nem letra, estou escrevendo ainda. Mas você viu, não vamos mudar do dia para a noite, nem nada assim. É só o Faith No More."

E é mais que o suficiente.

Libero o cara e vamos todos para a sala fazer as fotos. O fotógrafo faz milagres com a pouca luz e tempo disponíveis, e pronto. Segue-se uma discussão sobre as diferenças entre a censura americana e a brasileira. Mike teorizou: "Aqui dão muita importância para o que se diz, por isso é que censuram. Lá nos EUA ninguém encana com o que você fala, porque sabem que não faz muita diferença". *Eles*, no caso, são aqueles de sempre — o governo, o sistema, quem manda no boteco. Eles, pô. "Mas na prática você tem de enfrentar a censura comercial. lojas que não vendem o seu disco se não concordam com o que você diz. E os meios de comunicação são muito bandões, qualquer grupinho pressiona e eles já cedem."

E o disco novo do FNM? "Você sabe tanto quanto eu"

O resto é conversa mole. Max entra num papo com Miranda (produtor do *Screw You* de cuja ele tanto gostou), ouve Titãs, *Grito Suburbano*, Ratos De Porão. Vemos um vídeo do Ice-T que Max acaba de trazer de viagem. Discutimos onde comprar uma zarabatana no centro de São Paulo. Rola Mucky Pup na MTV, risadas, uma defesa do jornal paulistano *Notícias Populares* sobre o carioca *O Povo* e muito guaraná. Garanto que misturar guaraná em pó com Coca-Cola é pega garantido. Mike, viciado em Coke, vibra com a idéia.

Já está chegando a hora de ir — a moçada da BIZZ para casa, Max e Mike vão comprar discos na Baratos Afins. Descemos o elevador, damos tchaus. Mike agradece por não termos forçado a barra e tentado fazer a entrevista. *No problem*. O prazer foi todo meu.

Na rua, é cinco e meia. Uma chuvinha fina e pentelha embaça o trânsito. Vamos para um lado caçar um táxi, Max e Mike vão para o outro. Essa era a foto: Max Cavalera e Mike Patton no centro de São Paulo, encolhidos na chuva, a caminho do metrô. Ambos estão subindo como ônibus espaciais na cena pop mundial mas continuam despretensiosos, desencanados. Dois caras normais — aleluia.

ANDRE FORASTIERI

Com dez anos de estrada, o grupo Expresso chegou ao quarto disco fazendo a música pop mais consistente e sofisticada de seu estado, Santa Catarina. O LP "Expresso-Vivo", recém-lançado, é o retrato cantado de uma década de música, lapidada aos poucos por Daniel Lucena (voz), Vinicius Varaschin (guitarra, violão e voz), Marcio Correa (teclados) e Marcos Ghiorzi (bateria). Nascido em Florianópolis em 81, o quarteto emplacou três sucessos em vinil - Os LP's "Nas manhãs do sul do mundo", de 83, "Certos amigos", de 85, e "Ímpar", de 88 - e com o quarto, gravado ao vivo, quer ampliar o alcance de sua já longa estrada. Além das gravações, a vida "on the road" do Expresso tem sido marcada pelo pioneirismo, através de várias iniciativas desde sua fundação. Fez turnê pela Espanha, gravou o terceiro LP na Inglaterra e inaugurou no estado o processo de produção de um disco ao vivo, assim como foi o primeiro a realizar um especial também ao vivo para a televisão. "Expresso-Vivo", de início, foi lançado nos três estados do Sul e está sumindo rapidamente das lojas. Embarque nesse Expresso você também, e conheça a cara da música pop de Santa Catarina.

LANÇAMENTO CB DISCOS

GRUPO EXPRESSO
Contatos: Jorge Ghiorzi
Av. Rio Branco, 883 sala 21
Florianópolis - SC - CEP 88.015
Fone: (0482) 232749
Fax: (0482) 22-8482

Expresso
VIVO

UMA ONDA DE QUATRO PÉS QUEBRANDO LONGE DA PRAIA

KILDARE

SÓ O AMOR CONSTRÓI

Eles desceram ao inferno e disseram adeus ao Cult. Agora, de malas prontas para o Brasil, Ian Astbury e Billy Duffy contam como foram salvos pelo rock'n'roll — com uma pequena ajuda feminina...

Um homem feliz, apaixonado, em paz com a vida, a música e a carreira. É esse o Ian Astbury que desembarca no Brasil em dezembro para a primeira turnê do Cult por terras sul-americanas. Foram necessários um novo disco (*Ceremony*, recém-lançado), um novo amor e, principalmente, o final de um doloroso processo de cura do alcoolismo para que Astbury — e, por extensão, o Cult — reencontrasse seu lugar no rock'n'roll.

"Chegou uma hora que tínhamos que parar, ou morrer." É assim que o guitarrista Billy Duffy relembra o final da excursão de *Sonic Temple*, em 89. Para Duffy e Astbury — desde 83, o núcleo pensante do Cult —, os dias eram negros. Os três milhões de LPs vendidos não escondiam a crise que abalava o grupo. Astbury, uma garrafa na mão e vários quilos a mais em todo o corpo, era a própria imagem da decadência. Duffy, exausto e cada vez mais irritado com o parceiro, declarava que não iria excursionar "nunca mais".

Para piorar as coisas, o baixista Jamie Stewart (o terceiro membro original do grupo) deixou a banda — de acordo com Astbury, por causa de pressões familiares. Com a saída, no ano seguinte, do baterista Matt Sorum ("cobrimos qualquer oferta do Cult", disse o empresário do Guns N'Roses), o futuro tornou-se um enorme ponto de interrogação.

Em fase de recuperação, Astbury tratou de ocupar seu tempo com atividades mais leves — como, por exemplo, a organização de um enorme festival misturando bandas de vários estilos. "A idéia era combater a indústria fonográfica americana. A única saída para a música é a miscigenação. Reunir bandas de estilos diferentes diante de um mesmo público era um bom começo."

O *Gathering Of The Tribes* — referência explícita às ligações de Astbury com a cultura indígena —, realizado na primeira semana de outubro na Califórnia, reuniu Public Enemy, Sinéad O'Connor, Ice-T, Iggy Pop, Michelle Shocked e o *American Indian Dance Theatre*, entre outros. "O mundo precisa de catalisadores, e eu posso ser um deles", diria mais tarde o vocalista.

Nessa época, o final do Cult chegou a ser anunciado por Astbury. A reconciliação com Duffy parecia cada vez mais distante. A verdade é que o choque de personalidades — Ian, o filósofo; Billy, o rock star — havia tornado a relação entre os dois extremamente difícil desde os tempos do Death Cult, em 83.

Tudo parecia funcionar bem nos primeiros tempos. Com os três primeiros álbuns — *Dreamtime* (84), *Love* (85) e *Electric* (87) — o Cult consolidou sua posição como uma das mais populares bandas de hard rock na Inglaterra. Mas Billy não estava satisfeito, e (contra a vontade de Astbury) conduziu as gravações do quarto álbum com um único objetivo: sucesso comercial.

"*Sonic Temple* era muito bombástico", avalia hoje o vocalista, que não esconde sua preferência pelo novo LP, mais próximo da sua idéia do que o Cult é, ou deveria ser. "É mais profundo, mais honesto, como uma síntese de *Love* e *Electric*. Esse disco tem muito mais personalidade, as guitarras são mais poderosas, e as letras também."

Este é ainda o seu primeiro disco sóbrio — Astbury começou a beber compulsivamente aos 22 anos (sete anos atrás). "É por isso que há mais letras pessoais nesse álbum. Estou falando de 29 anos da minha vida, sete deles passados na estrada, entre bebidas, drogas, prisões e a pressão do sucesso."

"Wild Hearted Son" (a primeira a ser lançada em single na Inglaterra) e "Sweet Salvation" são especialmente autobiográficas. A primeira é uma espécie de "Astbury por ele mesmo". "Sempre tive a impressão de que não me encaixava em nenhum lugar, e essa música é sobre isso." Um casamento cancelado na última hora está por trás de "Sweet..." — dedicada a Heather, a garota que o fez perder a cabeça e deixar para trás um namoro que já durava cinco anos.

"Chegou uma hora que tínhamos de parar ou morrer"

Há uma nova energia impulsionando o Cult. A entrada de Mickey Currie (bateria) e Charlie Drayton (baixista que já tocou com Neil Young) transformaram uma retina que se arrastava há sete anos. "Nunca prestamos muita atenção no ritmo", confessa Duffy. "A melodia e as guitarras eram a mais importante. Essa é a primeira vez que fizemos os arranjos em conjunto, como uma verdadeira banda." O resultado é um disco "mais *funky*, com mais movimento".

A idéia de movimento é reforçada pela diversidade do álbum. "Tem coisas pesadas, e outras mais atmosféricas, como 'White' e 'Wonderland'. E há muita coisa acontecendo o tempo todo, violões, teclados, não é só guitarra e vocal."

Entre o lançamento de *Sonic Temple* e *Ceremony*, passaram-se três anos — pela lógica pop, uma eternidade. Num mundo de Axls e Sebastians, onde é que o Cult se encaixa? "O problema do rock hoje é que ele se tornou essa eterna rotina de guitarras ensurdecedoras, cabelos longos e grandes estádios", divaga Astbury. "Ninguém se preocupa mais com a arte envolvida em tudo isso. As bandas que surgem estão tão preocupadas em proclamar a sua 'atitude rock'n'roll', que se esquecem que, por trás disso, deveria haver música."

Duffy é mais condescendente. "Acredito que as coisas estão melhorando. Tem discos bons saindo, gostei do Skid Row, gosto da atitude e do som — um pouco." Sobre os donos do pedaço, eles têm pouco a dizer. "Axl está melhorando", diz Astbury, "mas o Guns N'Roses ainda tem um longo caminho pela frente."

Entusiasmo mesmo, o vocalista só demonstra ao falar em Ice-T, que ele conheceu durante o *Gathering*... "Gosto muito dele, nós estamos falando as mesmas coisas, mas de maneira diferente. E o que é interessante é que ele está usando uma banda de rock para acompanhá-lo. Acho que é a próxima evolução, o crossover de novo."

Nesta turnê de *Ceremony*, o Cult promete "uma volta ao básico". "Não é preciso ser bombástico, pois essa é uma das poucas áreas que não pode ser tocada pelo comercialismo", opina Astbury. "Quando uma banda entra em sintonia com o público, é um momento mágico. Não é simples diversão, é um ritual, uma cerimônia. Nada pode mudar isso." O convite já foi feito. A cerimônia está prestes a começar.

MARISA ADAN GIL

Entrevista cedida pela Warner

Ian Astbury, criado em Liverpool, foi vocalista da banda gótica Southern Death Cult durante dois anos. O grupo se desintegrou depois do lançamento do primeiro single, "Fat Man", que chegou a liderar a parada independente inglesa. Mais tarde, seria lançado um LP com sobras de estúdio e gravações ao vivo.

Em 83, o vocalista remontou a banda com o nome de Death Cult. Na formação já estava Billy Duffy, natural de Manchester e dono de um extenso currículo — que incluía passagens pelo Nosebleeds, primeira banda de Morrissey (sim, ele mesmo) e Vini Reilly (Durutti Column) e pelo Theatre Of Hate. No grupo, estavam ainda Jamie Stewart (baixo) e Ray Mondo (bateria), logo substituído por Nigel Preston.

"Spiritwalker", o primeiro single já como Cult, foi para o topo da parada independente inglesa. O álbum de estréia, *Dreamtime*, chegaria ao *Top 30* britânico em 84. "She Seels Sanctuary", faixa de *Love*, seria a próxima hit. A Inglaterra foi conquistada definitivamente com *Electric*, álbum de 87 produzido por Rick Rubin, o mentor da Def Jam. Nesse disco, o baterista já era Les Warner.

O estouro nos EUA veio com o single "Fire Woman", faixa de *Sonic Temple*. Aqui, outro baterista se juntava ao trio original: Mickey Curry. Na excursão de lançamento, ele seria substituído por Matt Sorum.

Depois da turnê, Jamie Stewart disse adeus à banda. Um ano depois, seria a vez de Matt ganhar a sorte grande — o posto de baterista do Guns. Seus substitutos só seriam encontrados em 91: Mickey Curry, de volta à bateria e Charle Crayton no baixo.

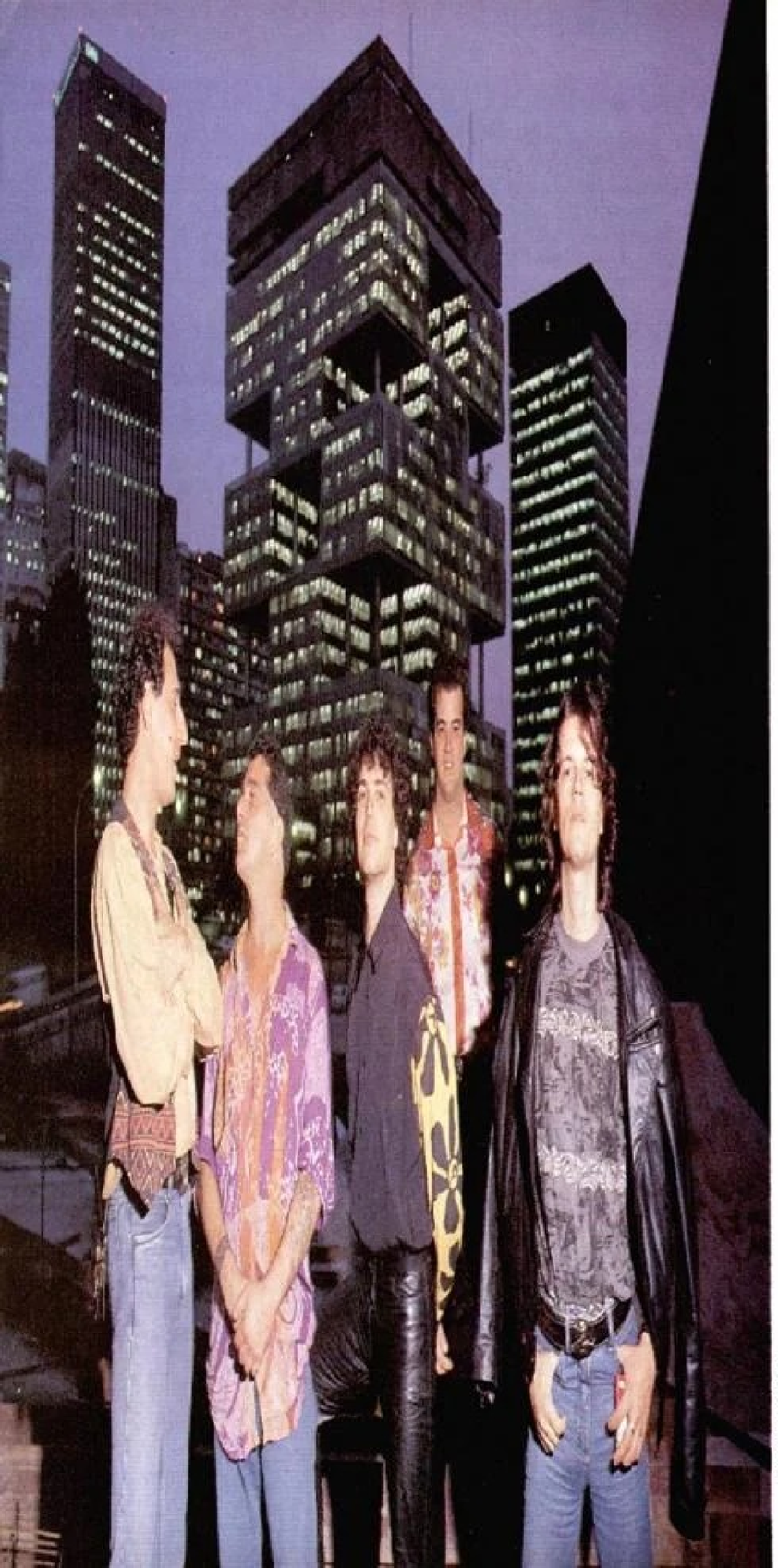


Foto Marcos Jacques A.J.

BARÃO 2ª PARTE

Do fundo do poço à "nova geração"

O início do período pós-Cazuza foi pesado e amargo. Mas, contrariando previsões e muita vuduzagem de gente que não concebia o grupo sem o exagerado, o Barão sobreviveu. À duras penas. Depois das cem mil cópias de *Maior Abandonado*, a soma dos dois seguintes, *Declare Guerra* e *Rock N'Geral*, não passou de quinze mil.

E mesmo agora os ultra-elogiados *Ao Vivo* e *Na Calada Da Noite* continuam distantes de novos Discos de Ouro, ambos beirando as cinquenta mil cópias.

Confiram aqui, na segunda e última parte da história do grupo, a fase de vacas magras, mais brigas internas, o retorno ao rock básico via *Carnaval* e o reencontro com o sucesso.

GUTO GOFFI A saída do Cazuza pesou mesmo, ficamos uns dois, três anos fudidos. Sem dinheiro, sem trabalho.

Na época fiquei com muito medo da perda do Cazuza, foi realmente um desafio. Tivemos de ganhar maturidade em cena, *growing up in public* mesmo. Não paramos para fazer aula de dança ou canto, ou um novo corte de cabelo, não esperamos nada, fomos à luta.

ROBERTO FREJAT A gente não tinha intenção de sair com uma música antes, mas o Guto (Graça Mello) nos convidou para participar de um especial infantil e fizemos "Torre De Babel".

EZEQUIEL NEVES Como eu queria preservar as duas coisas (Barão e Cazuza), o que fiz foi armar primeiro um sucesso do Barão, no disco *A Era Dos Halley*, um especial da Globo, em que também participavam Titãs, Legião, Tim Maia... E a única coisa que tocou deste projeto foi "Torre De Babel". O Cazuza, é claro, morreu de ciúme, dizia que eu o tinha traído, que a música era ótima. E as melhores coisas daquela letra eu chupei de Samuel Beckett, misturadas à letra do Guto Goffi.

GUTO As rádios começaram a tocar, mas a Som Livre não deu força. Sentimos que eles queriam abafar a gente para deixar o Cazuza decolar.

EZEQUIEL A cúpula da Som Livre/selo Opus chamou o grupo e disse: "Esqueçam Ezequiel Neves, deixem o Ezequiel com Cazuza". E ninguém do Barão me contou na época.

Mas o Maurício, a pessoa com a qual eu tinha mais atrito até então, interveio: "Gente, estamos há três anos com o Zeca, ele nos ama tanto, por que a gente vai tirar o Zeca?" Só fui saber disto no meio de disco.

Quando saiu o álbum *Declare Guerra*, foi um desastre. Ele veio com problema de prensagem, mas é lindo. Todo mundo quis ajudar, tem músicas do Renato Russo, Arnaldo Antunes, Júlio e Denise Barroso... E uma das capas mais lindas do rock brasileiro, mas sem o grupo nela.

GUTO Não saímos pedindo música, foram as pessoas que ofereceram. O Cazuza saiu levando 60% do repertório do que seria o quarto LP de Barão: "Exagerado", "Só As Mães São Felizes", "Mal Nenhum", tudo isto vinha sendo ensaiado. Ficamos só com duas músicas desta safra, "Um Dia Na Vida" e "Maioridade".

FREJAT Acho que *Declare Guerra* tem mais acertos do que o *Rock N'Geral*, mas eu ainda não estava cantando legal. Não foi todo mundo da Som Livre que boicotou o Barão, também tinha gente legal lá, mas o grupo viu que não havia mais condição de continuar naquela gravadora.

ROCK N'GERAL

GUTO Foi fácil conseguir um contrato na Warner porque fomos de graça, ganhamos um cafezinho e uma água na reunião. E um contrato para três discos. A gente achava que iria arrebentar com o *Rock N'Geral*, ainda mais com o Liminha produzindo, junto com o Zeca. Ele tinha o toque de Midas, tudo em que botava a mão virava Disco de Ouro, mas no nosso caso transformou em chumbo, não vendeu nem dez mil cópias (*risos*).

Mas é um disco ótimo, tem pelo menos duas faixas arrasadoras: "Quem Me Olha Só" é um dos melhores momentos do Barão no estúdio e "Copacabana" é precursora na mistura de funk e rock.

EZEQUIEL Eu adoro o Liminha, acho que é o nosso Gil Evans e o nosso George Martin, mas ele não gosta da espontaneidade. Um solo bom, da primeira vez, para mim já valeu. E ele sempre quer repetir. O Dé fazia um baixo e o Liminha ia lá e fazia um melhor.

DÉ Ao contrário do Frejat e do Guto, que não gostam tanto, o disco que mais gostei foi *Rock N'Geral*. Foi ótimo ter trabalhado com o Liminha, mesmo que a gente tenha brigado muito durante a produção.

A SAÍDA DE MAURÍCIO

MAURÍCIO BARROS Se saí do Barão é claro que foi por algum problema. Não vou ficar dizendo hoje que tudo bem. Eu queria o meu espaço, também queria cantar, e eles estavam querendo firmar o Roberto como cantor.

Mas em nenhum momento teve barganha.

FREJAT O Maurício queria outra coisa para o som do Barão e isso o motivo é próximo ao do Dé. Mas outras coisas também influenciaram. E ele tem uma coisa admirável dentro da história do Barão. Primeiro porque é fundador carteirinha zero zero, ele e o Guto são os primeiros.

E segundo porque nessa época pós-Cazuza, durante os ensaios, ele perdia cinquenta discussões, cinquenta coisas que ele dava idéia eram rechaçadas, mas ele ficava, aceitava. Era bonito, honesto. Na hora em que viu que não estava valendo mais o sacrifício o Maurício saiu.

GUTO Desde o final de 84 o Maurício estava passando por uma fase muito difícil. Se sentia castrado e estava psicologicamente mal. Cheio de tiques, tossia o dia inteiro. Era um autista dentro da banda.

FREJAT O Fernando (Magalhães, guitarra) e o Peninha (percussão) já estavam tocando direto com o grupo, então deu para segurar bem. E acho que o Maurício soube a hora de sair. Dos três foi o que saiu melhor. E hoje, a turnê de dez anos terá a participação do Maurício.

> "A saída do Cazuza pesou. Ficamos uns dois ou três anos sem dinheiro e sem trabalho."

CARNAVAL

GUTO Me lembro, em 87, de um show no interior do Rio, em Casimiro de Abreu. Chegamos de ônibus, chovia muito, e vi aquele coreto, umas duzentas pessoas de guarda-chuva, e pensei: "Agora é ou vai ou racha, chegamos ao fundo do poço. Ou a gente sobe ou pára por aqui". Fiquei muito deprimido, mas resolvi reagir.

Depois disso que surgiu o conceito de *Carnaval*. Eu trancado em casa, mandando, bebendo, falei: "Carnaval, vai ser isto!" Fiz um desenho, escrevi aquele texto da contracapa e mostrei para o Frejat.

FREJAT Eu e Guto fizemos bastante coisas juntos, é um disco mais pesado. Se bem que *Declare Guerra* já fosse pesado, só que o estúdio da Som Livre não dava para tirar o som do Nas Nuvens.

E mudou pouca coisa dos ensaios para o disco, entramos no estúdio já sabendo o que queríamos. Disco bom é assim, rápido.

DÉ Eu gosto principalmente do primeiro lado. É o disco que tem o melhor som. Eu achava que o som do Barão tinha que ser dirigido para uma coisa mais pesada, até pop, mas pesada com guitarras. Nessa época eu ainda gostava do Peninha e do Fernando no grupo, mas depois comecei a ficar grilado.

GUTO Estouramos com "Pense E Dance" e depois a gravadora errou. Em vez de lançar "Não Me Acabo", do Paulo Miklos e Arnaldo Antunes, preferiram a balada "Nunca Existiu Pecado", que fudeu o disco.

Mas acho que o álbum recolocou o Barão no cenário. A gente estava num espaço medíocre, soterrados por dez palmos de areia. Era só feira de gado, Barão rural (*risos*).

EZEQUIEL O disco é bom para caralho, mas teve alguns problemas. Outra capa horrorosa, e nunca vi letra do Chacal tão ruim como a da faixa-título. Adoro Chacal, mas aquilo não era carnaval. E tem um texto do Guto tão piegas que parece Vinicius de Moraes, pior que as Obras Completas de Vinicius. Mas era conceitual o que ele dizia, o disco era excelente e o Guto virou um ótimo letrista para o Barão.

BARÃO 2ª PARTE

BARÃO AO VIVO

GUTO O meu grilo com o disco *Ao Vivo* é o repertório, a obrigação de trazer os hits antigos, músicas que tinham sido gravadas pelo Cazuza e precisavam de um registro na voz do Frejat. Preferia músicas que não eram tão conhecidas, mas deu o maior pé, vendemos uns cinqüenta mil LPs.

SEM DÉ/ NA CALADA DA NOITE

GUTO O Dé estava com um ciúme muito grande da participação do Peninha e do Fernando, queria anulá-los. Ele começou a rachar a banda.

Em algumas músicas dele até as guitarras ele queria fazer, dizendo que o Frejat e o Fernando não sabiam fazer os detalhes de guitarra. E acho a maior sacanagem desprezar a maior dupla de guitarras atuando no Brasil.

FREJAT Existiam muitos problemas, principalmente de composição e produção. O Dé achava que o compositor da música tinha que ser o produtor e eu discordava. Achava que ai ia virar o álbum branco (dos Beatles) e ia acabar.

DÉ Os discos *Declare Guerra*, *Rock N'Geral* e *Carnaval* seguiram um caminho e eu queria algo diferente para *Na Calada Da Noite*. Achava que a percussão estava ficando over, toda música tinha uma conga e um timbale. Mas adoro o Peninha, foi uma ótima experiência tocar com ele. E o Fernandão, sei lá, ele toca diferente, tava virando meio heavy metal. O estilo dele é Steve Stevens, Satriani e eu queria um estalo mais Hendrix que o Frejat tem.

Então, bati de frente, mas até comecei a fazer o disco. O que detonou mesmo a minha saída foi o fato de eu querer cantar uma música, "Empoda Com Birita". Mas daí o Frejat ficou morrendo de ódio de mim.

É uma coisa de poder, logo ele, que também tinha tentado cantar na época do Cazuza, não estava abrindo espaço para mim. Fiquei mesmo sem falar com o Frejat e hoje dou graças a Deus por ter saído. Mas na época foi duro.

GUTO Ele chegou um dia no estúdio como um demônio e eu falei: "Dé, quer saber de uma coisa, eu e o Frejat não queremos mais você no grupo. É melhor pegar as suas coisas e ir embora". Ele fez uma cara de espanto e concordou.

Mas o que o surpreendeu mesmo foi saber que seu substituto seria Dadi, porque o Dadi era o ídolo dele. É um cara que toca para caralho, que tem a coisa do rock e é jovem até hoje. Foi a pessoa perfeita, o Barão atravessa hoje a fase de maior harmonia interna. A saúde mental e física da banda está em cima e o álbum *Na Calada Da Noite* espelha bem isto.

FREJAT Eu adoro esta coisa mais latina e desde o *Ao Vivo* já queria efetivar o Fernandão e o Peninha na banda. Musicalmente eles já faziam parte do conceito. Descobri isso no disco *Carnaval*, senti falta deles quando começamos a ensaiar como um trio. Com a saída do Dé, os conflitos foram superados. O Dadi refez os baixos das faixas já gravadas e a adaptação dele foi muito fácil.

Nenhuma formação pode ser considerada definitiva, porque de repente alguém acorda de pé virado e manda todo mundo tomar no cu, mas acho que a atual tem condição de ser a mais duradoura. O álbum e os shows de *Na Calada Da Noite* provam isto. E agora a excursão dos dez anos de Barão Vermelho também vai confirmar.

Quanto ao futuro? Bem, a gente já tem algum material novo, mas só vamos saber o que será o novo disco quando entrarmos no estúdio...

ANTONIO CARLOS MIGUEL

Dadi

Guto Goffi

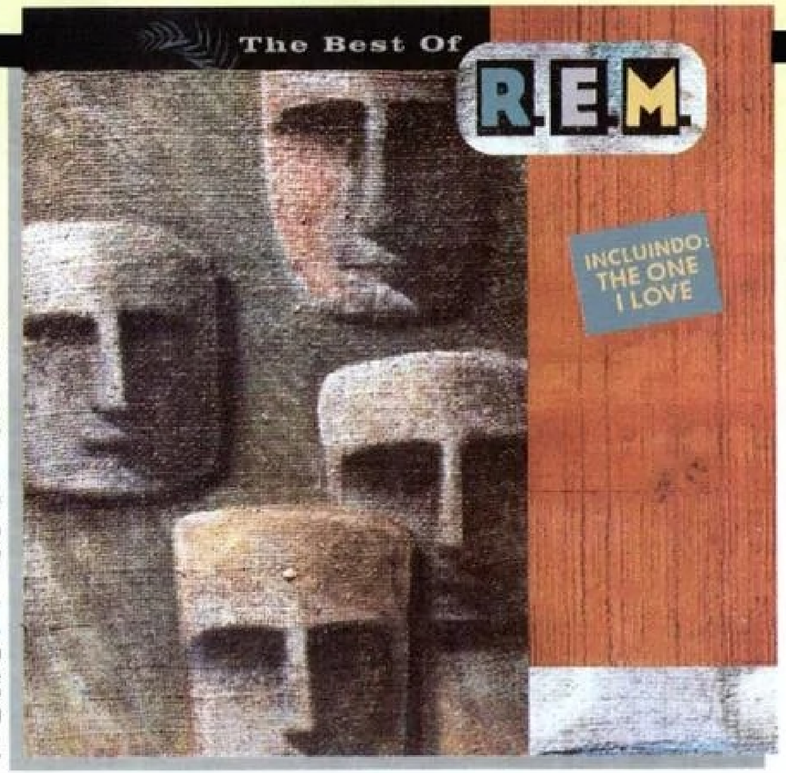
Discografia: *Barão Vermelho* (Som Livre, 82)/*2* (Som Livre, 83)/*Maior Abandonado* (Som Livre, 84)/*Declare Guerra* (Som Livre/Opus, 86)/*Rock N'Geral* (WEA, 87)/*Carnaval* (WEA, 88)/*Barão Ao Vivo* (WEA, 89)/*O Melhor De Cazuza E Barão Vermelho* (coletânea, Som Livre, 89)/*Na Calada Da Noite* (WEA, 90)

Dé em 89

Barão em 85 (ao lado de Cazuza, o produtor Ezequiel Neves)

Fotos Arquivo Pessoal

FINALMENTE O MELHOR DO R.E.M.



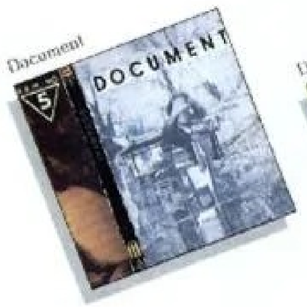
PRA COMEMORAR TANTO SUCESSO ESTAMOS LANÇANDO THE BEST OF R.E.M., INCLUINDO O PRIMEIRO GRANDE HIT DA BANDA. THE ONE I LOVE. UM DISCO QUE MOSTRA QUE O SUCESSO NÃO VEM POR ACASO.

AGUARDE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS EM CD AINDA INÉDITOS NO BRASIL.

EM CD - K7 - LP

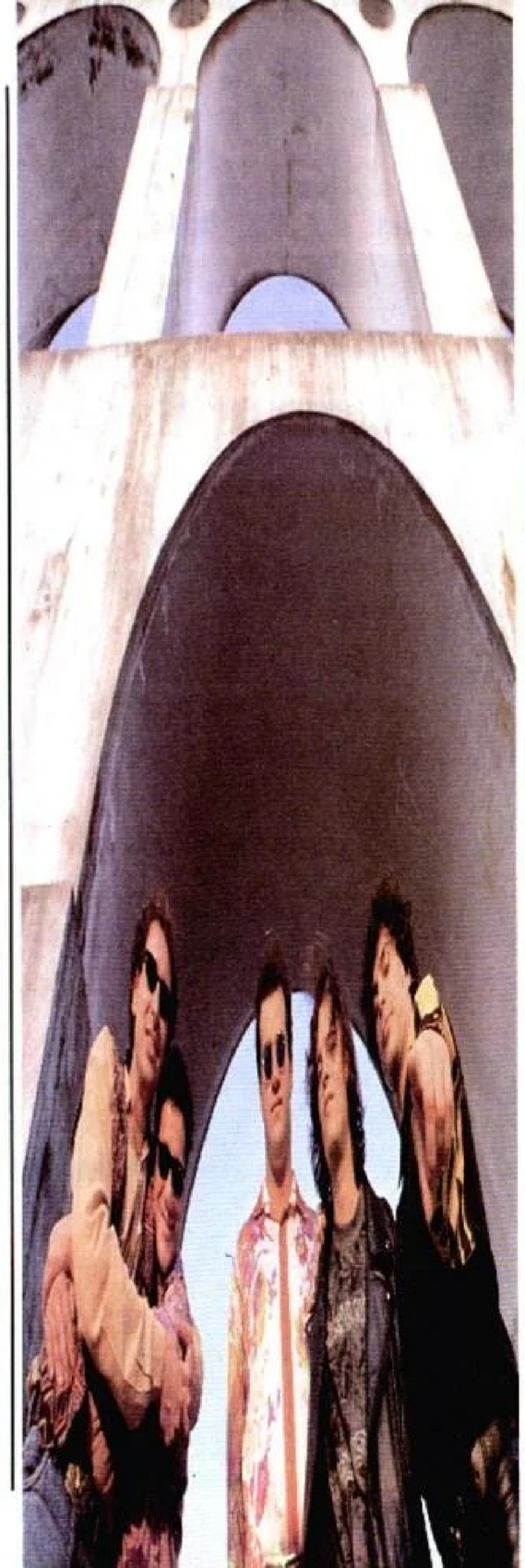
EMI

Document



Dead Letter Office

Eponymous



OS DISSIDENTES

Cazuza

O primeiro a pular fora, Cazuza se revelou em sua carreira solo um dos mais influentes letristas de sua geração. Até perder a batalha contra a Aids, em julho de 90, lançou cinco álbuns irregulares: ótimas letras, composições nem sempre à altura e produção musical geralmente aquem.

O disco póstumo, *Por Aí* (91), reunindo sobras de *Burguesia* (89), foi massacrado pela crítica, mas não deve ser tomado como um parâmetro de seu trabalho. Melhor lembrar de petardos como "Ideologia"... *Cazuza* (Som Livre, 86)/*Só Se For A Dois* (PolyGram, 87)/*Ideologia* (PolyGram, 88)/*O Tempo Não Pára* (PolyGram, 89)/*O Melhor De Cazuza E Barão Vermelho* (coletânea, Som Livre, 89)/*Burguesia* (PolyGram, 89)/*Por Aí* (PolyGram, 91).

Dé (Telefone Gol)

Pulou fora em meio às gravações de *Na Calada Da Noite* e teve seus baixos regravados por Dadi. Desde então tem trabalhado no projeto do Telefone Gol, ao lado do ex-Ultraje A Rigor Sérgio Serra (guitarra e vocais) e de Nani (guitarra) e Kadu (bateria) — estes dois vinham tocando com Lobão.

"A gente tem todo tipo de influência", explica Dé, "eu e o Serginho também ouvimos música brasileira. A gente quer muito fazer uma música brasileira pop, com sonzão, não é só rock como o Barão."

Maurício Barros (Buana 4)

Após o LP *Rock N'Geral* (87) o tecladista Maurício Barros também resolveu seguir sua própria trilha. Ao lado de Billy Brandão (guitarra), Gian Fabra (baixo) e Guilherme Valdetaro (bateria) ele formou o Buana 4. O álbum de mesmo nome (EMI-Odeon, 89) emplacou "Só Quero Ser Feliz" e parou por aí mesmo.

"Essa música foi superlegal, era como a nossa 'Satisfaction', mas ficou mais pop do que o grupo realmente era", lembra Maurício. "Nós estamos entre um hard rock e o pop. 'Brainstorm', que abre o LP, é bem mais representativa do trabalho."

Em 90, com o Plano Collor, a Buana 4 foi um dos grupos ceifados pela Odeon. No momento preparam uma nova fita demo. Maurício saiu "limpo" do Barão, tanto que participou de duas faixas de *Na Calada Da Noite*, tem tocado no Midnight Blues Band e já está escalado para a excursão que comemora os dez anos do Barão Vermelho. *Buana 4* (EMI-Odeon, 89)

O grupo paralelo: Midnight Blues Band

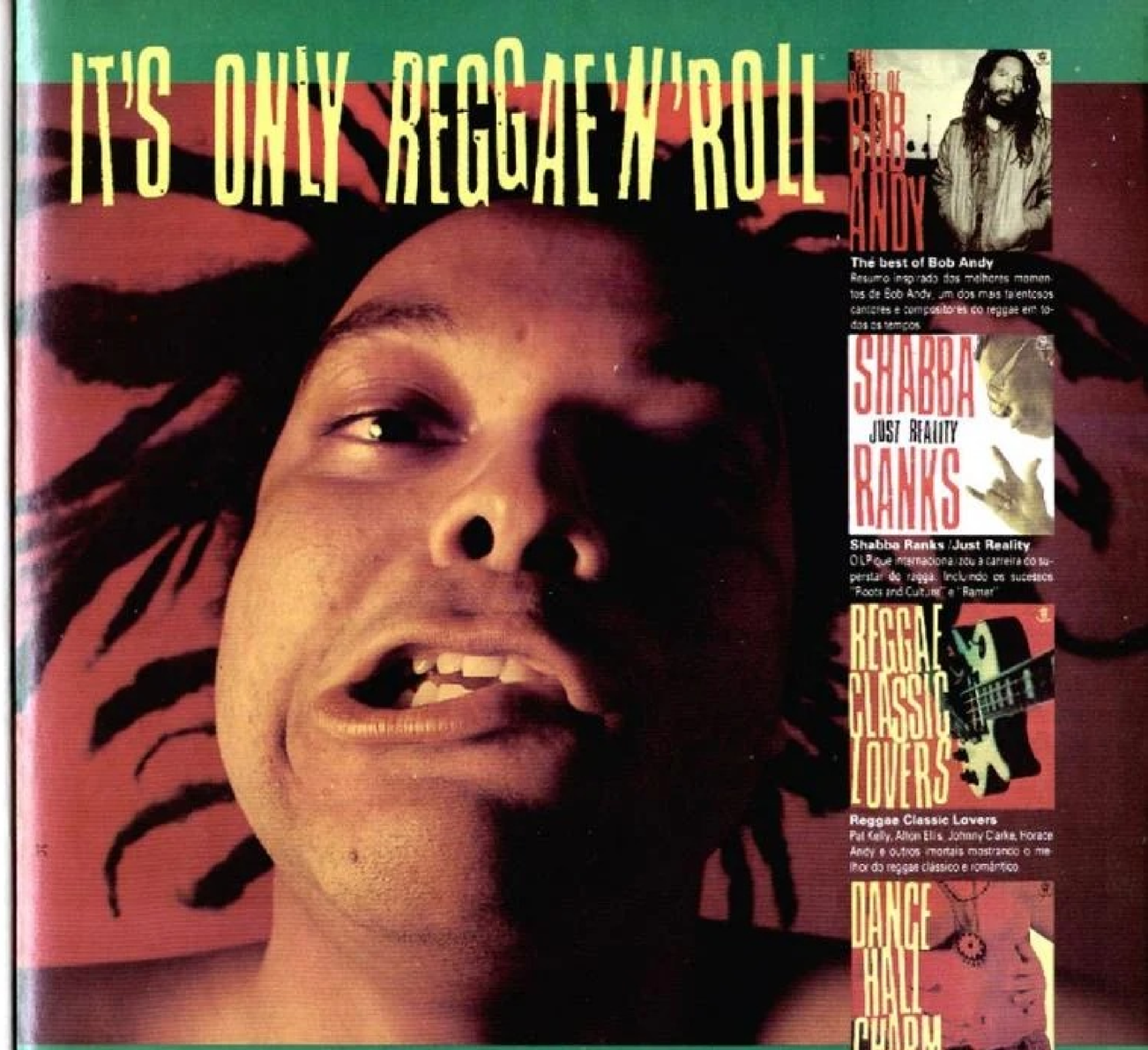
Nos folgas do Barão e com formação instável, a Midnight Blues Band desenvolve um trabalho de covers de r&b e soul music. A banda estreou em 85 e a atual escalação inclui todo o Barão (Guto, Frejat, Dadi, Fernando e Peninha), George "Kid Abelha" Israel (sax e vocais), Maurício Barros (teclados e vocais), Artur Cabral (sax alto), Demétrio (trompete), Monteiro (sax tenor) e P.C. (sax barítono). Apesar de funcionar como um hobby, não está descartado um registro discográfico da M.B.B.

O sexto Barão: Ezequiel Neves

Ele completa 57 anos no final de novembro, mas continua com a cabeça bem mais aberta e antenada do que muitos de seus "netinhos adotivos".

A "madrasta" do Barão nasceu em Belo Horizonte, onde se iniciou no teatro. Em São Paulo, nos anos 60, trocou os palcos pelo jornalismo e o rock and roll. "Até então eu não gostava de rock, achava Beatles uma bobagem. Foi o primeiro disco dos Doors que virou a minha cabeça", conta Ezequiel. "Depois me apaixonei perdidamente pelos Stones, Hendrix..."

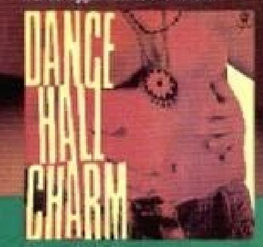
De sua coluna no *Jornal da Tarde* ou na edição brasileira do jornal *Rolling Stone* — que circulou entre 72 e 73, editada no Rio por Ezequiel e Luis Carlos Maciel — ele fez escola como crítico de rock. Nos anos 80, Zeca (Jagger, Zimmerman, Rotten...) iniciaria outra fase, como produtor, dedicando-se principalmente ao Barão Vermelho e Cazuza.



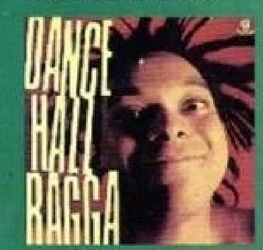
The best of Bob Andy
Resumo inspirado dos melhores momentos de Bob Andy, um dos mais talentosos cantores e compositores do reggae em todos os tempos.

Shabba Ranks / Just Reality
O LP que internacionalizou a carreira do superstar do ragga, incluindo os sucessos "Roots and Culture" e "Ramar"

Reggae Classic Lovers
Pat Kelly, Alton Ellis, Johnny Clarke, Horace Andy e outros imortais mostrando o melhor do reggae clássico e romântico.



Dance Hall Charm
O encontro do reggae com a tecnologia, numa incrível salada de ritmo, talento e muito charm... 10 faixas escolhidas a dedo.



Dance Hall Ragga
Cutty Ranks, Wayne Fire, Nardo Ranks, Dominick, Paps Son e muitos outros em ação: a energia raggamuffin que está fazendo o mundo dançar.

O reggae está mais vivo do que nunca, criando novidades, reinventando o swing em sintonia com a virada do milênio. E você não precisa mais ir à Jamaica, Londres, Tóquio ou Nova York pra acompanhar essa evolução.

Reggae'n' Roll é o primeiro selo de reggae do Brasil, com lançamentos que mostram o melhor da música jamaicana em todos os estilos, do clássico ao dance hall. O primeiro pacote, com 5 LPs, já está na rua. Agora sim, o reggae vai rolar.

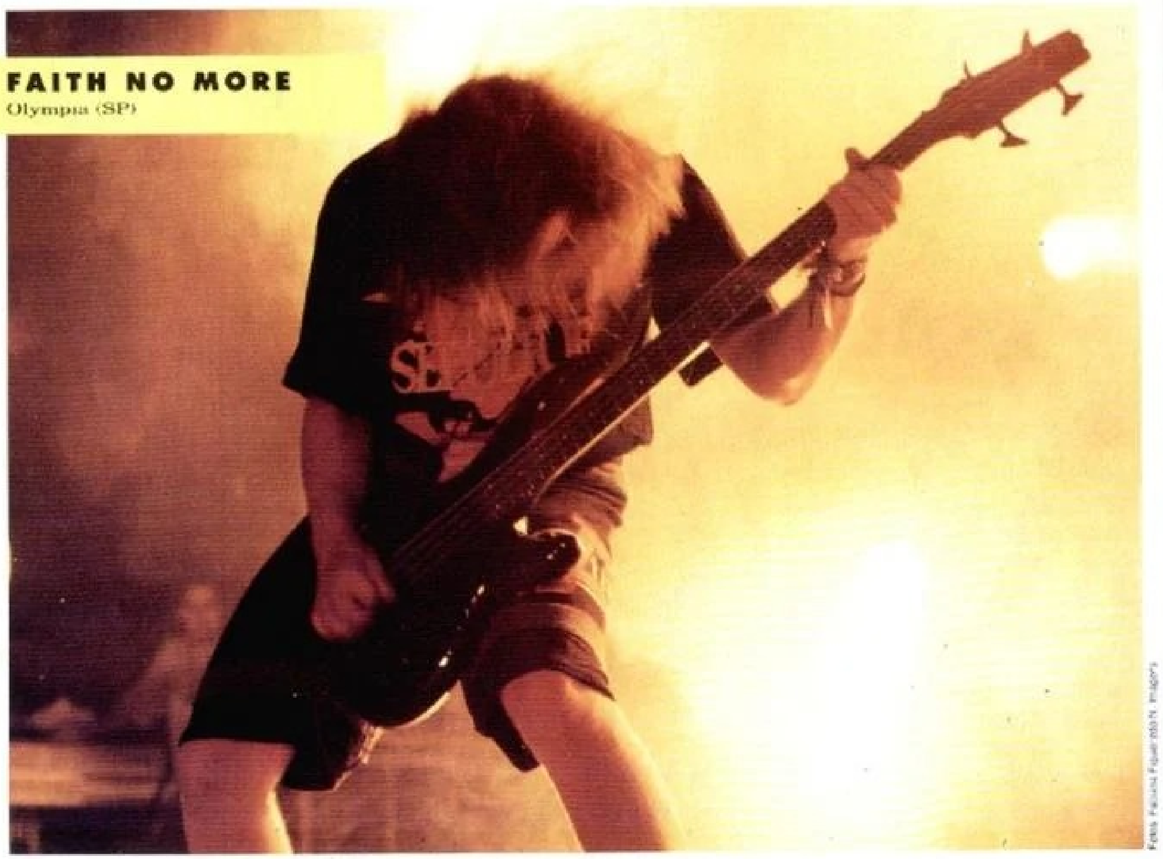
Reggae'n'Roll

A NOVA CARA DO REGGAE

Uma iniciativa Continental/Disco Reggae Produções. Já à venda em LP e cassete.

Ao vivo

FAITH NO MORE
Olympia (SP)



Não adianta, o *frontman* é sempre a cara de uma banda. O tecladista Roddy Bottum e o baixista Bill Gould podem ser a cabeça do Fenemê; o baterista Mike Bordin as pernas; o guitarrista Jim Martin o coração italiás, ela imagenzinha pernóstica.

Mas quem fez a coisa estourar foi, definitivamente, o dublê de sex symbol e fugitivo do manicômio, o vocalista Mike Patton.

E é aí que a porca torce o rabo. Que o som do Faith No More é um "caldeirão de influências" até a Sétimo Céu já disse. Mas quem coesionou, amarrou, focou essa zorra toda (mais precisamente uma dose de metal, uma dose de pop, um baixo inteligente e um glacezinho progressivo) foi o homem errado na hora certa: Chuck Mosely.

O ex-vocalista e letrista, o porra-louca que subiu um dia no palco para dar uma canja e nunca mais desceu, foi o catalizador do som Fenemê, um troço embrionário no álbum *We Care A Lot* (85) e definitivo em *Introduce Yourself* (87).

Só que o mesmo disco que prometia uma trajetória *no sucesso* foi o que catapultou o bebum Mosely e seus dreadlocks, o antiprofissional que tinha a pachorra de faltar a shows importantes, fora da banda.

E é aí que entra em cena Patton, ao mesmo tempo uma solução e um problema. Porque se o tal ecletismo ainda estava afinado em *The Real Thing*, particularmente nos hits "Epic" e "Falling To Pieces", daqui para a frente a coisa complica.

Os shows no Brasil foram um refresco nas gravações do próximo álbum — e na resposta toda que ele carrega. E, ao contrário do Rock In Rio, a coisa já não encaixa tão bem.

Primeira constatação: fora as pérolas de *The Real Thing*, as músicas que realmente seguram o punch e o estilo da banda são herança da fase Mosely: "We Care A Lot", "Introduce Yourself", "Anne's Song" (essa alguém desavisado deve até ter pensado que era composição nova).

Segunda: *covers* ou citações como as do Technotronic, Commodores ou Madonna são uma piada que só tem graça até certo ponto. Na atual turnê, um trambolho lento, movido a teclados pregas e em que o guitarrista simplesmente abandona o palco — não sei se é uma versão brega ou se é material próprio, o que seria pior ainda — só serve para encher o saco.

E para Patton fazer papel de palhaço: deixar o microfone com o público (depois tomado à força pelos seguranças), puxar um infeliz para cima do palco (depois expulso pelos *roadies*) ou coisa pior.

Note bem: *não* é um mau show, muito pelo contrário. Mas às vezes se arrasta em direções diferentes — como quando Jim, para compensar a dispensa na outra música, volta ao palco para um número solo (chamado, lógico, "Jim". É do primeiro disco! completamente ocioso.

Que Patton deixe seu lado mais *vaudeville*, mais teatral, para seu grupo paralelo, o Mr. Bungle. Ou então dá barrada.

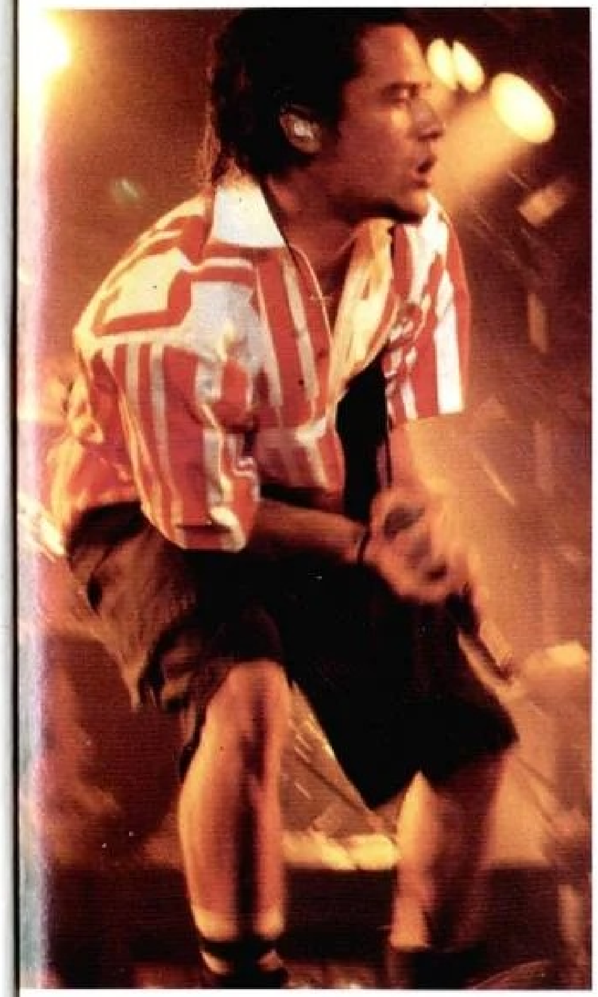
Como no final do bis, em que ele deu um *mosh* — final glorioso para um bom show de metal. Mas naquele show, naquela casa em especial — o Olympia, onde jamais dá para se excluir uma galera coxinha — foi a senha para um mal-entendido.

Primeiro as mocoilas histéricas agarraram Patton. Os seguranças, sempre eficientes, tentaram puxá-lo de volta. Dica certa para que os boyzinhos de plantão também corressem, tentando segurá-lo na plateia — ou pelo menos para rasgá-lo no meio...

Vai daí que Mike, descabelado, trepou ao palco com sede de vingança. Mandou o microfone na cara de um coitado da primeira fila e, depois, numa pontaria absolutamente injusta, jogou o pedestal inteiro uns metros adiante, na cabeça de algum desavisado que não tinha nada a ver com o pato (n).

"Pura cara panque meu", dizia a molecada na saída. Ai, ô trouxa, você sabe quanto pesa um pedestal de microfone? *ALEX ANTUNES*

Fotos: Fabiano Figueiredo/Free Images



Você tem todo direito de detestar o som de Elvis ou Beatles ou Jimi Hendrix. Mas não reconhecer a importância dos caras no rock seria burrice, concorda?

Só que o reconhecimento da relevância de uma banda às vezes demora — principalmente se ela estourou na década de 70 pré-punk, período universalmente considerada retrógrado e cafona. Vide Led Zeppelin, Aerosmith, o glam rock de Gary Glitter, Sweet e Suzi Quatro, e agora Black Sabbath (redescoberto via Sub Pop).

Mas o preconceito permanece bravo contra algumas bandas magníficas da época, como Pink Floyd, Kiss — e Deep Purple.

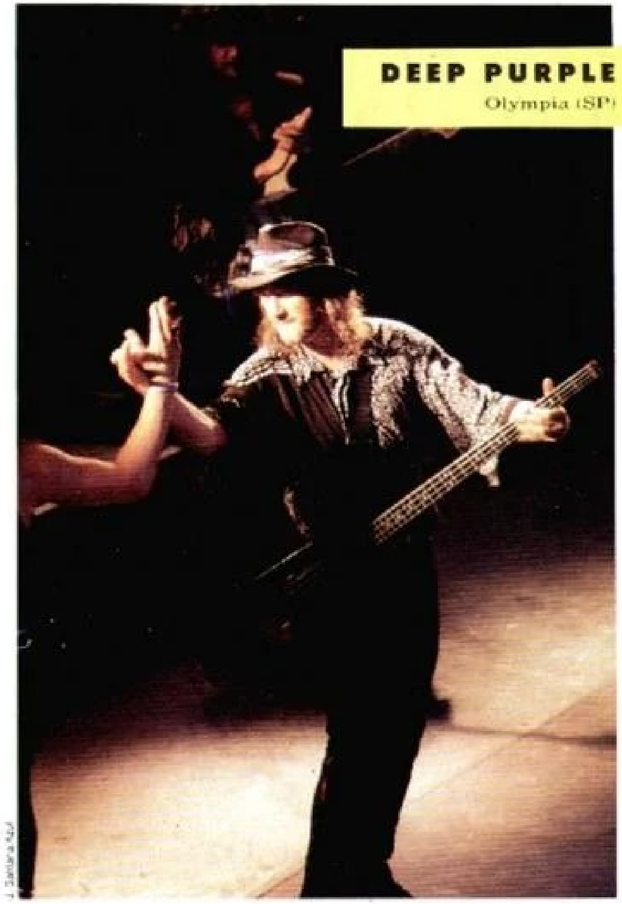
Se você achar que eles eram uma droga, zuzu bem, mas, Jesus poderoso, um cara tem de estar cego para não perceber a óbvia importância da trovejante e virtuosa simplicidade do blues de bar do DP para o desenvolvimento geral do rock'n'roll.

Os burdões bem-pensantes que fiquem com R E M e Lenny Kravitz. Deep Purple é para quem tem culhão, sacou? Música de macho, meu — apesar de o novo vocalista Joe Lynn Turner ter menos voz que a Xuxa Fó, qualquer show que começa com "Burn", acaba com "Smoke On The Water" e tem no meio "Perfect Strangers" é maravilhoso. Em que outro show um cara da minha idade pode tocar guitarra no ar sem vergonha de estar sendo ridículo?

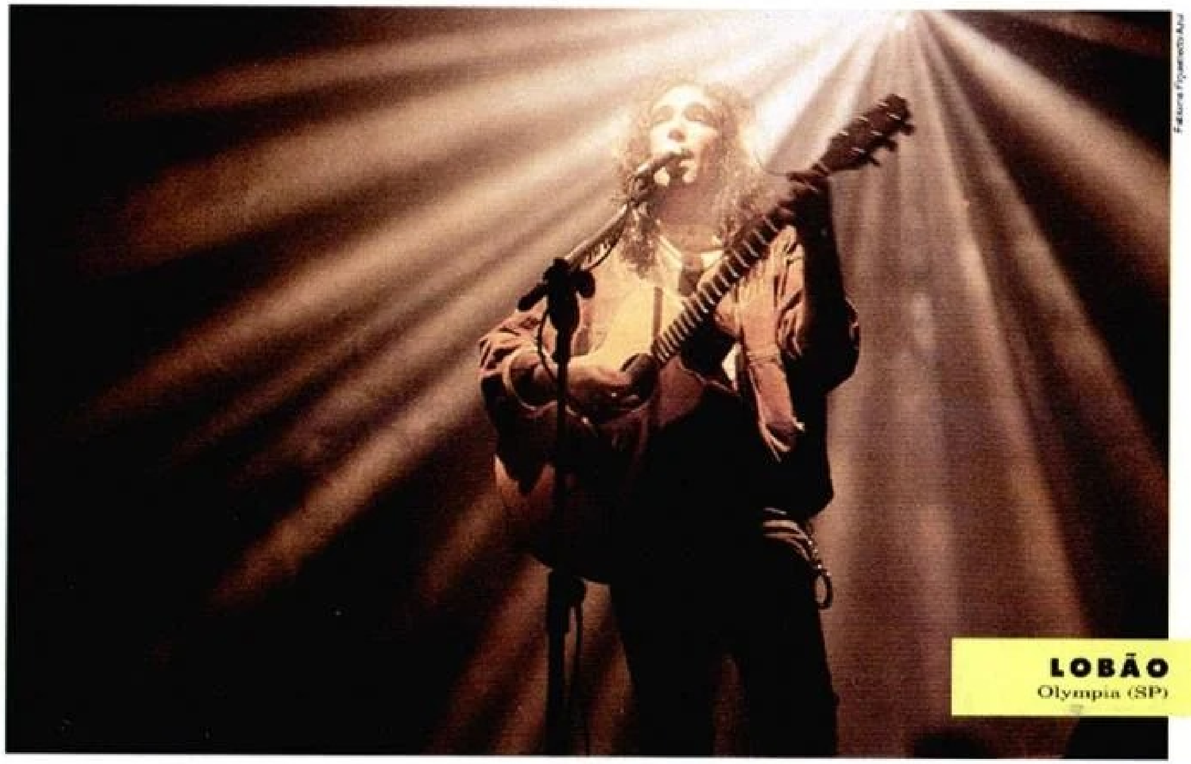
Richie, Ian, Jon, Roger — está tudo perdoado, inclusive os dois últimos discos e a infame e injustificada demissão do Ian Gillan. Long live rock'n'roll.

ANDRÉ FORASTIERI

DEEP PURPLE
Olympia (SP)



QUERO TE VER NA MTV



Fabiana Figueiredo/Abril

LOBÃO
Olympia (SP)

O Inferno existe, e Lobão pleiteia seu trono. O que se viu no lançamento do LP *O Inferno É Fogo* foi um martírio de verdade, bem diferente do que Lobão idealizou.

No palco, uma parafernália visual incluía quatro tochas, numa sutil alusão ao reino das trevas. Sinal de que aquilo que em Lobão era engraçado e irreverente tornou-se envelhecido, de uma "agressividade" maçante. Inexplicável como sua malsucedida intromissão na noite metal do Rock In Rio e como sua patética "tentativa de suicídio" no raso canal do Leblon, em julho.

Ou como na noite anterior deste mesmo show, em que Lobão abandonou no meio — por conta da afinação errada da guitarra, feita por seu próprio *roadie*...

Queimado há tempos, ele parece ter levado a sério aquela máxima de que é melhor viver dez anos a mil do que mil a dez. Só que sem perceber que seu tempo talvez já se tenha esgotado.

As críticas inteligentes de composições anteriores, como "Revanche", deram lugar a piadinhas infames: "Presidente Mauricinho" (boyzinho, em gíria carioca) e "Jesus Não Tem Drogas No País Dos Caretas" — paródia óbvia a uma música dos Titãs.

Já em "Bangu 1 Polícia 0", Lobão continua tentando dar uma certa legitimidade suburbano ao seu som. A homenagem ao Tuchinha da Mangueira (hoje detido no presídio de Bangu) é uma infeliz parceria com Ivo Meirelles.

O irônico é que, nem sambista nem roqueiro, o Lobão que entusiasma de verdade a platéia é o baladeiro. Canções como "Noite E Dia", "Por Tudo Que For", "Chorando No Campo" e "Me Chama" (que só foi tocada, e sem ânimo, depois de muita insistência) foram as que realmente embalaram o público.

Lobão continua querendo se afirmar como roqueiro mais diabólico do Brasil. Só que é como diz o ditado: de boas intenções o inferno está cheio. *LEANDRO FORTING*

Spider

CD'S

TEMOS EM ESTOQUE

U2 - ACHTUNG BABY
ERASURE - CHORUS
RAMONES - VIVA LOCO
PUBLIC ENEMY - APOCALIPSE 91
PIXIES - TROMPE LE MONDE
THE SMITHS - MEAT IS MURDER/QUEEN IS
COCTEAU TWINS - VICTORYLAND/GARLANDS
NITZER EBB - EBBHEAD
R.E.M. - BEST OF DOCUMENT
R.E.M. - DEAD LETTER/CHRONIC TOWN
THE CULT - CEREMONY
PRIMAL SCREAM - SCREAMADELICA
RED HOT CHILI PEPPERS - BLOOD, SUGAR
BILLY BRAGG - DON'T TRY THIS
JOY DIVISION - STILL/CLOSER
PRINCE - DIAMONDS AND PEARLS
MARTIN GORE - COUNTERFEIT EP
JANE'S ADDICTION - NOTHING'S SHOCKING
NIRVANA - NEVER MIND
DREAD ZEPPELIN - UN-LED-ED(5,000,000
SEPULTURA - MORBID VISION/BESTIAL
LLOYD COLE - DON'T GET WEIRD ON ME
SYD BARRETT - MADCAP LAUGHS
THE CRAMPS - LOOK MA, NO HEAD
RUSH - ROLL THE BONES
RIDE - NOWHERE
SISTERS OF MERCY - FIRST AND LAST AND ALWAYS
ST. ETIENNE - FOXBASE ALPHA
SOUNDGARDEN - BADMOTORFINGER

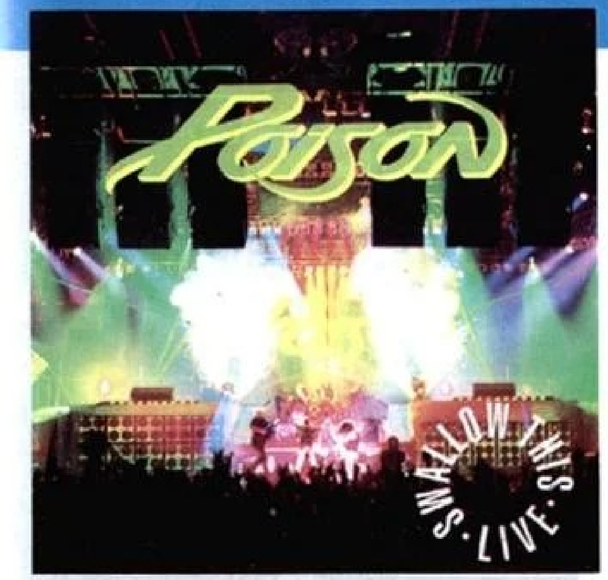
CD SINGLES

SEAL - THE BEGINNING/CRAZY
U2 - THE FLY
MORRISSEY - THERE'S A PLACE
THE SHAMEN - MOVE ANY MOUNTAIN
SIOUXSIE - KISS THEM FOR ME
THE CURE - PEEL SESSION
THE JAM - PEEL SESSION

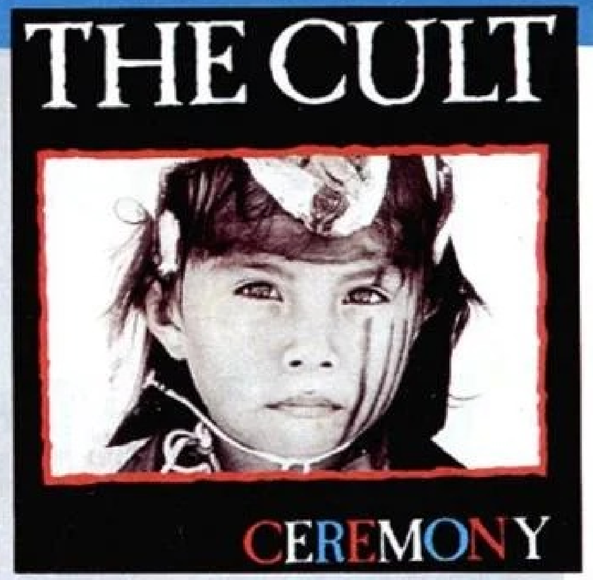
ENVIAMOS PELO SEDEX

R. Visconde de Pirajá, 281 - Slj. 212 - Ipanema - Rio
CEP 22410 - Telefax (021) 521-8040

POISON E CULT
DUAS PRESENÇAS DA
MELHOR QUALIDADE.



Poison - Swallow This Live



The Cult - Ceremony

SIRVA-SE.

O LP Swallow This Live traz para você a presença do Poison em um grande show ao vivo. Você vai se servir do melhor rock and roll.

Você não precisa fazer cerimônia para curtir a presença do Cult em um grande show de sua turnê pelo Brasil*. Basta ir viajando nas músicas do novo LP Ceremony.

POISON e THE CULT.
Agora é só comprar e curtir.

EM CD - K7 - LP

EMI

*4/12 - São Paulo - Olympia. 5 e 6/12 - S. Paulo - Ibirapuera. 7/12 - Rio - Maracanãzinho. 10/12 - B. Horizonte. - Mineirinho. 12/12 - Porto Alegre - Gigantinho

Del Shannon

Ele jamais poderia ser confundido com seus contemporâneos.

Del Shannon surgiu numa época de *teen idols* fabricados em série, que desapareciam tão rapidamente quanto surgiam. Se faltava a ele *physique-du-rôle* de artista, sobrava talento, carisma e uma aura melancólica que jamais o abandonaram. Del era original. Seu falsete agressivo e o talento nato para compor modernizaram a música pop, que antes dele era rock brutal e burro, ou balada na tradição dos anos 30/40. Del compôs baladas com a contundência do rock'n'roll e rocks com a beleza melódica das baladas, mantendo um nível acima de qualquer crítica. As letras, mesmo sobre os temas mais comuns, representam uma revolução se comparadas à banalidade de seus antecessores. Em cada gravação registrada, mesmo nas músicas que não saíram de sua pena, deixou sua marca inconfundível.

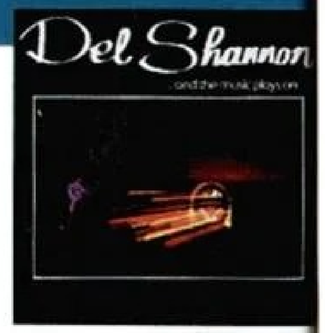
Ex-soldado e vendedor, viu sua sorte mudar em 60. Foi levado para Detroit e firmou contrato com a Embee, uma agência que financiou suas primeiras gravações — negociadas com o selo Big Top e transformadas nos hits "Runaway", "Hats Off To Larry", "So Long Baby", "Hey Little Girl", "Swiss Maid" e "Little Town Flirt". O som original desses discos vinha de Max Crook, que tocava um excêntrico instrumento, musitron, uma espécie de ancestral do sintetizador.

Causou furor na Inglaterra, onde se estabeleceu um fã-clube crescente e fiel, presente em suas inúmeras excursões e visitas. Em 63, seguindo uma *tour* mundial, foi escalado para cantar em São Paulo no Teatro Record. Os cartazes chegaram a ser impressos, mas a apresentação nunca aconteceu.

Trivia: qual a primeira composição de Lennon/McCartney editada nos EUA? "From Me To You" com Del Shannon, meses antes da versão original (e entrou na parada).

Em 66, livre da Embee, Del gravou pela Liberty três LPs, vários singles, mais um álbum produzido em Londres em 67 por Andrew Oldham, que se manteve inédito por onze anos. A ficha técnica desse disco é o *who's who* do rock inglês da época. Depois de produzir os hits "Gypsy Woman", para Brian Hyland, e "Baby It's You", para o grupo Smith, e gravar singles para a ABC/Dunhill no final dos anos 60, retirou-se para voltar em 73 com o notável LP *Live In England* pela UA.

Passou pela Island em dois singles co-produzidos por Jeff Lynne. No início dos 80, voltou às paradas com o LP *Drop Down Get Me* e o hit "Sea Of Love", produzidos por Tom Petty. Após se engajar na música *country*, Del reencontrou-se com Jeff Lynne e Tom Petty, sendo cogitado para substituir Roy Orbison nos Traveling Wilburys. Iniciou as gravações de um novo LP produzido por Lynne e Petty que não foi terminado, pois em fevereiro de 90, em meio a uma crise depressiva, suicidou-se. Desfecho inesperado para a carreira de um artista tão inovador quanto fiel à sua arte. *RENÉ FERRI*



DISCOGRAFIA SELECIONADA

Little Town Flirt (Big Top, EUA, 63)
1661 Seconds With Del Shannon (Amy, EUA, 65)
Live In England (UA, Inglaterra, 73)
And The Music Plays On (Sunset, Inglaterra, 73)

... *And The Music Plays On* é o LP produzido por Andrew "Loog" Oldham em 67, acrescido de três faixas. No Brasil, foram editados os LPs *Runaway* (London/Odeon), *This Is My Bag* (RCA) e *Live In England* (UA/Copacabana).

SE SUA SEMANA ACABA EM FILMES, COMECE COM SET.

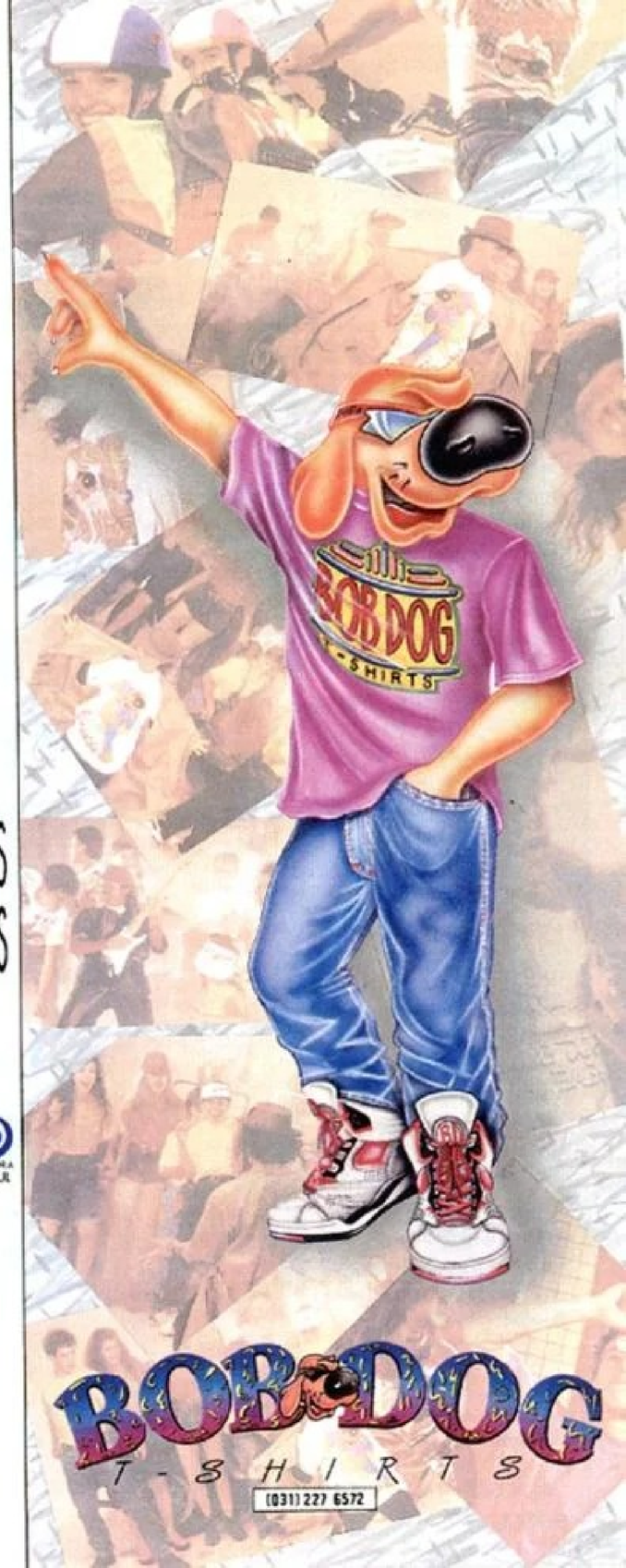
Para saber o que escolher na locadora ou decidir que filme ver no cinema, conte com a revista Set. Lançamentos, comentários, recomendações, bastidores: está tudo em Set. Este mês tem o filme de Harrison Ford, Elvis no cinema, porque A Noviço Rebelde virou cult, os novos vídeos. E muito mais.

Set: a sua revista de cinema e vídeo.

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

CMC1



CONEXÃO BRASIL

SOWHAT

Há muito tempo que não se vê uma banda de rock (rock de verdade!) como esta no Brasil. Sowhat é a mistura explosiva de guitarras violentas, baixo e bateria arrasadores e no vocal... no vocal uma loira que sabe o que faz.

Rosana Riberti nasceu em uma família de músicos, passou uma temporada assombrando os americanos cantando a bossa nova (isso mesmo!), e na volta conheceu o baixista William Cook numa loja de discos.

O cara teve a boa idéia de convidá-la para o ensaio do que viria a ser a banda. Não deu outra. A menina arrebentou cantando "Whole Lotta Love", do Zeppelin. Ela, William, Indio Joe (guitarra) e Rodrigo Piza (bateria) tomaram gosto pela coisa e têm traduzido suas influências de hard e heavy rock na paulada chamada Sowhat. Preparem seus ouvidos.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

Rui Mendes Azul

RÁDIO

FUGIR DAS *PLAYLISTS* QUE DOMINAM AS PROGRAMAÇÕES DE GRANDE PARTE DAS RÁDIOS EM TODO O PAÍS NÃO É TAREFA FÁCIL. ENCONTRAR UMA ESTAÇÃO DISPOSTA A VEICULAR FITAS DEMO É AINDA MAIS PROBLEMÁTICO. PARA FACILITAR A VIDA DE QUEM QUER MOSTRAR SEU TRABALHO OU APENAS OUVIR ALGO DIFERENTE NO RÁDIO, *CONEXÃO BRASIL* PUBLICARÁ, EM PARTES, UMA RELAÇÃO COM AS OPÇÕES RADIOFÔNICAS DAS CAPITAIS. AQUI, A PRIMEIRA PARTE.

MANAUS

Novidade FM (100.7 MHz)
Flashback (Segunda a Sexta, 13 às 14 h) Pop, rock e MPB do passado.

●

Pista Brasil (Segunda a Sábado, 14 às 15 h e 19 às 20 h) Rock nacional e MPB.

●

Top Music (Segunda a Sexta, 15 às 16 h) Dance music, com destaque para discos importados.

●

Charme Time (Terças e Quintas, 10 às 12 h) Música dançante suave, entre o pop e a dance music.

●

104 FM (104.1 MHz)
Patrulha Do Tempo (Segunda a Sexta, 12 às 13 h) Pop e rock em flashback.

●

Pancada (Segunda a Sexta, 13 às 14 h) Discos importados e os últimos lançamentos internacionais no Brasil.

●

104 Especial (Sábados e Domingos, 18 às 19 h) Gravações ao vivo de astros do pop rock nacionais e internacionais.

●

Radio Flight (Domingo, 13 às 15 h) Dance music.

●

Tropical FM (99.3 MHz)
Festa Da Cidade (Sextas e Sábados, 20 às 24 h) Dance music.

FORTALEZA

Tempo FM (103.9 MHz)
Surf Music (Segunda a Sexta, 18 às 19 h; Sábado, 18 às 20 h) Lançamentos comentados de surf music, rock e dance.

●

Scratch (Domingo, 16 às 18 h) Novidades na área de dance music.

●

Cidade FM (99.1 MHz)
Festa Da Cidade (Sábado, 22 às 24 h) Dance music.

●

Ritmos Da Cidade (Domingo, 17 às 19 h) Entrevistas e lançamentos de rock e dance music.

●

Rádio Cem (100.9 MHz)
Sky Wave (Segunda a Sábado, 15 às 18 h) Entrevistas, lançamentos e flashbacks nas áreas de rock e dance music.

●

Formula 100 (Segunda a Sábado, das 12 às 15 h) Rock, blues e informações sobre esportes, radicais ou não.

●

Cabine 100 (Sábados e Domingos, 19 às 21 h) Remixes, montagens e medleys de rock e dance music.

RACIONAIS

De dois pontos extremos de São Paulo (Tucuruvi, Norte, e Capão Redondo, Sul) vêm os integrantes de uma das maiores promessas do hip hop nacional. Agressivos, realistas e, claro, muito racionais.

KL Jay, Edy Rock, Ice Blue e Brown lançaram há pouco tempo o mini-LP *Holocausto Urbano*, pelo selo independente Zimbabwe. Suas letras falam basicamente dos problemas da vida. Será que o rap precisa ser politizado sempre? "O rap é um bom veículo para isso", responde KL Jay. "Mas não é uma regra. O Digital Underground quase só fala de festas e mulheres, e eles são ótimos."

Hip hop no Brasil tem futuro? A julgar pelo entusiasmo que a intervenção dos Racionais provocou no show do Public Enemy em São Paulo, como convidados especiais, sim.

"As pessoas estão se abrindo. Mas o preconceito ainda é grande: público, críticos e mídia em geral. E, para piorar, os rappers que estão se dando bem no Brasil são esses que só falam besteira, bem babacões."

CAMILO ROCHA

THE WORSTS

Nem bem o muro de Berlim foi ao chão, o crossover carioca, pisando nas pedras, invadiu a Alemanha. E fazendo o maior barulho, com uma competência que a autointitulação não sugere: eles são The Worsts (*Os Piores*, num plural que não existe em inglês).

Layse Wascher é a vocalista que também assina todas as letras do primeiro álbum, *Understandin*, lançado pelo selo alemão Disgraceland.

Rio de Janeiro, início da década de 80, em plena efervescência punk: Layse empunhava não um microfone, mas um par de baquetas, em grupos efêmeros como Catedral Da Desordem e Agentes Poluentes.

Decepcionada com os rumos do movimento, ela resolveu sair do Brasil e foi morar na casa de um chucrute, amigo seu de correspondência. Depois de um ano na Europa, Layse voltou trazendo na bagagem discos, idéias e "o amigo", aqui convertido em marido. E ele foi para a cozinha.

Explico: ele também é baterista. Em abril de 89, sob inspiração hardcore, surgiram The Worsts: Jorge Jak (guitarra), Flávio (baixo), o marido Torstn e Layse, agora no vocal. Jorge sucumbiu aos apelos do espírito e ingressou na Ordem Rosa Cruz. Com a entrada do substituto, o guitarrista metaleiro Ivan, estava feita a ponte.

No arrabalde do Méier, o casal montou a Urbanóia Records, devidamente desmantelada pelo Plano Collor. E voltou à Alemanha, desta vez com a banda completa. De Hasbergen, pelo telefone, Layse anuncia novidades: o disco foi (merecidamente) bem recebido, os shows não param, e Flávio deixou a zaga, sendo substituído pelo baixista Jean, um germano de dezessete anos. *Adios Physical World*, o próximo vinil, não tarda. No Brasil talvez pinte show em Curitiba e uma dobradinha com os Ratos De Porão, ainda este ano.

ALEXANDRE GUIMARÃES

GUERRA AOS argumentos BURROS

Depois de ler centenas de críticas e cartas de leitores falando mal de dance music só posso concluir: eles não sabem o que dizem, senhor. Não estou falando de gosto, mas de falta de argumentos. O que existe é muito clichê. Correção, muito não, poucos. São sempre os mesmos dez ou doze regurgitados.

"Dance music é tudo igual"

Ah, Sim. Outro dia ouvi Technotronic, 808 State, Massive Attack, C + C Music Factory em seguida e não consegui perceber qual era qual.

Criticar um gênero pelas características em comum de suas músicas é como falar mal de carros, porque todos têm rodas. Se for assim, blues é tudo igual, reggae, punk, metal, soul, rap etc.

"As pessoas não sabem tocar nenhum instrumento"
"Não há músicos no meio"

E a gente achava que o punk tinha mandado as favas esse tipo de idéia. Quem anda atrás de músicos está na revista errada. Pop, rock'n'roll, punk etc. nunca tiveram nada a ver com músicos. Têm a ver com energia, diversão, suor, emoção e um monte de outras coisas. Quem quer seriedade, virtuosismo, complexidade, vá ouvir música clássica ou erudita e não encha o saco de quem quer ouvir um rock de três acordes ou um house demente.

"Música feita por computadores não tem alma, não é humana"

Quando é que esses jacus vão entender que samplers — assim como guitarras elétricas — são meros instrumentos que precisam dum cérebro humano para comandá-los. A tecnologia é só um meio de facilitar o trabalho do homem, liberando todo o esforço para a criação. O que importa é o resultado final: a música.

Se o som do sampler é artificial, desculpe, mas o da guitarra elétrica também é. Pedais, amplificadores e microfones são todos meios artificiais tecnológicos de transformar ou melhorar um som. É impossível escapar da altíssima tecnologia dos estúdios de hoje. Guns, U2, Lenny Kravitz, Rolling Stones, bandas de heavy metal, todos usam samplers, efeitos, *overdubs*, processadores.

É claro que com samplers e toda a tecnologia é muito mais fácil para um imbecil sem talento fazer música. Mas quem conhece música sabe discernir. Por outro lado, milhares de talentos para a música — sem nenhum aprendizado técnico — estão tendo a oportunidade de mostrar do que são capazes.

"Só tem armação"

Calúnia da grossa. Quem conhece o funcionamento do meio dance sabe que é impossível armar. O que move a dance são pistas cheias. A reação do público é testada no ato.

Se uma música não dá certo na pista, o DJ pára de tocar. Não há quem faça um DJ colocar algo que esvazie pistas. Deee-Lite, C + C Music Factory, Black Box, Technotronic foram todas descobertas de DJs. Não houve dedo de gravadora no meio.

As gravadoras não gostam desse esquema. Elas não têm controle: se uma música em que eles investiram pesado não decola na pista, foi dinheiro perdido. Por outro lado, elas têm que sair correndo atrás de coisas legais que aparecem em momentos e lugares onde menos esperam.

"Os grupos de dance não têm consistência"
"Lançam uma música e somem"
"São artistas sem rosto"

É uma característica da dance o rápido aparecimento e sumiço de nomes. Aspectos positivos: não há estrelismo nem idolatria. Egos inflados esvaziam logo. As pessoas estão atentas exclusivamente à música, não importa quem fez, como fez, quando fez, ideologia, se é feio ou bonito etc. O rhythm'n'blues, o começo do rock'n'roll também era meio assim: um monte de gente fazendo som sem se importar se havia um futuro, uma carreira de vários discos.

A circulação de informações é altíssima. Por consequência, criação, produção e evolução também. Quanto mais coisas são lançadas, maiores as chances de sair qualidade daí. A música evolui com velocidade.

"As letras não dizem nada"
"É uma música alienada"

Pop não tem obrigação de dizer nada. Desde o tempo de grandes clássicos como "Be Bop A Lula", "Tutti Frutti", "Twist And Shout", "Surfin' Bird", "Louie Louie" e por aí afora. Gosta de letra? Então vai ler poesia.

Pelo amor do Espírito Santo! Quem está preocupado com o custo de vida 24 horas por dia? Só porque as pessoas querem esquecer um pouco o tédio diário numa pista de dança, já vem a turma da mala-

808 State

Bootsy Collins

tagem moral cobrar "atitude", "conscientização" etc.

Mas se alguém ainda fizer questão de profundidade, a dance também oferece esse lado. Ten City, Nomad, Crystal Waters, Soul II Soul e dezenas de outros gravaram músicas com "mensagem".

"É só uma moda, daqui a pouco todo mundo esquece"

Não há como negar que dance está na moda. Mas nem de longe é um fenômeno passageiro. Desde os anos 50, com o rhythm'n'blues, os ritmos negros da América e suas variações brancas vêm agitando pistas de dança.

Ocorre que a música negra só recebe a devida atenção durante seus picos de criatividade e produtividade, como agora — especialmente quando já tem muito branco envolvido.

"Copiar agora se chama 'samplear'"

O que é feito a partir do zero, sem quaisquer referências ou influências? Nada! Se emprestar do passado faz parte da criação humana, na música pop então nem se fala. Quantos riffs de Bo Diddley, Chuck Berry, dos hits da Motown foram "emprestados" nas últimas décadas? O samplear é apenas um novo meio de se exercer uma prática antiga. É parte do processo moderno de compor uma música.

Se feito com inteligência e imaginação pode ser brilhante. Se for mero roubo de idéias, não passará disso — e olhe que ainda assim pode ser um plágio bem-feito.

Tem outra: graças aos samples toda uma nova geração está tendo contato com ótimos nomes do passado: James Brown, Sly And The Family Stone, George Clinton, Bootsy Collins, o soul da Filadélfia, Loleatta Holloway etc.

James Brown

nas PISTAS

"Let The Beat Hit'Em" (Part 1 & 2) **LISA LISA & CULT JAM** Já saiu faz um tempo mas ainda não teve o estouro merecido. Um monstro com samples colados por todo o corpo se debatendo num salão de festas chique. Bem-vindo ao lado insano de um remix de C + C Music Factory.

"Makin' Happy" **CRYSTAL WATERS** Enquanto um sample de Barry White repete "happy", uma base house surge para derrubar. Acompanham riffs 70 de guitarra e piano.

"Set Adrift On Memory Bliss" **PM DAWN** Por que ninguém pensou nisso antes: samplear o riff e o sussurro de "True", do Spandau Ballet? Hip hop bicho-grilo totalmente genial.

"Gett Off" **PRINCE AND THE NPG** Disco sublime. Retorno triunfal. Remixes de Steve 'Silk' Hurley. *Get down, get funky, GETT OFF!!!*

"The Whistle Song" **FRANKIE KNUCKLES** O "padrinho da house" propõe um clima bem sossegado com este instrumental. Simples mas memorável. Um house sofisticado percorrido por uma linda e sutil melodia assobiada.

"Just A Touch Of Love" **C + C MUSIC FACTORY** Agora encarnando um Black Box, o C + C continua mostrando serviço de primeira. Mais um hit certeiro em todo o planeta.

"Get Serious" **CUT N'MOVE** Hip hop/soul/pop, também com mão dos Basement Boys. Tão instantaneamente grudento que nem solvente tira.

Cut n'Move

PARADA

DJ MARQUINHOS (São Paulo: noite *indie-dance* do Hoellisch com Kid Vinil)
"There's No Other Way" (remix) BLUR
"Don't Fight It, Feel It" PRIMAL SCREAM
"Anytime Anyplace Anywhere" CARTER USM
"Move Any Mountain — Pro-Gen 91" SHAMEN
"Star Sign" TEENAGE FANCLUB

INGLATERRA *Music Week* 14/9
"Such A Feeling" BIZARRE INC. *Vinyl Solution*
"Everybody's Free" ROZALLA *Pulse B*
"Charly" PRODIGY *XL*
"Dominator" HUMAN RESOURCE *R & S*
"Ivory" SKIN UP *Love*

EUA *Billboard* 28/9
"Gett Off" PRINCE & THE NPG *Paisley Park*
"Makin' Happy" CRYSTAL WATERS *Mercury*
"Ride On The Rhythm" LITTLE LOUIE AND MARC ANTHONY *Atlantic*
"Save Me" LISA FISCHER *Elektra*
"Gonna Catch You" LONNIE GORDON *SBK*

ENGENHEIROS DO HAWAII

HERDEIRO DA PAMPA POBRE

NOVO CLIP

DIREÇÃO: CACÁ DIEGUES

TODO DIA NA MTV MUSIC TELEVISION

O SUCESSO HERDEIRO DA PAMPA POBRE ESTÁ NO NOVO DISCO VÁRIAS VARIÁVEIS

POA - GIGANTINHO 09/NOV. • SP - PALACE 21 A 01/DEZ. • BH - OLYMPIA 4, 5, 6/DEZ.

BMG

APOIO CULTURAL

Levi's

DISCOS

Foi exatamente há dez anos — no verão de 82 — que, para todos os efeitos práticos não vanguardistas, nasceu a terceira dentição do rock brasileiro, a primeira realmente popular e bem-sucedida. Punks em 78, underground paulistano, protopunk de elite em Brasília em 81 — isso tudo não vale.

O rock brasileiro dos anos 80 nasceu quando fizeram um show no meu colégio em que duas meninas dublavam a Marcia e a Fernandinha e um pateta lá fazia o Evandro Mesquita (não era eu, não). Depois rock virou moda, gel, big business, uma banda numa propaganda de refrigerante, motivo de piada. Rendeu bastante coisa

Hu Mendes

boa, teve seus últimos espasmos criativos em 89 e se configurou como vítima de uma espécie de Alzheimer cultural.

Agora, em vez de ficar se arrastando por aí como um moribundo, o rock 80 fez o que todo doente terminal felizmente acaba fazendo: esticou as canelas. *Os Grãos* e *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*, novos discos de Paralamas e Titãs — dois gigantes sucessos rivais da década passada — colocam diferentes pedras sobre a mesma tumba.

Os Grãos é o pior disco dos Paralamas Do Sucesso. Um equívoco, do começo ao fim. Procede a crítica de Luis Antônio Giron na *Folha*: é um disco solo, em que a criatividade e a energia de Bi e Barone foram desprezadas em favor de uma ego-trip baladeira. Das dez faixas assinadas, só uma tem participação de Bi — "Tribunal De Bar", não por acaso a melhor do disco.

Em vez do suingue simples e redondo, do pé-no-chão tropical, em *Os Grãos* saltitam participações especiais (Carlinhos Brown, Fito Paez, Fernanda Abreu, Fábio Fonseca) e sobejam melosos arranjos de cordas emepebistas. O sentimentalismo e a pretensão de Vianna se casaram à perfeição com o progressivóide preciosismo técnico de Liminha, colocando Barone e Bi no banco de reservas. *Os Grãos* não é rock, é MPB da pior qualidade.

TUDO AO MESMO TEMPO AGORA
Titãs
(Warner)

OS GRÃOS
Os Paralamas Do Sucesso
(EMI-Odeon)

O mesmo Liminha que ajudou a cavar o buraco em que os Paralamas se meteram faz falta em *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*. Bem ou mal, os três discos da banda que ele produziu continham vários momentos memoráveis. Sem ele, os Titãs acabaram produzindo um disco retrógrado, totalmente 85. Soa como *Cabeça Dinossauro* talvez soasse sem a presença de Liminha: guitarras barulhentas e vocais pop, colaborando para produzir uma espécie de hardcore de FM.

Essa fórmula (além de um passo atrás para quem fez "Miséria" há menos de dois anos) está superadíssima entre a moçada, graças à popularização das variantes heavy metal em geral e de Sepultura Ratos em particular.

E mesmo na ressurreição da fórmula, os Titãs foram infelizes: entre riffs descarnados, palavrões e concretismo juvenil, nada em *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* alcança o impacto e a qualidade de "Polícia" ou "Lugar Nenhum" — como a própria crítica, sempre pronta para babar ovo em cima da banda, foi obrigada a reconhecer.

Em 84, *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* seria recebido como um bom disco. Lançado hoje, sugere que os Titãs — como os Paralamas, e quase todo o resto de sua geração — já contribuíram o que podiam à música brasileira.

Valeu, pessoal. Apesar de tudo, foi razoavelmente bom enquanto durou. Agora vamos em frente, que atrás vem gente — um monte de gente chucra, duranga, espinhuda, *faminta*.

Rock brasileiro, anos 90...

ANDRÉ FORASTIERI

Maurício Valladares

MARINA LIMA
Marina (EMI-Odeon) 🎞 ◎

No século XIX, Honoré de Balzac disse em sua *A Comédia Humana* que somente certas mulheres, e somente numa certa idade, sabem dar uma linguagem a suas atitudes. Como a sumarizar o tipo delineado pelo escritor, Marina — 35 anos, acreditem — retorna mais sensual e articulada do que nunca.

Desde que surgiu em 79, Marina vem tentando fazer de suas gravações autênticos raios-X de suas posições pessoais. Se *Virgem* marcava sua passagem pela psicanálise e *Próxima Parada* era a pausa para futuros percursos, este disco revela uma Marina prenhe de vida. Como atesta "Grávida", composta com o titã Arnaldo Antunes, ela está prestes a "parir sobre a cidade, quando a noite contrair/e quando o sol dilatar/dar à luz".

Dar à luz numa era como a nossa não é tarefa fácil. Mas Marina tem noção do que a espera. Num trecho do encarte, ela fala sem temor deste tempo de estranhas circunstâncias, talvez "o mais brilhante e atravessado pela noite que este mundo já viu". Marina ainda é capaz de extrair incisivos pontos de vista ("gosto de minhas diferenças e sou capaz de brigar por elas", como afirma em "Acho Que Não Sou Só Eu"), bem como os maliciosos versos "será que você será a dama que me completa?/será que você será o homem que me desperta?" ("Não Estou Bem Certa", versão para "Sign Your Name", de Terence Trent D'Arby).

Musicalmente, *Marina Lima* captou este universo de referências ambíguas com idêntica eficácia. Produtores e instrumentistas perceberam o momento da cantora e souberam responder com intervenções simultaneamente sutis e vigorosas. Desse modo, "Criança" balança num *groove* que não faria feio nas *raves* de Manchester, mas que mesmo assim guarda um quê de melancolia.

Marina está o fino como intérprete. Vale a pena ouvi-la à capela em "Ela E Eu", de Caetano, ou nas igualmente inspiradas "Não Sei Dançar" (uma baladaça de Alvin L.) e o funk-tributo a Cazuza, "Pode Ser O Que For". Ou seja, *Marina Lima* talvez seja o registro maior desta cantora felina. *ARTHUR G. COUTO DUARTE*

5,000,000
Dread Zeppelin
(I.R.S./EMI-Odeon) 🎞

Uma piada, mesmo que boa, perde um bocado da graça quando contada pela segunda vez. É o que ocorre nesta nova investida do bizarro sexteto de Tortelvis. A idéia não é nova: tocar Led Zeppelin em ritmo de reggae. O próprio grupo fazia isso em ensaios, segundo Robert Plant, e até Frank Zappa já tinha rearranjado "Stairway To Heaven" em 88 (ver *Zona Franca* desta edição). Mas foi o DZ que extrapolou esta sacada, com um visual estapafúrdio e um álbum (*Un-Led-Ed*) que foram sensações em 90.

Infelizmente, este segundo disco não repetiu a façanha. Se antes havia achados como os *medleys* Led/Elvis ("Black Dog"/"Hound Dog", e "Heartbreaker"/"Heartbreak Hotel"), agora despontam arranjos ska bem menos inspirados ("The Song Remains The Same", "Misty Mountain Hop"). Para variar, três canções próprias e covers para hits dos Yardbirds ("The Train Kept A-Rollin'") e dos Wailers ("Stir It Up"). De rachar o bico, só a versão de "Stairway...". *C.P.*

MASS ILLUSION
Korzus (Devil)

Longe vai o tempo em que o Korzus se comprazia com firulas de puro *hype*, usando ossos (sic) à guisa de baquetas. *Mass Illusion* é a prova da evolução do grupo, que se entregou a um metal imantado pelas mais diversas influências. OK, falta peso (terá sido culpa do corte, rapaziada?) ao LP, mas temas como "Anger", "Kids Of The Streets" (a questão do menor abandonado segundo a ótica *banger*) e a faixa-título são bem elaborados, com destaque para os *speedy-riffs* da dupla Silvio Golfetti e Marcello Nicastro. *A.G.C.D.*

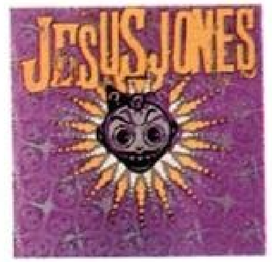
MOVE TO THIS
Cathy Dennis
(Polydor/PolyGram) 🎞

A inglesa Cathy Dennis tem uma voz bem maletinha e seu disco é dance-pop de baixo impacto e alta repetitividade. Entre os produtores estão Shep Pettibone e Nile Rodgers, homens de talento mas que hoje em dia não parecem ter muito para mostrar. Um disco feito para as pistas mais bundas e fim de papo. Agora, onde é que estão os meus discos da Madonna? *C.R.*

HOLD ME UP
Goo Goo Dolls
(Fun After All/Warner) 🎞

Para quem gosta de rock'n'roll divertido, um prato cheio. As quatorze faixas deste *Hold Me Up* são perfeitas para dar umas voltas de carro tomando umas cervejas e perpetrando outras contravenções.

Os Goo Goo Dolls — George (bateria/vocais), Johnny (guitarra/vocais) e Robby (baixo/vocais) — mostram que não são uma *guitar band* com os habituais frescuras do gênero e aqui detonam um rock adrenalínico sempre pontuado por melodias bem-assobiáveis. *C.F.M.*



DOUBT
Jesus Jones
(Food/EMI-Odeon) 🎞 ◎

Todo mundo sabe que o sampler tornou-se peça básica de todo o pop desde a década passada. O que poucos aprenderam foi usá-lo tanto e tão bem quanto o Jesus Jones. Aliando guitarras e batida dance a esse aparelho chamariz de processos judiciais, conseguiram superar *Liquidizer*, o primeiro álbum.

E sem descambar para os modelitos posteurizadas que o acid house deixou, nem para a antropofagia descarada de bandos como 808:938 ou Pop Will Eat Itself. As faixas mais pesadas — "Trust Me" e "Two And Two" — lembram bastante o PWEI, mas as letras de Mike Edwards (figura central da banda) fazem a diferença. Em todas as músicas elas expõem as dúvidas e crises de identidade que todo mundo vive. "Who? Where? Why?" e "Are You Satisfied?" são as amostras mais explícitas. A única dúvida que não persiste é que este é um dos melhores discos do ano. *J.J.E.S.*

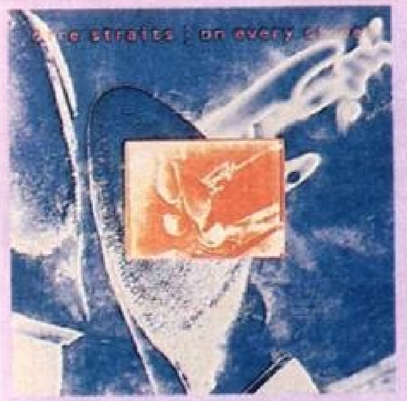
MENINOS DA RUA PAULO
Ira! (Warner) 🎞 ◎

Das páginas do romance infantojuvenil de Ferenc Molnár, o Ira! foi buscar o germe da internacionalização que pretendia injetar em seu sexto álbum. So que a conexão das ruas de Budapeste com as de Vila Mariana acabou em "contramão": a variedade de *moods* e estilos revisitados no disco, tendência que se faz notar desde *Psicoacústica*, quase sempre soa caricata, com resultado inverso ao desejado.

Na ânsia de fugir do óbvio, o Ira! criou coisas como "Etiópia" que dá a impressão de que estamos ouvindo o finado Bauhaus de Peter Murphy numa incursão pelo *world music*. "Imagens De Você" visa a linha "diversificada", e inclui uma batidinha à *la* Happy Mondays para se justificar, enquanto o trecho final de "Não Matarás" cisma com o onda house.

Nas poucas vezes em que o grupo não força a barra ("Amor Impossível", "Prisão Dos Ruas"], surgem os melhores momentos da gravação.

Portanto, já está passando da hora de "viver e aprender", rapaziada... *A.G.C.D.*



ON EVERY STREET
Dire Straits (Vertigo/PolyGram) 🎞 ◎

Seis anos depois do multiplatinado *Brothers In Arms*, eis que Mark Knopfler lança seu aguardado sucessor, agora efetivando como Dire Straits "oficiais" os tecladistas Guy Fletcher e Alan Clark, além do baixista e membro original, John Illsley.

Há tempos que Knopfler abandonou de vez a essência despojada e eficiente dos *early* Dire Straits, preferindo "sofisticar" — e aqui a inclusão de dois teclados é sintomática — o som do grupo com arranjos elaborados e outros instrumentos.

Se os velhos fãs devem torcer o nariz, por outro lado o plano deve dar certo no que se refere a vender milhões de discos e a encher estádios na turnê-monstro (mais de 250 shows) em que seguem. E para isso o álbum fornece farta munição.

Músicas como a faixa-título "My Parties" e "Planet Of New Orleans" podem ser definidas como um bizarro encontro entre J.J. Cale e o Supertramp, com Roger Waters dando uns palpites nos arranjos. Melodias simples mas cercadas de pomposidade, bem ao gosto do público das arenas. A ode ao "King" que abre o disco ("Calling Elvis") também se encaixa nesta categoria, bem como um improvável hibridismo entre Ry Cooder e o Procol Harum ("You And Your Friend").

Claro que não poderiam faltar os números "típicos" do grupo, representados pelo *slow rock* "When It Comes To You", o balanço de "The Bug" e até uma filha bastarda do hit "Money For Nothing": "Heavy Fuel". Tem até puxadinhas para os Notting Hillbillies, como na canção marcial "Iron Hand" e no embalo country de "How Long" — uma exceção feliz que encerra o disco.

De resto, há Knopfler encarnando Eric Clapton (na balada "Fade To Black") e parafraseando o velho hit dos Drifters e dos Stones, "Under The Boardwalk" (em "Ticket To Heaven"). Ou seja, muito pouco para seis longos anos de espera. OK, Knopfler continua tendo as manhas na guitarra, mas *On Every Street* só indica que ele está mais interessado em vender a marca Dire Straits. Isso é que é. *CELSO PUCCI*

THE FOREST
David Byrne
(Luaka Bop/Warner) 🎞 ◎

"Já foi dito que um mito é um sonho que nos ajuda a encontrar nosso lugar no mundo", escreve David Byrne na contracapa deste álbum de música instrumental. "Para mim, *The Forest* é menos um lugar que um processo. O processo de descobrir de que somos feitos."

Composta originalmente em 80 para uma peça de seu antigo amigo e eventual colaborador Robert Wilson, *The Forest* inspirou-se no mito sumério de Gilgamés, segundo Byrne. E dele extrapolou para uma reflexão sobre temas que seriam discutidos durante a Revolução Industrial na Europa e nos EUA. Mitos com os quais vivemos até hoje: de que a natureza seria bela e as cidades feias, que Deus seria parte da natureza e o homem, não.

Muito bem, posto isso, em que consiste *The Forest*? Os fãs de Byrne e dos Talking Heads podem ir passando ao largo: uma orquestra sinfônica e vozes (com Byrne soando estranhamente como Milton Nascimento na maior parte do tempo) são os instrumentos de escolha. Os longos temas — que têm títulos como "Ur" e "Machu Picchu" — são uma espécie de pastiche consciente dos grandes clichês sinfônicos do Romantismo ("a época da Revolução Industrial", indica Byrne na contracapa).

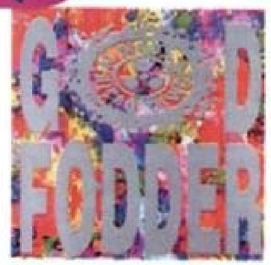
Isso faz com que *The Forest* torne-se algumas vezes arrebatador, ou em outras — como no estocelamento vocal de "Teotihuacan" — exasperante. Mas quem disse que rever a Revolução Industrial pelo mito de Gilgamés era fácil? *A.M.B.*

PORNOGRAFFITTI
Extreme (A&M/PolyGram) 🎞

O Extreme por pouco escapa de ser uma baba daquelas, até que surge das profundezas o guitarrista luso Nuno Bettencourt, que salva a pátria. O cara é dos bons mesmo. Quem duvidar que escute os riffs de "He-Man Woman Eater". Já os vocais ficam naquelas dobradinhas de *poseur*, tipo Mötley Crüe.

O disco tem três baladinhas para encher o saco, inclusive "More Than Words", que virou praga na MTV. Mas quando o negócio esquenta, funk e hard rock se misturam ao pop de maneira brilhante. *E.O.*

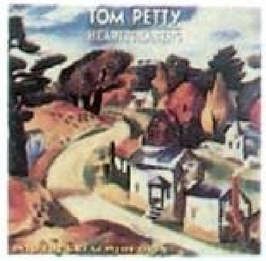
CASSETE ◎**COMPACT DISC**



GOD FODDER
Ned's Atomic Dustbin
(Furtive/Sony)

"A lixeira atômica do Ned", só pode ser uma referência a Angra dos Reis. Tem tudo a ver com o som: mal fabricado e não funciona. Música de guitarras carregadas, com dois baixos, que fica só na intenção de ser agressiva e energética. As heranças incluem Buzzcocks, Jesus And Mary Chain e Wedding Present. Só que sem a inovação do primeiro nem as melodias do segundo. E só com a esterilidade do terceiro.

Para piorar, o tom geral é de música feita por universitários: tudo meio calculado, meio panfletário, cheio de sacadinhas. Esse é o problema desse tipo de banda: cérebro demais, emoção de menos. Quer um exemplo? Se eles tivessem gasto no som só a metade do esforço usado para chegar no nome esperto, estaríamos chegando a algum lugar. *C.R.*

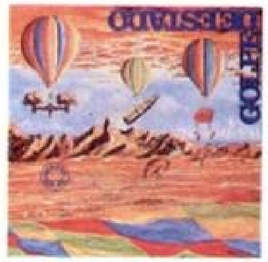


INTO THE GREAT WIDE OPEN
Tom Petty And The Heartbreakers
(MCA/BMG-Ariola)

Como em seu superelogiado álbum anterior (*Full Moon Fever*, de 89), este novo disco de Tom Petty — de volta com os Heartbreakers — mostra uma influência decisiva de sua passagem pelos Travelling Wilburys, em que trabalhou ao lado de velhos ídolos como Roy Orbison, Dylan e George Harrison.

Só que, na verdade, o maior responsável pelo sataque destes dois discos de Petty é outro egresso dos Wilburys: Jeff Lynne, um antigo chupador e diluidor dos Beatles, inicialmente com o Idle Race, depois com The Move e finalmente com a abominável Electric Light Orchestra. Ele é o produtor do álbum, ao lado de Petty e do heartbreaker Mike Campbell. Também é co-autor de oito das doze faixas e ainda atua como guitarrista, tecladista, baixista e vocalista!

Mas apesar de tanto Lynne, ate que Tom acerta em cheio em algumas composições, como a agressiva "All Or Nothin'" (com um riff arrebatador), o rock pesado de "Makin' Same Noise" e a faixa título, apesar de Petty soar como um clone de George Harrison. *A.C.M.*



QUARTO GOLPE
Golpe de Estado
(Eldorado)

É muito difícil para quem tem sangue nas veias não manter uma certa simpatia automática pelo Golpe de Estado. Graças à a) despretensão, b) credibilidade com a moçada dura, c) atitude que-se-dane-o-que-está-na-moda, d) competência musical e e) ataque ao vivo. Mas a maior banda hard de SP ainda não chegou lá junto ao público, crítica — e rádios, porque se dá para tocar hard rock gringo (Skid Row, Winger etc.) daria para tocar Golpe. Mas cabe ao próprio grupo mudar essa situação. E eles não se esforçam para isso no novo disco, que repete os duas folhas principais dos anteriores: mixagem frouxa e letras que desperdiçam o bom vocal de Catalau. E a capa é riponga demais, assusto. Ainda não foi desta vez, moçada. *A.F.*

HEARTS OF GOLD
(THE RAP COLLECTION)
Vários (SBK/EMI-Odeon)

Uma boa coletânea para quem quiser saber o que aconteceu de importante dentro do rap/hip hop nos últimos anos. Desde os afrocêntricos como A Tribe Called Quest, Queen Latifah e De La Soul — todos sampleando o seu próprios e qualquer coisa dos anos 60/70 — até os pesados Too Short, Run DMC e Boogie Down Productions. Da até para esquecer que Vanilla Ice e MC Hammer também estão no repertório. *J.F.*

GOO
Sonic Youth (Geffen/BMG-Ariola)

Podem achar loucura, mas a primeira comparação que me ocorre, ao tratar do Sonic Youth, é com o velho e bom King Crimson. Fora a obsessão de ambos com o trabalho de guitarra, e aquela cabecice típica das agremiações tramadas em meios intelectualizados, que diabos eles teriam em comum?

O que as figuras quase sempre mântricas e circulares da guitarra de Robert Fripp, líder do KC, têm a ver com o esporro detonado por Thurston Moore e Lee Ranaldo? Ou as próprias *personas* de Fripp, um inglês coxinha (alguém aí lembra de outro *guitar hero* tocando sentado?), e os maluquetes do SY percutindo suas inúmeras guitarras de afinações diversas em *jams* alucinadas?

Bom, ambos só cabem naquelas categorias destinadas aos inclassificáveis, tipo *free rock* ou *no wave*. Isso porque reúnem a energia em geral identificada com metal ou punk àquela carga conceitual que costuma identificar os "experimentais" — outro termo que não quer dizer nada exatamente.

Posto isso: *Goo* é o disco *menos* experimental do SY. Nunca houve tantas canções ("Dirty Boots", "Mote", "Disappearer"), ainda que todas com codas ou *intermezzos* disparatados. Nunca a baixista Kim Gordon cantou tanto (Moore faz a menor parte dos vocais) e com tanta doçura perversa, como em "Tunic" — uma inesperada e arrepiante homenagem póstuma a Karen Carpenter (?!).

Lógico, a zoeira vanguardista-apunkalhada de "Mary Christy", "Titanium Exposé", Cinderella", "Mildred Pierce", "My Friend Goo" e "Kool Thing" (um dueto feminista com Kim e Chuck D., do Public Enemy) está lá. E para garantir que o Sonic Youth, no fundo, continua o mesmo, "Scooter + Jinx" é um minuto de noise puro.

Taí a questão. Da ordem à desordem, o King Crimson comentava e enterrava uma década libertária — a dúbia passagem dos 60 para os 70. Dos 80 aos 90, o Sonic Youth, vai da desordem à ordem aparente. E aponta, influencia e organiza um período que promete reinventar o rock'n'roll.

ALEX ANTUNES

WHAT YOU SEE IS WHAT YOU SWEAT
Aretha Franklin
(Arista/BMG-Ariola)

O novo disco da diva original não pretende mudar o mundo, polemizar, ser censurado ou revolucionar o pop negro. É só um veículo para uma voz que faz até andróides se arrepiarem. A músico é soul-pop careta.

Mas é uma belíssima coretice, das baladas às dançantes. As primeiras incluem duas do velho Burt Bacharach, que prova ainda ter gás no bujão. Das últimas, o destaque fica com a versão house para "Everyday People", de Sly Stone — mas o remix, no lado dois. *C.R.*

LIVE AT APOLLO
B.B. King
(RCA/BMG-Ariola)
JOHN HAMMOND LIVE
John Hammond
(Rounder/Eldorado)

Uma pena que B.B. King ha muito tempo não repita a inspiração de seus discos ao vivo de outrora. Aqui, tocando no lendário teatro Apollo junto ao pianista Gene Harris e a Philip Morris Super Band (com treze metais!), o Blues Boy limita-se a versões requentadas de seus *standards* e uma infeliz retribuição de gentilezas para com o U2 ("When Love Comes To Town").

Prefira o *live* do branco John Hammond, gravado em 83 e com faixas memoráveis como a releitura de "One Kind Favor" (Blind Lemon Jefferson). *C.P.*

THE 2120 SESSIONS
André Christovam (Eldorado)
IV
Blues Etílicos (Eldorado)

Dois dos mais representativos nomes do cenário nacional de blues reaparecem com albuns bem diversificados, mas desiguais.

O André foi quem se deu melhor. Evoluiu um bocado, descolou de gravar este seu terceiro disco no estúdio 2120, de Chicago, com legítimos *bluesmen*. E está atingindo o *state-of-the-art* no timbre e na execução das guitarras. Agora, uma coisa é certa: se seu som foi depurado, o "conceito" ficou um tanto quanto bunda-mole.

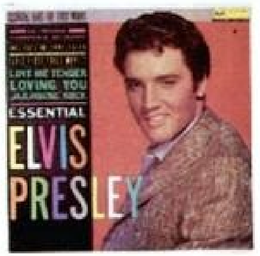
The 2120 Sessions é aberto com um blues invocado, "Lighthouse", mas que dura uma eternidade. Logo depois, outra instrumental: "Spear Dance", que juntamente com "Calliope", segue uma linha chegada na new age, típica de yuppie ouvir tomando uísque. Por outro lado, a harmonia bucólica de "Reverend Of High Sierras" assim como a versão lenta e esparramada para "Hard Times Killing Floor" (Skip James) são de tirar o chapéu.

Outros trunfos do disco são as canções do baixista J.W. Williams — "Don't Ever Leave Me" e "Don't Tell Me (What You've Been Doing)", esta em parceria com André — e do vocalista Andrew Odom: "Bad Feeling", "Made Up My Mind" e "I've Got A Feeling (I Have The Blues)". São blues com *grooves* de dar água na boca e compensam as eventuais pisadas na bola do guitarrista.

O Blues Etílicos também deu bons passos adiante, mas foi prejudicado pela produção excessivamente limpinha deste *IV*. Mesmo assim, os caras ousaram e acertaram. Tem *boogie*, o Ed Motta dando uma canja em "Hard Times", as gaitas nota dez de Flávio Guimarães (em perfeita combinação com as guitarras) e até um reggae ("Pelicano").

Ao contrário de André Christovam, o BE parece se voltar de novo ao Brasil, com algumas letras em português. Não foi dessa vez que acertaram plenamente, mas o velho Raul Seixas já tinha indicado que o caminho é por aí mesmo.

CARLOS EDUARDO MIRANDA



ESSENTIAL ELVIS
(THE FIRST MOVIES)
STEREO '57
(ESSENTIAL ELVIS VOL. 2)
HITS LIKE NEVER BEFORE
(ESSENTIAL ELVIS VOL. 3)
ELVIS COUNTRY
(I'M 10,000 YEARS OLD)
ELVIS IN PERSON AT THE INTERNATIONAL HOTEL, LAS VEGAS, NEVADA
Elvis Presley
(RCA/BMG-Ariola)

As décadas passam, mas o fascínio da obra de Elvis persiste indelével. Prova disto é o lançamento deste pacote de discos, que merece atenção não só dos fãs como de todos que se interessam pelos raízes do bom e velho rock'n'roll.

Obviamente, são as raízes do série *Essential Elvis* que despertarão interesse maior. Projetadas pelo *expert* Roger Sermon, com farto material iconográfico, capas duplas e textos minuciosos a cargo de críticos do porte de um Roy Carr, tais discos abrigam algumas das melhores musicas que "The Pelvis" registrou entre 57 e 58. Particularmente, as com Scotty Moore (guitarra), Bill Black (baixo) e D.J. Fontana (bateria). Aí estão as principais canções de filmes, como "Love Me Tender", "King Creole" e "Jailhouse Rock", bem como sobras de estúdio e versões alternativas de hits.

Como complemento, comparecem ainda o curioso *Elvis Country*, de 71, só com standards do country'n'western, e *Elvis In Person...*, um dos muitos discos ao vivo que ele veio a gravar no final dos anos 70. Onde, valem "Suspicious Minds" e o medley "Mystery Train/Tiger Man". *A.G.C.D.*

MEMORABILIA (THE SINGLES)
Soft Cell & Marc Almond
(Mercury/PolyGram)

O finado Soft Cell ainda ostenta o título das poucas bandas surgidas nos anos 80 que mantêm hits tocando por tanto tempo. Reunidas nesta coletânea estão algumas das faixas mais ecléticas do pop — "Tainted Love", "Torch" e "Say Hello, Wave Goodbye" — que até hoje insistem em aparecer, tanto nas rádios mais comerciais como nos porões mais underground.

E o disco é bom, principalmente para quem não quer perder o gostinho da década passada. *J.J.E.S.*

RÁPIDO E RASTEIRO

De início, duas boas coletâneas: **GREATEST HITS** (RCA/BMG-Ariola) dos **Eurythmics** reúne as faixas mais significativas do duo ao longo dos anos 80, enquanto a década anterior é representada por **THE BEST OF SPINNERS** (Atlantic/Warner), trazendo os maiores sucessos "mela-cueca" do grupo vocal. Cafonice exemplar, que dá gosto de ouvir. • Lançado pela Logic/BMG-Ariola, **HELLO AFRIKA (THE ALBUM)**, do **Dr. Alban**, é outro disco recomendável: *raggamuffin'* esperto e inspirado. • Daqui em diante, a baba impera. **AFTER THE RAIN** (Geffen/BMG-Ariola) das duas "loirosas" do **Nelson** é simplesmente lamentável. Roquinho FM de quinta categoria. Já o som cigano dos **Gipsy Kings** reaparece com **ESTE MUNDO** (Columbia/Sony), tão monótono e repetitivo como seus discos anteriores. Enquanto isso, **PREMÉ: ALEGRIA DOS HOMENS** (Eldorado) traz de volta o velho grupo paulista **Premé** de sempre: bom instrumental e as mesmas piadas bestas. • Por fim, a coroa **Bonnie Raitt** ressurgiu aclamada nos EUA com **LUCK OF THE DRAW** (Capitol/EMI-Odeon). Só que nem a produção de Don Was foi capaz de maquiar o caretice da compositora. Já os remanescentes do desastre aéreo que vitimou o **Lynyrd Skynyrd** em 77 remontaram a banda para o álbum **1991** (Atlantic/Warner). Deviam ter ficado nas glórias passadas. *EVIL OTTO*

GRAVADORA INDEPENDENTE: Devil — *R. 24 de Maio, 82, cjs. 343/345, São Paulo (SP) — (011) 221-2142*

BOLSA DE DISCOS

ANDRÉ FORASTIERI (OESP)	😐	😐	😐	😐	😐	😐
ANTONIO CARLOS MIGUEL (BIZZ)	😐	😐	😐	😐	😐	😐
ARTHUR G. COUTO DUARTE (O Estado de Minas, MG)	😐	😐	😐	😐	😐	😐
FÁBIO MASSARI (Rock Report, 89 FM, SP)	😐	😐	😐	😐	😐	😐
GASTÃO MOREIRA (MTV)	😐	😐	😐	😐	😐	😐
JIMI JOE (O Estado de S.Paulo)	😐	😐	😐	😐	😐	😐
ROBERTO MAIA (FM Brasil 2000, SP)	😐	😐	😐	😐	😐	😐
CELSO PUCCI (BIZZ)	😐	😐	😐	😐	😐	😐

ÓTIMO · BOM · INTERESSANTE · RAZOÁVEL · FRACO

COMPACT DISC

AO VIVO E DE BEM COM A VIDA

Deee-groovy!!!. Se o velho Jorge Ben — ao longo de três décadas, a maior orgia dos palcos brasileiros — ficou nos devendo um disco ao vivo, o bom **JORGE BENJOR** tira o atraso e acerta as contas.

Ao Vivo No Rio (Warner) é um CD duplo que traz uma bem azeitada encarnação da Banda Do Zé Pretinho desfilando colagens de antigos clássicos com canções da safra mais recente. São verdadeiros *extended remixes* fundindo às vezes até quatro músicas numa só levada. O repertório ampliado do CD chega a quarenta canções, ou mais de duas horas e vinte de som corrido. A guitarra de Benjor puxa a locomotiva, os metais despejam lenha na caldeira e a impagável conversa mole das letras completa a festa.

Alguém já tem aí a cédula para votar nos melhores de 91?

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

O PEQUENO NOTÁVEL

Dá para imaginar os CDs ficando tão "obsoletos" quanto o vinil em poucos anos? Pois é o que pode acontecer na disputa pela tecnologia de ponta em sistemas de gravação e reprodução. Não bastasse a disseminação do DAT (Digital Audio Tape) a ameaçar o monopólio do CD no som a laser, a concorrência agora começa a se acirrar.

A Philips já está anunciando que lançará no mercado em 92 um novo sistema: o DCC (Digital Compact Cassette). O projeto preserva todas as vantagens do DAT com a adicional de ser compatível com os aparelhos analógicos de cassete existentes. No entanto, se gravado/reproduzido em sistema digital, mantém a fidelidade intacta.

Para contra-atacar, a Sony também surgiu com um novo projeto, previsto para o fim do ano que vem. Trata-se do MD (Mini-Disco), similar a um disquete de computador e com pouco mais de seis centímetros de diâmetro. O pequenino é capaz de comportar 74 minutos de música, além de ser regravável (!).

Além disso, seu sistema de leitura ótico-magnética tem um chip de memória corretor que evita possíveis deslizes e pulos que eventualmente ocorrem nos aparelhos portáteis, tipo Discman.

O problema maior é que o MD não será compatível com os sistemas de CD disponíveis. Portanto, além de ter que providenciar um novo *player*, você ainda pode se deparar com outros embaraços. A versão MD de *Sgt. Pepper's*, por exemplo, teria que vir acompanhada de uma lupa para a apreciação dos detalhes da capa. *CELSO PUCCI*

Poucas e Boas
O fino do CD, aqui e lá fora

NACIONAIS

NEIL YOUNG: Rust Never Sleeps (Reprise/Warner). Citando de Elvis a Johnny Rotten, Young prova que "é melhor queimar que enferrujar" neste álbum clássico de 79. • **DR. JOHN: Gumbo** (Atlantic/Warner). As suingadas versões do pianista para velhos hits como "Iko Iko" e "Junko Partner". • **TAKE 6: So Much 2 Say** (Reprise/Warner). Nova investida do religioso sexteto vocal. • **ZZ TOP: The First Album** (Warner). A estréia (em 70) dos barbudos mais suspeitos do Texas.

IMPORTADOS

REMASTERS SERIES: Coleção da Atlantic que reedita em CD doze álbuns clássicos do soul, pinçados do catálogo da Stax/Volt. Cinco deles são de **OTIS REDDING: Pain In My Heart**, **Otis Blue** (ambos de 65), **Dictionary Of Soul**, **The Soul Album** (ambos de 66) e **King And Queen** (67, este com **CARLA THOMAS**). Completam o pacote **BOOKER T. AND THE MG'S** — com **Green Onions** (62) e **Back To Back** (67, um disco ao vivo dividido com **THE MAR-KEYS**) —, **RUFUS THOMAS** (**Walking The Dog**, de 63), **SAM AND DAVE** (**Hold On, I'm Comin'**, de 66), **EDDIE FLOYD** (**Knock On Wood**, de 67), **JOHNNIE TAYLOR** (**Wanted: One Soul Singer**, de 67) e **WILLIAM BELL** (**The Soul Of A Bell**, de 68). • **JOHN CALE: Fear/June, 1, 1974/Slow Dazzle** (Island). Trinca de discos que reflete importante fase na carreira do ex-Velvet (74/75). O que leva o título da data em que foi gravado ao vivo em Londres é co-creditado a **BRIAN ENO, KEVIN AYERS** e **NICO**. *C.P.*

GIOVENTÚ SONICA (11 YOUNG BANDS PLAY SONIC YOUTH'S SONGS) é uma coletânea do selo italiano Electric Eye, que reúne o melhor da cena independente daquele país no parêntese do guitarrismo visceral, homenageando o quarteto americano.

Entre boas versões como a dos **Starfuckers** para "Death Valley '69" ou a do **Carnival Of Fools** para "Shadow Of A Doubt", o destaque matador é a interpretação de "Teenage Riot", pelo recém-nascido **Saint Luka**: o vocal lânguido abandona o misto de inglês e italiano para falar uma língua-de-ninguém, envolta em teclados contorcionistas e guitarras de corte preciso.

Um dos selos psicodélicos mais cobiçados do momento é o holandês Resonance, de cujo catálogo despontam dois dos grupos mais ácidos de toda *freakland*.

O **Burning Rain** é uma típica cria dos celeiros sinistros do Texas e seu álbum de estréia, **VISIONS**, é uma verdadeira descida aos infernos da psicose no limite da *bad trip*. Para comprovar, basta ouvir a claustrofóbica versão ao vivo que fizeram para "2000 Light Years From Home", dos Stones.

Já o **Mandragora** é a alegria dos clubes e festivais *freaks* britânicos. Colidindo as atmosferas orientalizantes da Third Ear Band com o acid rock do Hawkwind, o segundo LP do grupo, **HEAD FIRST**, é uma celebração de riffs ácidos de guitarras pincelando cenários fantásticos. *FABIO MASSARI*

Um bom exemplo do *cast* da Sub Pop, a gravadora *indie* de Seattle, está na coletânea **THE GRUNGE YEARS**. Dentre os grupos mais conhecidos estão o **Nirvana** ("Dive"), o **Tad** ("Stumblin' Man") e o **Mudhoney** ("Come To Mind"), enquanto do lado dos novatos destacam-se os **Afghan Whigs** ("Retarded"), o **Love Battery** ("Between The Eyes") e os excepcionais **The Walkabouts** ("Long Black Veil").

O melhor é que todas as faixas são extraídas de singles ou só apareceram como bônus nos CDs das bandas. *LEANDRO FORTINO*

Com a produção impecável do rei do *noise* John Zorn, o disco de estréia da "outra" banda de Mike Patton é uma coleção de músicas anárquicas mas bem costuradas, cujo estilo está mais para Zappa e Primus do que para Faith No More.

Sob o pseudônimo de Vlad Dracula, Patton amplia o alcance de seu talento vocal, graças à alta qualidade do guitarrista Troy Spruance, do baixista Trevor Dunn, do baterista Danny Heifetz e dos saxofonistas Theo Lengyel e Bear McKinnon.

MR. BUNGLE (Warner) traz o ska inglês de algumas faixas — "Travolta" e "Stub (A Dub)" têm momentos de puro Madness — intercalado com metal, funk, jazz, ritmos quebrados e samples escatológicos/pornográficos ("Girls Of Porn" é um verdadeiro hino à masturbação). Ouça bem alto e não perca nem um segundo do humor e da inteligência desta obra-prima.

ANAMARIA G. DE LEMOS

Desde que voltou à ativa, o grupo alemão **Die Krupps** — um dos pais do eletro-industrialismo — lançou só um excelente single. "Germaniac". Passado um ano de longa espera, eis que surge **METALL MASCHINEN MUSIK (91-81/PAST FORWARD)**, um misto de frustração (por se tratar de uma coletânea) e prazer (por reunir realmente os melhores momentos de grupo, incluindo o tal single). Editada pela Mute sob a total aprovação de Daniel Miller, esta compilação serve para alimentar os fãs famintos que esperam ansiosos por material inédito. *ENEAS NETO*

Não é qualquer um que chega aos cinqüenta anos com o pique de **Frank Zappa**. Hiperativo, ele transferiu oito de seus discos-piratas para som digital, ao mesmo tempo em que editou o quarto volume da série **YOU CAN'T DO THAT ON STAGE ANYMORE** e os CDs duplos **MAKE A JAZZ NOISE HERE** e **THE BEST BAND YOU NEVER HEARD IN YOUR LIFE**. Este último, via selo Barking Pumpkin', capta FZ à frente de uma autêntica *big band*, em *takes* ao vivo da turnê mundial que fez em 88.

Ao todo, são 28 faixas, que incluem desde novos arranjos para clássicos dos Mothers até tratamentos *free* para os temas de "Bonanza" e "O Poderoso Chefão" e uma releitura reggae hilária de "Stairway To Heaven", do Led Zeppelin.

Uma "Mãe-Terra" obesa, com a pele queimada por venenos químicos e com o crânio trespassado pela radiação solar vinda do buraco da camada de ozônio: foi esta imagem dantesca que motivou **Julian Cope** em **PEGGY SUICIDE** (Island). No álbum duplo, abundam canções de protesto tocadas ao modo *acid trash*, como "Not Raving, But Drowning" (um réquiem para um garoto que se afogou em meio a uma *trip* de LSD) e a anti-AIDS "Safesurfer".

ARTHUR G. COUTO DUARTE

Stamp ano 07

CAMISETAS - BLUSÕES - JAQUETAS

MANGA CURTA E LONGA DE MOLETON ESTAMPA NAS COSTAS

100% ALGODÃO — MALHA MERCERIZADA — TAMANHOS P,M,G

CONFECÇÃO PRÓPRIA MODELAGEM GRANDE

RECEBA PELO CORREIO

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

TEL.: (011) 299-7478 — HORÁRIO: 2ª A 6ª DAS 8:00 ÀS 17:30 HS.

PREÇOS

Manga Curta (MC)	CR$ 8.300,00
Manga Longa (ML)	CR$ 10.700,00
Blusão (MT)	CR$ 14.400,00
Blusão C/Capuz (BZ)	CR$ 16.000,00
Jaqueta (JQ)	CR$ 18.000,00

VÁLIDOS ATÉ A PRÓXIMA BIZZ

DESCONTO! DESCONTO! DESCONTO! DESCONTO!

Envie Cheque nominal à Stamp ou Vale Postal (já com desconto) e ganhe 20% de desconto

Preencha o Vale da seguinte maneira:

Unidade Pagadora: Ag. Shopping Center Norte — Código: 403369 —

Destinatário: Stamp — Rua Embaixador João Neves da Fontoura, 156

CEP 02013 — São Paulo — SP

ENTREGA URGENTE — SEDEX A COBRAR

— Você receberá um aviso do Correio para retirar seu pedido na agência mais próxima de sua casa num prazo de cinco dias, senão a encomenda será devolvida.
— A despesa postal será paga pelo cliente na retirada do pedido.
— O preço do Sedex varia de acordo com o peso da encomenda e localidade.
— O pedido será entregue num prazo de 24 a 48 horas após nossa postagem.
— Todas estampas estão disponíveis nos cinco modelos. Camiseta Manga Curta (MC), Manga Longa (ML), Blusão (MT), Blusão com Capuz (BZ) e Jaqueta (JQ).

ESTOU ENVIANDO CHEQUE ☐ OU VALE POSTAL ☐ NO VALOR DE .....

PREFIRO PAGAR AO RECEBER AO VALOR DE .....

REF.	TAM.	MOD.	REF.	TAM.	MOD.

BIZZ 76

NOME:

END.:

CEP: CID.: EST.:

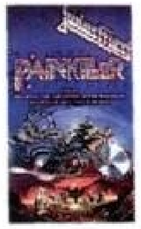
ASSINATURA:

R.G. TEL.:

Envie este cupom ou cópia p/ Stamp. Rua Emb. João Neves da Fontoura, 156

CEP 02013 — São Paulo — SP

VÍDEOS



JUDAS PRIEST
Painkiller
Direção: vários. 1990.
(37 min., hi-fi stereo, SMV)

No frigir dos ovos, o Judas Priest (junto com o Motörhead) é a banda de heavy metal mais influente dos 70. Comprove neste vídeo, que compila clássicos absolutos como "Freewheel Burning", "Hot Rockin'", "Breaking The Law" e "You've Got Another Thing Coming" (esta ao vivo). Curiosa: a música mais pesada da coletânea é justo "Painkiller", do disco mais recente do Judas. *Defenders of the faith*, mesmo. *A.F.*

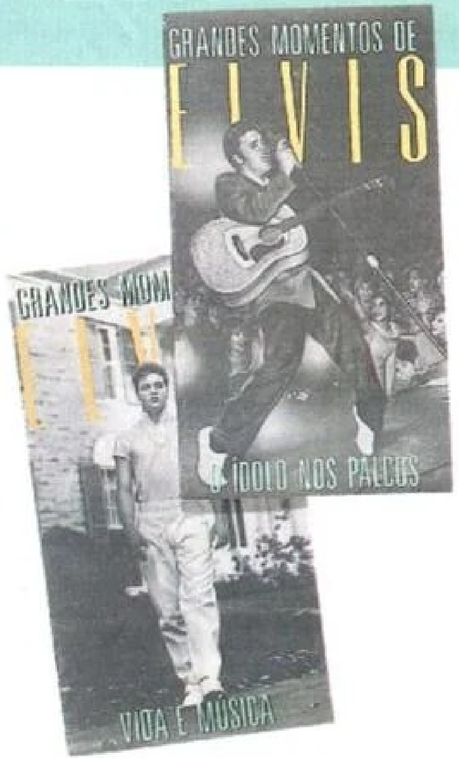
VÁRIOS
Def Jam Classics
Direção: vários. 1990.
(60 min., hi-fi stereo, SMV)

O cast da gravadora, o mais quente do hip hop, comparece com imagens esclarecedoras sobre o estilo de cada um. LL Cool J é cool mesmo, nas faixas "I'm Bad", "Jingling Baby" e "Big Ole Butt", este um verdadeiro festival de bumbuns femininos. Slick Rick, os branquelos do 3rd Bass e o bandido Nikki D não fazem feio.

Mas o melhor mesmo são os palhaços Beastie Boys, detonando uma festa *nerd* em "Fight For Your Right (To Party)", e o militante Public Enemy. Em especial o aterrador "Fight The Power", direção de Spike Lee. Coisa grossa. *A.A.*

VÁRIOS
Live! At Knebworth 1, 2 e 3
Direção: vários. 1990.
(195 min., hi-fi stereo, Movieplay)

Registro meio morno do festival beneficente inglês, dedicado à recuperação de crianças deficientes pela música. Os volumes estão disponíveis em separado. O primeiro é eclético: Tears For Fears, Cliff Richards acompanhado dos velhos e bons Shadows, Phil Collins e Paul McCartney. Só curiosidade. No segundo, Status Quo (ugh!) abre para uma boa seqüência. Eric Clapton no palco, vão chegando Mark Knopfler e os Dire Straits e depois Elton John para um som maneiro. O último volume começa bem, com outro encontro memorável: Robert Plant e Jimmy Page. Mas o Genesis e o Pink Floyd, descaracterizados, cortam o barato. *A.A.*

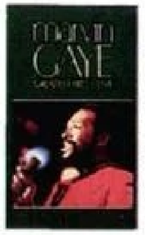


ELVIS PRESLEY
Grandes Momentos
Produção: Andrew Solt. 1989.
(104 min., Abril)

Então você pensa que sabe o que é rock'n'roll? Digamos que, até ver os dois volumes deste vídeo, você tem uma vaga idéia. *Os Grandes Momentos* justificam o título, reunindo pela primeira vez históricas apresentações em TV e fartas raridades ao vivo, além de trechos dos filmes e documentários mais conhecidos — tudo costurado pela narrativa de um dos melhores amigos de Elvis.

A edição nacional é caprichadíssima, incluindo os livretos do *expert* Peter Guralnick. Uma única mancada grave: depois da apresentação domesticada no show de TV de Steve Allen, Elvis teria dito que foi "a primeira vez em que senti que havia me vendido" *(sold out)* e não "a primeira vez em que senti o meu sucesso", como está na tradução.

Para ver e rever. Uma aula de história, absolutamente indispensável. *J.A.L.*

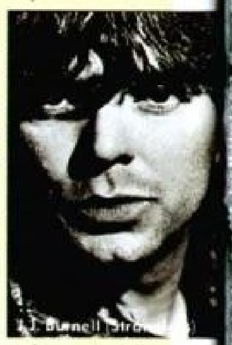


MARVIN GAYE
Greastest Hits Live
Direção: Charles Leeuzenhamp. 1989.
(55 min., hi-fi, SMV)

O show, gravado na Holanda em 78 — praticamente idêntico ao álbum *Live At The London Palladium* (77) —, começa meio frio e chocho. A partir de uma interpretação quase obscena de "Let's Get It On", deslancha maravilhosamente para culminar no dueto com Florence Lyles (revivendo hits dos anos 60 com Kim Weston e Tammi Terrell) e numa arrepiante "Distant Lover". *J.A.L.*

IMPORTADOS

CHUCK BERRY *Rock & Roll Music (EUA, 1969-1991, BMG)* D.A. Pennebaker, o diretor de clássicos musicais como *Monterey Pop*, *Jimi Hendrix Live At Monterey 1967* e *Ziggy Stardust*, capturou Berry frente a frente com uma platéia hippie de Toronto, em 69. E se Chuck vinha de uma década meio ingrata, perdendo em "modernidade", de repente ele descobre que já é nada mais nada menos que uma lenda viva do rock'n'roll. Um cruzamento curioso de gerações • **VÁRIOS** *Punk In London '77 (Inglaterra, 1977-1991, Pinnacle)* Em setembro de 77, uma equipe alemã desembarcou em Londres para registrar 14 dias do auge (e início da decadência) do caldeirão punk. Entre shows e entrevistas, são 90 minutos com o Jam, Clash, Chelsea, Boomtown Rats, Stranglers, X-Ray Spex, Killjoys (Kevin Rowlands antes dos Dexys Midnight Runners!) e o escambau. Parece que foi ontem — e foi mesmo • **AC/DC** *Clipped (Inglaterra, 1991, Warner)* Cinco vídeos, vinte minutos: é o saldo dos australianos no triênio 88-90, com os clips registrados a partir dos álbuns *Blow Up Your Video* e *The Razors Edge*. Nada muito criativo, mas é o estilão dos caras • **EMF** *Smoke The Banger (Inglaterra, 1991, EMI)* Meia hora de clips, material ao vivo e de bastidores. Comprovando mais uma vez que os moleques, se são altamente vendáveis para as adolescentes histéricas, também dão de fazer um sonzão ("Long Summer Days", ao vivo em Londres, é a demonstração!). *A.A.*



T-Shirts HIPGNOSIS
THE VISUAL OF ROCK
Camisetas, Patches, e Acessórios de Rock em Geral...
VISITE NOSSA LOJA !
Rua : 24 de Maio, 62 - Lojas 460/462 - 3º andar
Informações e Vendas :Fone (011) 222-4552

040 - IRON MAIDEN · 032 - SEPULTURA* · 048 - SEPULTURA · 030 - IRON MAIDEN
041 - GUNS N' ROSES · 046 - FAITH NO MORE* · 066 - FAITH NO MORE* · 020 - GUNS N' ROSES
031 - METALLICA · 027 - DESTRUCTION · 044 - RATOS DE PORÃO* · 061 - SEPULTURA* · 025 - SLAYER · 042 - MOTORHEAD · 050 - METALLICA
023 - IRON MAIDEN · 004 - JANIS JOPLIN · 008 - METALLICA · 035 - POISON · 010 - METALLICA · 034 - SKID ROW* · 001 - PINK FLOYD
015 - SLAYER · 017 - IRON MAIDEN · 058 - DORSAL ATLÂNTICA* · 057 - RED HOT CHILLI P. · 019 - BLACK SABBATH · 055 - MORBID ANGEL · 051 - KREATOR
024 - RAUL SEIXAS · 063 - DEEP PURPLE · 052 - MEGADETH · 006 - GUNS N' ROSES · 054 - SCORPIONS · 047 - JUDAS PRIEST · 037 - LED ZEPPELIN

Envie cupom ou xerox para Hipgnosy T. Shirt
Caixa Postal 20.025 - Cep: 02597 - São Paulo - SP.
ou faça seu pedido pelo telefone
Pague somente ao retirar no correio.
Despesas postais não inclusas
Preços especiais para Revendedores.
Fone: (011) 222-4552
SOLICITE CATÁLOGO COMPLETO
Visto que fiz o pedido,comprometo-me à retirá-lo no correio no prazo máximo de 3 dias após receber o aviso.
Ass. _____ R.G. _____

Temos camisetas Manga curta / longa
Malha Simples (M.S.) Malha Especial (M.E.)
Manga Curta (M.S.) Branca — Cr$ 5.500,00 Preta — Cr$ 6.000,00
Manga Curta (M.E.) Branca — Cr$ 7.500,00 Preta — Cr$ 8.000,00
Manga Longa (Malha Especial) Branca — Cr$ 9.500,00 Preta — Cr$ 9.500,00

VALOR DA COMPRA..... + despesas de Sedex.

REF.	COR	MOD.	REF.	COR	MOD.	REF.	COR	MOD

Nome:.....
End.:..... Cid.....
Est..... CEP ..... Fone.....

CATÁLOGO

Prince (Purple Rain - EUA)

PRINCE

GETT OFF

TRANSE

How can I put this in a way
so as not 2 offend or unnerve
but there's a rumor going all 'round
that U ain't been gettin' served
they say that U ain't... U know what
I'm, baby, who knows how long?
It's hard 4 me 2 say what's right
when all I wanna do is wrong

Como eu poderia colocar isto de uma maneira
que não ofendesse ou perturbasse
mas corre por toda parte um boato
de que você não está sendo servido
dizem que você não está... você sabe o que
como em, baby, quem sabe há quanto tempo?
é difícil para mim dizer o que é certo
quando tudo que quero fazer é errado

(refrão)
Gett off — 23 positions in an one-night stand
gett off — I'll only call U other, if U say I can
gett off — let a woman be a woman and a man be a man
gett off — if U want 2, baby... here I am

(refrão)
Transe — 23 posições numa transa de uma só noite
transe — só te telefono depois se você disser que eu posso
transe — que a mulher seja mulher e o homem seja homem
transe — se você quiser, baby... aqui estou

I clocked the jizz from a friend of yours
named Vanessa Bet
she said U told her a fantasy
that got her all wet
something about a little box
with a mirror and a tongue inside
what she told me then got me so hot
I knew that we could slide

Descolei a ficha com uma amiga sua
chamada Vanessa Bet
ela disse que você contou para ela uma fantasia
que a deixou toda molhada
algo sobre uma caixinha
com um espelho e uma língua dentro
o que ela me contou então me deixou tão quente
fiquei sabendo que poderíamos seguir em frente

(repete refrão)
(repete refrão)

Now, little cutie, I don't drinkin', but scope this
I was just thinking: U + me — what a ride!
if U was thinking the same, we could continue outside
lay your pretty body against a parkin' meter
slip yo dress down like
I was strippin'
a Peter Paul's Almond Joy
lemme show U, baby, I'm talented boy

Não, gostosinha, não andei bebendo, mas saca essa
eu estava só pensando: você + eu — que viagem!
se você estava pensando o mesmo, podemos continuar lá fora
encoste seu belo corpinho num parquímetro
puxe seu vestido para baixo como se
eu estivesse arrancando a embalagem
de um Almond Joy® da Peter Pan
deixe eu te mostrar, baby, que sou um garoto talentoso

Everybody grab a body
pump it like U want somebody

Todo mundo, agarre um corpo
agitem como quem deseja alguém

Oooh, I think I like it with the dress half-on
I'll zip it far enough 2 see the crack-o'-dawn
don't worry 'bout the bust
I'm gonna lock-up every door
then we can do it in the kitchen, on the floor
in the bathroom standing on the tub and holding on the rod
in the closet underneath the clothes and oh, my God
in the bedroom, on the dresser
with your feet in the drawers
in the pantry, on the shelf
I guarantee U won't be bored
the pool table, yeah, move the stix
and put the 8-ball where it's sure 2 stick
Dudley do no wrong 2 night
if Neil just let him lick it

Oooh, acho que gosto disso com o vestido pela metade
vou abrir o zíper até dar para ver a abertura da aurora
não se preocupe com nenhum flagra
vou trancar todas as portas
aí podemos fazer na cozinha, no chão
no banheiro, de pé na banheira, segurando no porta-toalhas
no armário embutido, debaixo das roupas e oh, meu Deus
no quarto, em cima da penteadeira
com seus pés nas gavetas
na despensa, em cima da prateleira
garanto que você não vai ficar entediado
a mesa de bilhar, yeah, ponha os tacos para o lado
e coloque a bola oito onde ela certamente há de calar
Dudley não vai fazer nada errado esta noite
se o Neil apenas deixá-lo barbarizar

(repete primeira estrofe)
(repete primeira estrofe)

Gett off...
Transe...

* Marca de chocolate com amêndoas

SKID ROW
AC/DC
RDP
METALLICA
IRON MAIDEN
Ref. 277
Ref. 266
Ref. 267
Ref. 263
Ref. 270
Ref. 282
Ref. 269
MOTÖRHEAD
the Cure
RED HOT CHILI PEPPERS
POISON
Ref. 272
Ref. 278
Ref. 276
Ref. 280
Ref. 275
Ref. 268
Ref. 279
PREÇOS VÁLIDOS ATÉ A PRÓXIMA EDIÇÃO DA REVISTA.
LANÇAMENTO!
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
NEW ROCK
FONE: (011) 280-2952
As bermudas (BM) e as calças (CL) estão disponíveis nos tamanhos M e G, nas seguintes referências:
BM1 CL1 : METALLICA
BM2 CL2 : GUNS N'ROSES
BM3 CL3 : FAITH NO MORE
BM4 CL4 : IRON MAIDEN
BM5 CL5 : CAVEIRAS
BM6 CL6 : SKID ROW
BM7 CL7 : SEPULTURA
PREÇOS
Manga Curta (MC): Cr$ 8.300,00
Manga Larga (ML): Cr$ 10.700,00
Blusão Moleton (MT): Cr$ 14.400,00
Calça Moleton (CL): Cr$ 14.400,00
Bermuda (BM): Cr$ 7.900,00
Ref. 273
Ref. 281
Ref. 246
Ref. 264
Ref. 283
Ref. 244
Ref. 242
Ref. 240
Ref. 258
Ref. 257
Ref. 218
Ref. 162
Ref. 249
Ref. 251
Ref. 256
Ref. 215
Ref. 252
Ref. 255
Ref. 193
Ref. 180
Ref. 200
Ref. 032
Como comprar: Sedex a cobrar (entrega urgente)
• Envie o cupom ao lado corretamente preenchido para NEW ROCK, Rua Capote Valente, 242 - CEP 05409 - São Paulo - SP.
• Junto de seu pedido, deve ser enviado um "cheque nominal" à NEW ROCK, no valor de Cr$ 2.500,00 (preço médio das despesas de Sedex). Esse valor varia de acordo com o peso, localidade e valor de compra.
• O Correio mandará um "aviso de chegada" entre 8 e 15 dias, após o envio de sua carta.
• Você tem o prazo de 7 dias corridos para retirar a encomenda no Correio, após receber este aviso.
• A encomenda só é paga ao ser retirada no Correio.
SÓ ATENDEREMOS SEU PEDIDO SE AS DESPESAS DO SEDEX FOREM ANTECIPADAMENTE PAGAS".
Total da Compra Cr$:
Nome:
End.:
Nº:
CEP:
Fone:
Cidade:
Est.:
RG:
Assinatura:
Mod. Ref. Cor Tam
TAMANHOS: P, M e G
NEW ROCK - RUA CAPOTE VALENTE, 242 - CEP 05409 - SÃO PAULO - SP - FONE (011) 280-2952

PARADA

LEITORES

1	(5)	*Live At The Brixton Academy*	**Faith No More**	PolyGram
2	(6)	*Out Of Time*	**R.E.M.**	Warner
3	(1)	*The Real Thing*	**Faith No More**	PolyGram
4	(2)	*Arise*	**Sepultura**	Eldorado
5	(10)	*Mais*	**Marisa Monte**	EMI-Odeon
6	(15)	*Behaviour*	**Pet Shop Boys**	EMI-Odeon
7	(N)	*Crazy World*	**Scorpions**	PolyGram
8	(17)	*The Doors*	**Trilha Sonora/Doors**	Warner
9	(N)	*Que Fim Levou Robin?*		Warner
10	(3)	*Appetite For Destruction*	**Guns N'Roses**	BMG-Ariola
11	(N)	*Joyride*	**Roxette**	EMI-Odeon
12	(14)	*GN'R Lies*	**Guns N'Roses**	BMG-Ariola
13	(8)	*Anarkophobia*	**Ratos De Porão**	Eldorado
14	(N)	*Body To Body*	**Technotronic**	PolyGram
15	(N)	*Slave To the Grind*	**Skid Row**	Warner
16	(9)	*Immaculate Collection*	**Madonna**	Warner
17	(19)	*No Prayer For The Dying*	**Iron Maiden**	EMI-Odeon
18	(R)	*Beneath The Remains*	**Sepultura**	Eldorado
19	(20)	*Rust In Peace*	**Megadeth**	EMI-Odeon
20	(N)	*Now*	**Mucky Pup**	Eldorado

Para a *Parada dos Leitores* foram consideradas as cartas recebidas até 20/09/91.

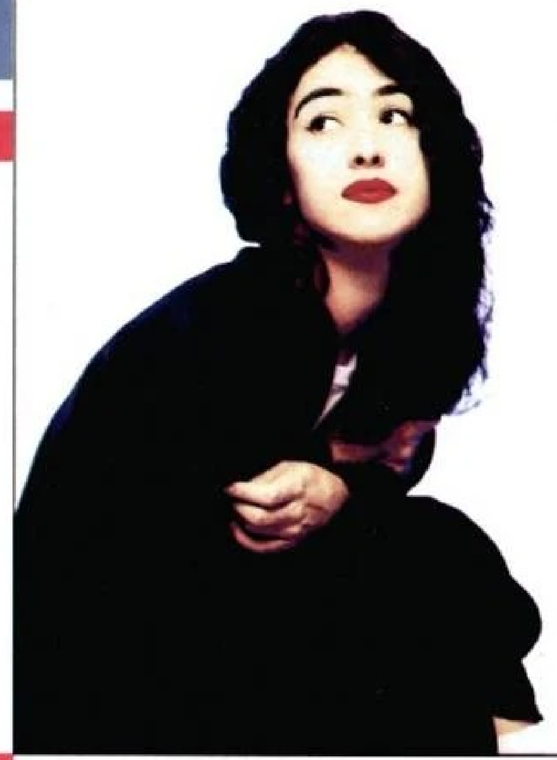
LOJAS

1	(N)	*Use Your Illusion*	**Guns N'Roses**	BMG-Ariola
2	(N)	*Slave To The Grind*	**Skid Row**	Warner
3	(3)	*Arise*	**Sepultura**	Eldorado
4	(1)	*Out Of Time*	**R.E.M.**	Warner
5	(2)	*Live At The Brixton Academy*	**Faith No More**	PolyGram
6	(4)	*Mais*	**Marisa Monte**	EMI-Odeon
7	(N)	*Bossanova*	**Pixies**	Stiletto
8	(N)	*On Every Street*	**Dire Straits**	PolyGram
9	(N)	*F.U.C.K.*	**Van Halen**	Warner
10	(N)	*Seal*		Warner
11	(N)	*Metallica*		PolyGram
12	(N)	*Electronic*		Warner
13	(N)	*Here Comes Trouble*	**Scatterbrain**	Sony
14	(N)	*Mama Said*	**Lenny Kravitz**	EMI-Odeon
15	(16)	*Unforgettable*	**Natalie Cole**	Warner
16	(N)	*Now*	**Mucky Pup**	Eldorado
17	(N)	*Union*	**Yes**	BMG-Ariola
18	(N)	*Goo*	**Sonic Youth**	BMG-Ariola
19	(N)	*The Beast Inside*	**Inspiral Carpets**	Warner
20	(N)	*Doubt*	**Jesus Jones**	EMI-Odeon

Lojas consultadas: Cânbio Negro e Cogumelo Discos (Belo Horizonte), Pop Som e Casa Coelho (Porto Alegre), Modern Sound, New Sound e Sub Som (Rio de Janeiro), Temptation Discos e Jukebox (Curitiba), 220 Volts (Campinas), Barstoe Allins, Bossa Nova, Musical Box, Wob Bop e Woodstock Discos (São Paulo), em 23/09/91.

(N) Novidade, (R) Retorno, ( ) Posição Anterior

Leitor, sua participação é importante! Escreva para BIZZ — *Parada Dos Leitores*: Av. Nações Unidas 5777, CEP 05479, São Paulo, S.P., dizendo quais foram os discos que você comprou este mês. Se possível, acrescente seu telefone para que voltemos a consultá-lo quando necessário.



Kevin Mazur/ EFI

EUA

LPs

1	(1)	*Unforgettable*	**Natalie Cole**	Elektra
2	(2)	*Luck Of The Draw*	**Bonnie Raitt**	Capitol
3	(N)	*Metallica*		Elektra
4	(N)	*C.M.B.*	**Color Me Badd**	Giant
5	(3)	*For Unlawful Carnal Knowledge*	**Van Halen**	Warner
6	(8)	*Cooleyhighharmony*	**Boyz II Men**	Motown
7	(5)	*Out Of Time*	**R.E.M.**	Warner
8	(4)	*Gonna Make You Sweat*	**C + C Music Factory**	Columbia
9	(6)	*Spellbound*	**Paula Abdul**	Virgin
10	(N)	*Time, Love And Tenderness*	**Michael Bolton**	Columbia

Compactos

1	(1)	"(Everything I Do) I Do It For You"	**Bryam Adams**	A&M
2	(N)	"The Promise Of A New Day"	**Paula Abdul**	Virgin
3	(2)	"Every Heartbeat"	**Amy Grant**	A&M
4	(6)	"Fading Like A Flower"	**Roxette**	EMI
5	(4)	"It Ain't Over 'Till It's Over"	**Lenny Kravitz**	Virgin
6	(N)	"Time, Love and Tenderness"	**Michael Bolton**	Columbia
7	(N)	"Things That Make You Go Hmmmm..."	**C + C M F**	Columbia
8	(N)	"Wind Of Change"	**Scorpions**	Mercury
9	(N)	"I Adore Mi Amor"	**Color Me Badd**	Giant
10	(N)	"Crazy"	**Seal**	Warner

GB

LPs

1	(2)	*Essential Pavarotti II*	**Luciano Pavarotti**	Decca
2	(1)	*Love Hurts*	**Cher**	Geffen
3	(5)	*Out Of Time*	**R.E.M.**	Warner
4	(3)	*Seal*		ZTT
5	(N)	*Metallica*		Vertigo
6	(N)	*Andrew Lloyd Weber's Joseph...*	**Elenco original**	Really Usefull
7	(N)	*Sugar Tax*	**OMD**	Virgin
8	(6)	*Greatest Hits*	**Eurythmics**	RCA
9	(N)	*Fellow Hoodlums*	**Deacon Blue**	Columbia
10	(N)	*Move To This*	**Cathy Dennis**	Polydor

Compactos

1	(1)	"(Everything I Do) I Do It For You"	**Bryam Adams**	A&M
2	(8)	"I'm Too Sexy"	**Right Said Fred**	Tug
3	(3)	"More Than Words"	**Extreme**	A&M
4	(N)	"Set Adrift On Memory Bliss"	**PM Dawn**	Gee Street
5	(N)	"All 4 Love"	**Color Me Badd**	Giant
6	(5)	"Move Any Mountain"	**Shamen**	One Little Indian
7	(N)	"Gett Off"	**Prince And The New Power Generation**	Paisley Park
8	(N)	"Charly"	**Prodigy**	XL
9	(N)	"Sunshine On A Rainy Day"	**Zoe**	M&G
10	(N)	"Winter In July"	**Bomb The Bass**	Rhythm King

INDEPENDENTES GB

LPs

1	(1)	*To Mother*	**Babes In Toyland**	Twin Zone
2	(2)	*Baby Teeth Therapy*		Wiija
3	(5)	*En-Tact*	**Shamen**	One Little Indian
4	(N)	*Queer*	**Wolfgang Press**	4AD
5	(N)	*Every Good Boy Deserves Fudge*	**Mudhoney**	Sub Pop
6	(N)	*Coastal*	**Field Mice**	Sarah
7	(N)	*Wasteland*	**Radical Dance Faction**	Earth Zone
8	(9)	*Frequencies*	**LFO**	Warp
9	(4)	*Electronic*		Factory
10	(N)	*Strangelitude*	**Ozric Tentacles**	Dovetail

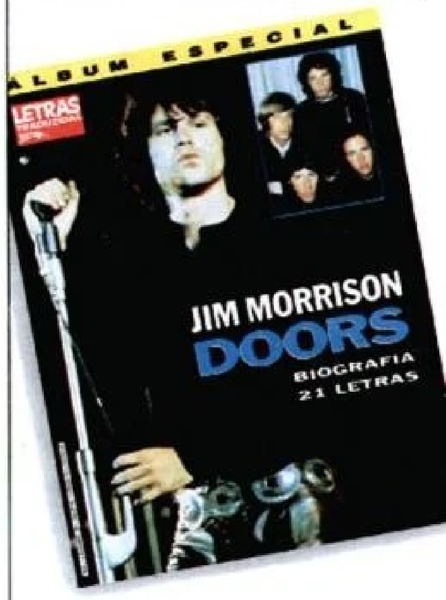
Compactos

1	(1)	"Move Any Mountain"	**Shamen**	One Little Indian
2	(N)	"Run I Want You"	**Spiritualized**	Dedicated
3	(N)	"Let It Slide"	**Mudhoney**	Sub Pop
4	(N)	"Star Sign"	**Teenage Fanclub**	Creation
5	(8)	"Sandblasted"	**Swervedriver**	Creation
6	(N)	"Don't Fight It Feel It"	**Primal Scream**	Creation
7	(9)	"F*in' Drivin' Or What"	**Silverfish**	Creation
8	(2)	"Flying"	**Telescopes**	Creation
9	(N)	"45"	**Revolver**	Hut
10	(N)	"Indian Rope"	**Charlatans**	Dead Dead Good

Fontes: *Cash Box* e *Billboard* (EUA) de 24/08/91 a 14/09/91, *Melody Maker* e *New Musical Express* (GB) de 10/08/91 a 07/09/91.

21 LETRAS

DO MAIOR DE TODOS.



Jim Morrison é o maior mito do rock: ele e The Doors revolucionaram o mundo pop. Letras Traduzidas preparou para você um Álbum Especial com uma biografia completa e 21 letras no original e em português do líder morto precocemente. Ele vai parecer mais vivo do que nunca para você.

Álbum Especial Letras Traduzidas: Jim Morrison falando a nossa língua.

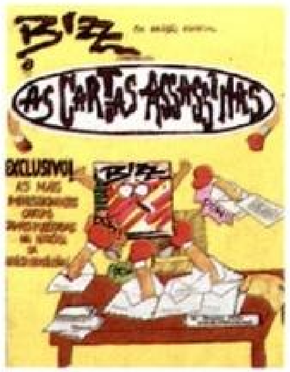
NAS BANCAS

EDITORA AZUL

CARTAS

EDIÇÃO ESPECIALÍSSIMA

A palavra final na polêmica rock X dance music, que andou esquentando esta edição, ficou com a leitora Ana Paula Ulida, de São Bernardo do Campo/SP. Ela montou toda uma "edição especial" de BIZZ — intitulada "As Cartas Assassinas" — parodiando esta sanguinária batalha com humor finíssimo e grande capricho visual. Um caso de talento "revisteiro" nato que emocionou toda a Redação. Infelizmente, não temos espaço para reproduzi-la na íntegra. Mas são coisas assim que dão gosto de fazer a BIZZ.



HUMBERTO GESSINGER

Estou simplesmente indignado com o *Entrevistão* de agosto. Desperdicei meia hora lendo isso! Essa figurinha é a pessoa mais falsa do Brasil. Ganha até do nosso presidente. É ainda tenta dar uma de *bad boy* original e trabalhador. A resposta sobre a mesmice das letras foi das mais cínicas. Não vou comprar o próximo disco por causa da pérola "nem todo nonsense faz sentido". Tenho pena do povo do Rio Grande do Sul, que provavelmente vai ficar conhecido como conterrâneo do loirinho mais medíocre do Brasil.

André Panico
São Paulo, SP

Quero parabenizar o sr. Antônio Carlos Miguel pelo ótimo trabalho! Há muito tempo esperava por essa superentrevista.

Alzira Inoumne
São Paulo, SP

Vocês, críticos, dizem que odeiam os Engenheiros, mas publicaram um *Entrevistão* absurdo em que as respostas se desviaram totalmente das perguntas. Humberto, um dia ainda vou pegar um táxi com você na direção. Talvez para isso você tenha coordenação, porque para tocar baixo...

Anderson e Flávio
São Paulo, SP

Adorei o *Entrevistão* com o Humberto. Foi demais.

Marcelo Castelo Branco
São Luís, MA

Depois de nos ter feito presenciar um dos piores momentos da história do rock nacional, o LP *O Papa É Pop*, seu "Paquita Gessinger" decidiu, com sua breguice desmedida, gravar "Herdeiro Do Pampa Pobre". Que raios o partam...

Ronnie Almeida
Manaus, AM

O *Entrevistão* da BIZZ de agosto foi o melhor que eu já li. Além do entrevistado ser o melhor cantor e compositor do Brasil, as perguntas foram excelentes. É por reportagens assim que a BIZZ é a melhor revista cultural do país.

Arthur Celso Macieo, AL

Não sei como vocês não cansam dos Engenheiros. Que eles sejam o xodó das "menininhas" e dos "jovens intelectuais", vá lá. Mas que tal vocês equilibrarem talento e espaço? Talento não vejo muito, mas espaço é o que não falta.

Joaquim Leal
Curitiba, PR

Parabéns pelo super *Entrevistão*.

Marcio Mitio Konno
São Paulo, SP

Em matéria de cafonice, vocês extrapolam. Entrevistar alguém como Humberto Gessinger, que se considera o Cristo com aqueles cabelos longos e barba, é deprimente.

Gisluine Bremer
Blumenau, SC

Tenho dezesseis anos e amo demais o Humberto Gessinger. Hoje comprei a BIZZ só pela entrevista dele. Não consigo entender por que falam tão mal dos Engenheiros em algumas edições e, em outras, falam bem. Só tem um nome para isso: falsidade!

Andréia
Rio de Janeiro, RJ

Essa foi uma das entrevistas mais ridículas que já li. Infelizmente, comprei *O Papa É Pop* e quase o quebrei. Acho que o último disco deles que prestou foi *A Revolta Dos Dândis*.

Renato Fagundes
Rio de Janeiro, RJ

Achei a entrevista com o Humberto realmente ótima.

A.F.
Itajaí, SC

Que idéia é essa de entrevistar aquele babaca do Humberto Gessinger? Porto-alegrense fodido e falso!

Sepulcro
Palmitos, SC

Lamentáveis as extensas matérias com Guns e Humberto Gessinger. Até quando?

Sugarcubes Birthday Fan Club
Rio de Janeiro, RJ

GUNS DE NOVO

Achei uma babaquice essa contradição sobre o GNR. Primeiro o André Forastieri crucifica o grupo. No mês seguinte, eles são matéria de capa.

Marcos Vinícius Miguel
São Paulo, SP

É a primeira vez que compro essa revista e leio alguma coisa certa sobre o Guns.

Satha Pereira
Rio de Janeiro, RJ

Achei ridículo vocês meterem o malho na "eca" *poseur* do Guns e, na revista seguinte, fazerem uma matéria de capa com a banda. Um pouquinho de coerência não faz mal a ninguém.

André Pimentel
Rio de Janeiro, RJ

Espero que a BIZZ continue publicando matérias ótimas como essa ("Doce Ilusão") e não cometa mais o erro da edição 72, que só falou mal deles.

Márcio Cleff
Pelotas, RS

Vocês não conseguem se decidir se gostam ou odeiam o Guns N' Roses.

Leonardo Bittencourt
Rio de Janeiro, RJ

Amei, delirei quando vi Axl Rose na capa. Agora, sim, a revista está começando a melhorar.

Alessandra Durgante
Santiago, RS

Dessa vez foi demais para o meu estômago! Guns N'Roses de novo? Vocês colocaram aquela baleia do Axl Rose na capa só para vender mais? Não entendo como uma banda podre como essa merece tanta atenção de uma revista que parecia sensata.

Carina Guaname
São Vicente, SP

O que salvou a BIZZ desse mês foi a reportagem sobre o Guns.

Vanise Perez de Souza
Ribeirão do Pinhal, PR

Eu sei que a capa com o Guns vai trazer lucros homéricos para a Editora Azul, mas os críticos devem estar pondo os dedos nas entranhas para vomitar. Eu compreendo e sinto muito, por mim e por vocês.

Adérico Publio
São Paulo, SP

Amei ver Axl na capa e ler aquela superentrevista!

Marina Giovannetti
Duartina, SP

Gostaria de parabenizar a BIZZ pelas ótimas matérias que tem feito com o Guns N'Roses.

Alessandro Death Rose
Cachoeira do Sul, RS

Queridos leitores e leitoras, PELA ULTIMA VEZ, pedimos encarecidamente que entendam o seguinte: a BIZZ não é um Frankenstein de vários cérebros pensando igual. É uma revista — tem uma linha editorial que está acima das opiniões individuais dos membros de sua Redação. Que essas opiniões sejam diferentes entre si é sinal de democracia, não "incoerência". Outra coisa: não confundam críticas/resenhas com reportagens/entrevistas. Deveria ser óbvio que a revista é feita para atender os leitores e não para promover os gostos pessoais da Redação.

NOVO METAL

Tenho acompanhado o movimento metálico desde o surgimento da *new wave of british heavy metal*. Já naquela época, eu, o público e as revistas especializadas perguntavam: o metal tem futuro? Creio que a resposta já veio há muito tempo. Hoje ela está sendo comprovada, não só através da BIZZ, mas também de estouros como o do Guns N'Roses, Faith No More e Sepultura. Aquilo que em meados dos 80 parecia uma moda passageira tornou-se um movimento sólido. É natural que, com a inovação trazida pelas novas bandas como Metallica, Anthrax, Celtic Frost, Faith No More etc., houvesse uma evolução desse gênero musical.

Rui Mendes Junior
Maringá, PR

Escrevo para expressar minha opinião sobre a reportagem *O Novo Metal*. Concordo que o heavy esta sofrendo influências de outros gêneros, o que não sei se é bom ou mau. Para alguns grupos (F.N.M.) deu certo, mas para outros... Acho, principalmente, que não devem ser esquecidos os grandes monstros de heavy e thrash metal. Afinal, foram grupos como Metallica e Iron Maiden que realmente inovaram. Todas as bandas que hoje fundem metal e outros estilos foram influenciadas por eles.

Rogério Martins
Manaus, AM

Grande a matéria *O Novo Metal*. Bandas novas, estilo novo, sujeira nova. Vamos colocar o pessoal para ouvir RHCP, Danzig, Mudhoney, 247 SPYZ etc.

Fábio Padaratz e Cyntia Hosang
Florianópolis, SC

É isso aí. Aos leitores Rogério e Rui, que também fizeram reparos a discografia da matéria, explicamos que a lista não é completa. Ela só inclui os discos mais representativos desse tipo de crossover e os já lançados no Brasil (alguns inclusive fora de catálogo). Mas o título de um dos discos do Anthrax está errado: realmente é Persistence Of Time, *e não* Ride The Time. *E, como nota o leitor Paulo Osório (Rio de Janeiro, RJ), o Mother's Milk, dos Red Hot Chili Peppers, foi lançado com faixas a menos e recolhido pela EMI-Odeon. A tragem foi praticamente toda incinerada. É Brasil.*

SEM PRECONCEITO

Talvez uma das saídas para a BIZZ enfrentar o marasmo pop que aí está seja abrir outras seções como a de Rene Ferri (que tem brindado o amante-pesquisador do pop sem preconceitos com curiosidades deliciosas) ou retomar a série de matérias especiais sobre os nomes célebres do rock. Nostalgia? Prefiro chamar de cultura. Para tanto é preciso uma conscientização conjunta (utópica?) de leitores/gravadoras/críticos, no sentido de aplacar a obsessão novidadeira-consumista. Cadê os LPs dos Doors, que já eram para ter sido relançados? E há tanta coisa que poderia voltar à baila: Them, Troggs, Animals, Zombies, T.Rex... Que tal uma abordagem caprichada do Creedence e seus três maravilhosos primeiros LPs? Ou do soul e do blues negro, duas das grandes histórias discográficas não contadas dos anos 60? Ou da Jovem Guarda? Talvez falar um pouco do Steely Dan, os inventores do som FM. Ou de KC And The Sunshine Band — que, com meia dúzia de compactos, vale mais do que 99% do som dançante atual. Que diferença há entre "Inside Out", dos Mighty Lemon Drops, e uma pérola pop perdida como "Sunday Sun" ('69), de Neil Diamond? Ou entre *Let The Snakes Crinkle Their Heads To Death*, considerado o melhor LP de Felt, e um LP instrumental de nossa Jovem Guarda, o *Lafayette Apresenta Os Sucessos Vol. 2*? Renato Russo é Jerry Adriani melhorado... No pop é preciso esquecer os preconceitos e abrir o coração (e os bolsos...). Tenho uma teoria de que o melhor rock da década passada teve seu apogeu e declínio nos anos de 80 e 81, quando Joe Jackson, Stray Cats, Magazine, Clash, Joy Division, Jam, A Certain Ratio, Cramps, Specials, Madness, Grace Jones, Cure, Echo & The Bunnymen e U2, entre muitos outros, lançaram alguns de seus melhores LPs, muitos sem edição nacional ou nunca reeditados. Que tal começar a levantar estas lebres?

Sérgio Domingos
Londrina, PR

BEATLES & COVERS

Escrevo para responder à carta da leitora Cristiane Carvalho na edição 73. Os Beatles, banda cover? Só se forem outros Beatles"!! O que os maravilhosos rapazes de Liverpool faziam no começo de sua carreira era apenas a interpretação de algumas músicas dos ídolos da época. Nem quando ainda tocavam no Cavern Club, no início dos anos 60, os rapazes chegaram a se caracterizar ou tocar "igualzinho" aos seus ídolos (mostre-nos uma foto de John Lennon vestido de Buddy Holly ou de George Harrison vestido de Chuck Berry). O que você escreveu, meu bem, é a mesma coisa que dizer que o Guns N'Roses são banda cover de Bob Dylan apenas porque cantaram "Knockin' On Heaven's Door" em seus shows. Além de tudo, ofender os Beatles é ofender a honra do rock.

Lillian Oliveira
São Paulo, SP

O GÊNIO VOLTOU

Adorei a matéria do Luiz Henrique Romanholli sobre o Cassiano, este gênio que ficou distante das paradas até hoje. Nossa, música precisa de seu talento e voz cristalina.

José Elio
Lagarto, SE

ERRAMOS

Na seção *Cartas* de BIZZ 73, o endereço do fã-clube do Que Fim Levou Robin? está incorreto. O endereço certo é *Fã Clube Oficial Q.F.L.R.?*, Caixa Postal 276, Boa Vista — RR. No *Showbizz* da mesma edição, na nota "Mondo Mídia", faltou explicar que o disco de Fred Schneider, de mesmo nome, é um relançamento reembalado de *The Shake Society*, de 84. Na seção *Discos*, na resenha do LP *Here Comes Trouble*, do Scatterbrain, a primeira faixa citada chama-se "Down With The Ship", e não "That's That". Outra música citada é "Dont Call Me Dude" — e não "Don't Call" e "Dude", como foi publicado. Os dois últimos erros foram apontados pelos leitores Carlos Eduardo Ramos (Rio de Janeiro, RJ), Claudia Moreira (Rio de Janeiro, RJ) e Sandro Fusari (Santo André, SP).

O QUE A CABEÇA NÃO ENTENDE, O CORAÇÃO NÃO SENTE.

Letras Traduzidas existe para você sentir toda a emoção que cada música contém. Não basta ter as letras no original: é preciso conhecê-las em português, para entender tudo muito bem. Este mês, Letras Traduzidas traz: EMF em dose dupla, Vanilla Ice, Bryan Adams, Lenny Kravitz, Bon Jovi, Bliss e muito mais.

Letras Traduzidas de novembro: o rock falando a nossa língua.

LETRAS TRADUZIDAS
BIZZ
EMF
VANILLA ICE
Lenny Kravitz
Crystal Waters
BON JOVI · BLISS · DIRE STRAITS · CATHY DENNIS · POP WILL EAT ITSELF · DIVINYLS · NELSON · LOUIS ARMSTRONG · PETER GABRIEL · K.L.F

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Editor: Alex Antunes
Editores-Assistentes: Carmilo Rocha (Showbuzz), Celso de Sales Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil (Conexão Brasil), Antonio Carlos Miguel (Rio)
Editor de Arte: Richard Kovacs
Chefe de Arte: Antonio Fernando Morra
Diagramador: Renato Yada
Coordenadores de Produção: Odete Garcia, Wagner Almeida Silva
Colaboradores: Textos - Alexandre Guimarães, Arthur G. C. Duarte, Carlos Eduardo Miranda, Eduardo Fiejo, Enéas Neto, Evil Otto, Fábio Massari, Jan Fjeld, José Júlio de Espinto Santo, Leandro Fortino, Luiz Vespúcio, Pedro Lobo, Renê Ferri. **Fotos:** Fabiana Figueiredo, Silvio Vieças, Ricardo Siqueira, Rui Mendes. **Revisão:** Alexandre Ortiz Ramos. **Arte:** Alexandre Mattar. Correspondente (Londres) Anamaria G. de Lemos.

PUBLICIDADE

Diretor: Pompeu Andreatta Filho
Supervisor: Rosangela Cassiano
Contatos: Arthur Oliveira Neto, Silvia Lima
RJ-Contato: Lídia Camarinti
Coordenação: Marcelo Pires

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Miranda Gomes
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Fábio Bueno

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE:
Diretor Geral: Carlos Alberto Araujo
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Estúdio Fotográfico-Gerente: Fábio Cabral
Abril Press-Gerente: Judith Baroni
Dpto. de Documentação-Gerente: Suzana Camargo
Correspondentes (Los Angeles): Ana Maria Bahiana, José Emilio Rondeau
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Diretora Responsável: Liege de Lima Dória Castelli

BIZZ 75 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, tel. (011) 211-7866, CEP 05479, Caixa Postal 66254, CEP 05389, Telex (011) 83178, Fax (011) 813-9115. **Telegramas:** Editabril Abrilpress. **Rio de Janeiro:** R. Marechal Câmara, 160 - 15º andar S. 1533/34, CEP 20020, Telex (021) 36890, Fax (021) 532-1489, Telegramas: Editabril Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2585, Comarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor da capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigido de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Data de circulação: novembro/91. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

BIZZ

SERVIÇO AO ASSINANTE, ÀS SUAS ORDENS.

Você conta com um Serviço de Atendimento pronto a resolver dúvidas e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Porque a sua satisfação é o nosso compromisso maior.
Se ocorrer algo que esteja em desacordo com esse compromisso, por favor, entre imediatamente em contato conosco por carta ou pelos telefones abaixo, fornecendo seu código de assinante, que você encontra na etiqueta da sua revista.
Estamos à sua disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

Como falar conosco

Escreva para:

EDITORA AZUL
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Se preferir, telefone das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Brasília - Tel. (061) 321-6855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Porto Alegre - Tel. (0512) 29-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina.
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome:

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____ CEP _____

Bairro _____ Estado _____ Tel _____

Cidade _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço: BIZZ-76

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FLUIR
Surf

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE E VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

FAMA
Música e Ídolos

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação, Publicidade e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05457, TEL.: (011) 211-7866, Telegramas: Editabril Abrilpress.
Rio de Janeiro
Rua Marechal Câmara, 160 - 15.º andar s/ 1533/34, CEP 20020, Telex (021) 36890, Fax (021) 532-1489.
Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077, Phone (213)474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRIL-PA, FAX (00331) 42.66.13.99
PUBLICIDADE
Brasília-DF: Espaço Com. Integrada e Cons. Ltda. Fones: (061) 223-2134/226-3644 FAX
Belo Horizonte: M. A. M. Public. e Repres. Ltda., rua Timbiras, 1560, conj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140, Fone: (031) 222-5594
Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502, cj. 206, CEP 90060, Fone: (0512) 23-9528, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224, Florianópolis - SC; (041) 234-0439, Curitiba PR
Norte-Nordeste: Toda-Mídia Representações Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

SOUND BIZZ SHOPPING

AGORA FICOU FÁCIL: AQUI VOCÊ ENCONTRA UM ROTEIRO COM OS MELHORES EM DISCOS, CDs, K7s E VÍDEOS MUSICAIS

DISCOS E VÍDEO S13 studio 13

QUEM TEM QUE SER ALTO É O SOM, NÃO O PREÇO DO DISCO

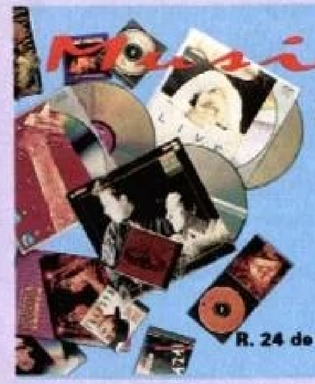
Center Norte - Fone: 298-2865
Av. Tucuruvi, 215 - Fone: 204-0310
Maxi-Shopping - Fone: 732-1044
Jundiaí
Sider Shopping - Fone: 42-4225
V. Redonda
M.C.K.

DJ SHOPPING
A LOJA DOS DISC-JOCKEYS

Discos importados, acessórios, cursos para DJ's, e a Grife DJ SHOPPING — jaquetas, camisetas, bonés, moletons, botons...
VOCÊ PODE RECEBER EM SUA CASA
USE O TELE DJ — (011) 251-3239
Loja 1 — Av. Paulista, 2001, sbl. 28, CEP 01311, tel.: (011) 251-3239
Loja 2 — Av. Paulista, 807, tel.: (011) 285-0931
Agora também em Belém, Manaus, Rio Grande do Sul, Santo André - SP
Contato Franchising
(011) 289-3572 — FAX: (011) 533-5898

FORNECEMOS PARA AS MELHORES DISCOTECAS DO BRASIL.

Music Store



GRANDE VARIEDADE EM TÍTULOS IMPORTADOS

SOLICITE CATÁLOGO

♩ Compact Discs
♩ Video Lasers
♩ Fitas VHS (oficiais)
♩ 12" Remix (vinil)

Entregas para todo o Brasil com os melhores preços.
Aceitamos encomendas no atacado e varejo.

R. 24 de Maio, 116, lj. 29. Tels. (011) 228-6049/223-1174

VIDEOS

SHOWS, CLIPS E MUITO MAIS

U-2, DEEP PURPLE, DIRE STRAITS, FAITH NO MORE, PUBLIC ENEMY, OZZY OSBORNE, JUDAS PRIEST, ROLLING STONES, MADONNA, BLUES, REGGAE, DANCE.

E outras 800 fitas VHS. Catálogo grátis na primeira compra.
Receba na sua casa (Sedex) em 7 dias após o pagamento.

Caixa Postal 3.670 - São Paulo - Cep 01060
Fone (011) 290-2899
das 12 às 21 horas

BIZZ

A revista Bizz atinge 658.000 leitores
(Pesquisa Marplan).

Faixa etária de 15 a 19 anos - 60%
de 20 a 29 anos - 30%
Classe A B - 56%
Sexo Masculino - 51%
Sexo Feminino - 49%

Para anunciar seu produto ou serviço em INSTRUMENTOS E ACESSÓRIOS ligue para (011) 211-7866, r. 224 Editora Azul.

KUBIKULUM ROCK

10%

CDs

americanos • europeus • japoneses
catálogo completo • novidades semanais
anéis • camisetas • moletons • etc.
enviamos para todo o Brasil

KUBIKULUM ROCK
R. 24 de Maio, 92, 2º and., Dpto. 401, CEP 01041, FONE/FAX: (011) 231-5010, SP

THE TEMPTATIONS
ANTHOLOGY (1973)

Mais de um leitor já escreveu reclamando do "excesso" de coletâneas nesta seção da revista. Ora, assim como existem LPs "básicos", há uma quantidade infinitamente superior de singles abençoados. O velho e bom compacto simples é o veículo pop por excelência. E os Grandes Artesãos do gênero têm de ser caçados em antologias.

Os Temptations são um caso extremo e seus "melhores momentos" só caberiam mesmo num disco triplo como este. Não surpreende que, em pesquisa feita este ano pela revista *Entertainment Weekly*, o grupo tenha sido eleito o quinto "melhor de todos os tempos" — atrás apenas de Beatles, Stones, Beach Boys e Led Zeppelin. Obviamente, são eles os "Beatles" da população negra dos EUA.

Não é só a quantidade de hits clássicos que torna um disco pequeno para estes monstros do soul. Existem pelo menos dois diferentes "sons" sob a marca registrada Temptations. Um é doce, enxuto, aerodinâmico e mortalmente romântico — forjado entre 63 e 66, quando 99% do material era composto e produzido pelo laureado poeta (e vice-presidente da Motown) William "Smokey" Robinson. "My Girl" diz tudo.

O outro é áspero e explora as possibilidades de um estúdio com megalomania maior que a de Phil Spector — é a fase 67-72, sob o comando de Norman Whitfield. Culmina com a inesquecível introdução em cinemascope de "Papa Was A Rolling Stone". Os puristas preferem, claro, a era Smokey, mas (1) os purtstas são sempre um saco; (2) em Whitfield, sob influência de Curtis Mayfield e Sly Stone, estão os embriões de toda a transição soul/disco do início dos 70: Isaac Hayes, Barry White, Gamble & Huff.

Essa simples divisão funcionaria perfeitamente, não fosse bagunçada pelas mudanças na formação do quinteto. Inicialmente batizados de Primes, se anunciavam como o único grupo vocal com cinco solistas: os fundadores Eddie Kendricks (tenor) e Paul Williams (barítono), mais Otis Williams (barítono/segundo tenor), Melvin Franklin (baixo) e Eldridge Bryant (barítono). Com essa formação, gravaram quatro compactos — os dois últimos já pela Motown.

Os passos decisivos vieram com a entrada de David Ruffin no lugar de Bryant e a entrega do grupo aos cuidados de Smokey Robinson. Lançado em janeiro de 64, "The Way You Do The Things You Do" — o terceiro compacto com Ruffin — chegou ao 11.º posto do *Hot 100* dando os arremates finais na fórmula mágica. Piano e palmas reforçando o bumbo, leveza e alegria na melodia e letra típicas de Smokey, a cama macia dos vocais para o célebre falsete de Eddie Kendricks planar até o Olimpo.

Como em toda a era de ouro da Motown, nunca é demais enfatizar a genialidade de sua banda cativa, os Funk Brothers. Earl Van Dyke (piano), Marv Taplin e Robert White (guitarras), Benny Benjamin (bateria) e James Jamerson (reconhecido hoje como o inventor da "linha de baixo") tinham uma sólida formação jazzística que jamais transparecia: só importavam os ganchos rítmicos e melódicos, em canções que pareciam compostas exclusivamente de refrãos. Isto, claro, até Norman Whitfield subverter completamente o "som Motown", já com a segunda geração dos Funk Bros, marcada pela guitarra de Melvin Ragin, mais conhecido como Wah-Wah Watson.

Outro ingrediente essencial era a voz rouca de David Ruffin, um dos grandes cantores soul. Logo após seu maior momento com o grupo, "Just My Imagination" (71), saiu e se deu bem, principalmente com o megahit "Keep On Truckin' ". Mas a linha de montagem da Motown era mais sólida. Damon Harris cantava igualzinho a Kendricks, assim como Dennis Edwards substituiu Ruffin à altura, em 68. Os Temptations só perderam a graça quando Whitfield perdeu o interesse pelo grupo.

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

O SOL NA ILHA
OUVE A 96.9
O MAR CANTA
A LUA CURTE

UNIÃO

ALTERNATIVA

• ILHA DE SANTA CATARINA •

O DIA EM QUE WEMBLEY TREMEU

LIVE BABY LIVE

PolyGram

O INXS devastou, despejou doses múltiplas de adrenalina sobre a platéia do estádio de Wembley. Quase 80 mil pessoas. O concerto foi gravado em 48 canais e filmado em 35mm. A Polygram está lançando, simultaneamente, o disco e o vídeo desta arrasadora apresentação do INXS. Voe até a loja mais próxima. Poucas vezes você viu e ouviu algo parecido.
LIVE BABY LIVE. Nas lojas. Lançamento em CD, LP, K-7 de Cromo e Vídeo.

INCLUINDO: NEW SENSATION, BY MY SIDE, NEED YOU TONIGHT, NEVER TEARS US APART E MUITO MAIS!

sete sete cinco

TRÊGA-R GEN ... ATO MARCONDES SALGADO 74